



DIAGNÓSTICO PRECOCE

Casos de câncer infantojuvenil quaduplicam na PB em 10 anos

Registros passaram de 92, em 2015, para 376, em 2025; especialistas alertam para os sinais da doença. **Página 6**

Foto: Carla Miranda



Revitalização do Centro Histórico foca em novos empreendimentos

Lei Municipal que cria o Distrito Criativo, em João Pessoa, busca fomentar a economia na região, a partir do desenvolvimento de indústrias e do estímulo à inovação. Iniciativa também pretende ampliar a utilização do espaço urbano e incentivar a preservação do patrimônio cultural da cidade.

Página 5

Profissionais de diferentes áreas prestam homenagem ao Homem de Areia

Depoimentos de pessoas que conheceram José Américo de Almeida revelam diálogos com o escritor e político paraibano.

Página 25



Ilustração: Tônio

Paisagens naturais de Patos são um convite ao turismo de aventura

Escalada, rapel, trilhas, ciclismo e canoagem estão entre as atividades que podem ser desfrutadas no município.

Página 8

Foto: Mirvan Lúcio/Arquivo pessoal



■ “Não sei se melhor seria envelhecer por igual física e mentalmente ou ter o juízo a andar sem obediência ao fôlego e aos pés”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Haverá quem diga que aquele tamarindo nunca daria frutos. Que o solo é pobre. Mas as árvores têm seu próprio calendário”.

Eduardo Augusto

Página 3

Estado tem a 2ª maior produção de fava do país

Com uma safra anual de 1.965 toneladas de grãos, proveniente da agricultura familiar em 123 municípios, a Paraíba destaca-se no mercado nacional, incentivando tradição, comércio e gastronomia.

Página 17

Começam os confrontos pelo acesso à elite

Cruzeiro e Auto Esporte iniciam, hoje, as disputas por uma das duas vagas na Primeira Divisão do Campeonato Paraibano de Futebol de 2027. Spartax e Atlético Santa Rita duelam amanhã.

Página 23

■ “Quando escrevo um verso, um versinho qualquer, sem pretensão e com singeleza, o mundo, à minha volta, muda de cor”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11



Editorial

Um novo capítulo

Todos os dias, em número variado, a depender do tamanho e do potencial econômico de cada cidade, homens e mulheres, de diferentes idades e profissões, saem de casa para o trabalho, sem hora certa para voltar. Muitos dependem do transporte público — ônibus, trens, metrô —, outros preferem lançar mão de serviços alternativos, locomovendo-se acomodados no banco de um automóvel ou na garupa de uma motocicleta.

Milhares de profissionais, oficialmente registrados, não têm tempo para cuidarem bem de si mesmos, imagine para os familiares e amigos. Em uma cidade como São Paulo, por exemplo, a jornada começa ainda de madrugada, dentro de um transporte qualquer, e vai iniciar seu término à noite, a bordo de um ônibus, trem ou metrô, isso se algum tipo de acidente não adiar, para muito mais tarde, a chegada em casa.

Mães e esposas têm a carga mais pesada. O banho noturno às pressas é seguido pelos afazeres domésticos: dar o mínimo de atenção a filhos e marido, lavar a roupa, arrumar a bagunça da casa ou do apartamento, preparar a comida do dia seguinte... Depois, cair na cama, porque ninguém é de ferro. Nisso, quando a cena de um sonho feliz começa a se desenhar dentro da mente também exausta, o despertador anuncia que é hora de se levantar.

Não raro, boa parte das horas dos sábados, domingos e feriados é consumida no ambiente de trabalho, seja para cumprir a jornada legalmente estabelecida, seja para fazer horas extras que tonifiquem os enfraquecidos salários — às vezes acontece também de se cobrir a falta de um colega. Em todas as regiões do país, muitas e variadas razões impossibilitam uma numerosa mão de obra de melhorar a qualidade de vida, em vários sentidos.

O quadro acima desenhado é precário, no que diz respeito ao real dimensionamento das dificuldades que afetam a vida de milhões de brasileiros e brasileiras trabalhadores, mas dá uma ideia da importância da decisão histórica do Senado Federal ao aprovar a Proposta de Emenda Constitucional que sepulta a escala 6x1 de trabalho, aquela que os obriga a trabalhar seis dias e folgar apenas um durante a semana.

Para muitos privilegiados pela sorte econômica, é difícil entender por que a nova escala de cinco dias trabalhados e dois de descanso é considerada um marco na luta por direitos trabalhistas no país. A jornada menor representa um recuo na exploração de uma força de trabalho que praticamente não conhece o descanso e o convívio familiar, além de ter subtraídas, também, horas preciosas que poderiam dedicar ao estudo e à diversão.

Artigo

Rui Leitão
iurleitaot@hotmail.com

A nova era não veio

Em 2012, escrevi um artigo movido pela esperança de que as transformações políticas que sacudiam o mundo, especialmente a chamada “Primavera Árabe”, anunciariam o início de uma nova era para a humanidade. Naquele momento, as revoltas populares contra ditadores que se mantinham havia décadas no poder pareciam confirmar a expectativa de uma profunda mudança na organização das sociedades. Mais de uma década depois, vale a pena retomar aquela reflexão e confrontar as esperanças de então com a realidade que vivemos.

Há milhares de anos, a civilização maia desenvolveu conhecimentos extraordinários de astronomia, matemática e medição do tempo. Ao longo dos anos, interpretações esotéricas de seus calendários passaram a associar o período compreendido de 1999 a 2012 a grandes transformações na consciência humana e na organização da sociedade. Segundo essas interpretações, chegaríamos ao fim de um ciclo histórico marcado pelo medo, pela opressão e pela desarmonia, abrindo caminho para uma nova realidade, fundamentada no amor, na verdade, na solidariedade e no respeito entre os seres humanos.

Será que a Primavera Árabe tinha alguma relação com as profecias dos Maias? Ou estaríamos diante de uma coincidência entre narrativas sobre o destino da humanidade?

Em 2011, a Primavera Árabe levou milhões de pessoas às ruas em diferentes países do norte da África e do Oriente Médio. Na Tunísia, a revolta popular derrubou Zine El Abidine Ben Ali, que governava o país havia mais de duas décadas. No Egito, Hosni Mubarak deixou o poder após quase 30 anos de governo. Na Líbia, a insurreição contra Muammar Kadafi, que comandava o país havia mais de quatro décadas, terminou com sua morte.

A história demonstrou, portanto, que derrubar um ditador não significa, necessariamente, conquistar a democracia. A transformação de uma sociedade exige instituições sólidas, participação popular, respeito aos direitos humanos e compromisso permanente com as liberdades públicas. O autoritarismo não desapare-

ce simplesmente porque um governante perde o poder. Ele pode sobreviver nas instituições, nas práticas políticas e na mentalidade de uma sociedade.

É justamente nesse ponto que a reflexão iniciada em 2012 ganha atualidade. O mundo continua dividido entre forças que defendem a democracia e movimentos que procuram enfraquecê-la. Governantes eleitos pelo voto popular, em diferentes países, têm recorrido à intolerância, ao ataque às instituições, à perseguição de adversários e à manipulação da informação para concentrar poder. Ao mesmo tempo, a desinformação, o discurso de ódio e a exploração política do medo dificultam o diálogo e alimentam a polarização. Não foi a humanidade que deixou definitivamente para trás os sistemas de opressão. O que a história nos ensina é que nenhuma conquista democrática está garantida para sempre.

Em 2012, eu esperava que aquele fosse o ano de uma grande transformação mundial. Hoje, olhando para o caminho percorrido, compreendo que as mudanças históricas não obedecem a calendários proféticos. Elas são construídas por homens e mulheres que se recusam a aceitar a opressão como destino inevitável. Não precisamos acreditar em profecias para desejar um mundo melhor. Precisamos acreditar na capacidade humana de transformar a realidade.

A nova era não virá por profecia. Será obra daqueles que não desistem de lutar por um mundo de liberdade, justiça, paz e dignidade humana.

“

O que a história nos ensina é que nenhuma conquista democrática está garantida para sempre

Opinião

Foto Legenda

Evandro Pereira



Visita ao Museu da Cidade

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O placet de Coriolano

Não sei se melhor seria envelhecer por igual física e mentalmente — o descenso em harmonia com o corpo e a mente — ou ter o juízo a andar sem obediência ao fôlego e à disposição das pernas e dos pés.

Com a decadência por igual, cabeça e pernas no mesmo tropeço, talvez mergulhássemos menos fundo em nossas depressões. Conformados, propositalmente resignados.

Vem ao caso, na minha lembrança, meu primeiro e único instante com o mestre Coriolano de Medeiros. Mestre desde os primeiros passos do professor do ensino comercial, patrono da Escola de Artífice e da Academia Eptácio Pessoa, abarcando em sua visão as características históricas do seu povo e do seu estado e, exemplo maior: manter-se independente dos favores da política e do governo durante toda a vida. Na hora em que teria de recorrer aos favores oficiais, na condição de presidente-fundador da Academia Paraibana de Letras, abriu mão do cargo sem queixa nem soberba.

Jovem aqui chegado, eu já trazia de meu interior a reverência do professor Clodomiro Leal e das conversas na biblioteca de Alagoa Nova sobre o autor do *Dicionário da Paraíba*, o *Dicionário Corográfico*, hoje a esgotar tantas vezes seja reeditado.

Cedo da manhã, ao cruzar a Avenida General Osório em direção ao jornal, avisto -o debruçado num dos janelões de sua casa, o rosto cheio avultado ainda mais pelas lentes negras dos seus óculos. Do outro lado da calçada, surpresa, inseguro, retive os passos e a vontade incoercível de parar em sua janela e cumprimentá-lo. “Quem sou eu? Que direi, me dará ouvidos?” De tão gastos, seus olhos já haviam perdido a luz.

Arrisquei: “Bom dia, professor.” Ouvi dele, voz forte, um bom-dia receptivo. Avancei os ombros mais para fora, eu me aproximei e ouvi a pergunta “com quem estou falando?”.

La dizendo “com ninguém não, professor”, mas freei rápido e me apresentei, inseguro: “Sou do jornal *O Norte*, de José Leal, seu amigo, e me chamam ‘negro Gonzaga’”.

E veio de graça, espontânea, de quem nunca me vira nem jogara sinuca comigo,

“

Só lembro muito bem e para toda a vida que o revisor de 1951 que fui, sem emprego fixo, começava a existir para o mais consagrado dos mestres

que era o que eu fazia com alguma perícia: “Gonzaga Rodrigues de *O Norte*?”. Virou-se para dentro de casa e pediu que me abrissem a porta. Veio uma senhora de pano à cabeça e conduziu-me ao sofá em que o grande mestre, tateando, se sentara. Tomou minhas mãos, posou-as em seu joelho e quis saber como estava Clodomiro, com quem se correspondera na pesquisa do *Dicionário*, salvando Alagoa Nova das queixas que fez, no prefácio, aos municípios que deram calado por resposta aos seus questionários. Senti um calor estranho, que não vinha do ar, diante de um notável que sabia de minha existência.

Não me lembro bem o ano, *O Norte* já não era de José Leal, incorporado aos Associados. Só lembro muito bem e para toda a vida que o revisor de 1951 que fui, sem emprego fixo, vulnerável a qualquer arripio das chefias de seção, começava a existir para o mais consagrado dos mestres. Via seu nome completado por quem jamais pudesse supor. Foi o que me lembrou ao baixar a cabeça para a generosidade da UFPB quando recebi o Honoris Causa, mais de meio século depois.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Oportunidade

Profissionalização combate o apagão de mão de obra

Falta de qualificação afasta candidatos de vagas; Senac oferece formação

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Para acessar o mercado de trabalho não basta ter disposição. Muitas vezes, a qualificação profissional, ou a falta dela, é o que separa o trabalhador do emprego dos sonhos. E o empresário também sofre. Não é incomum encontrar empregadores contando sobre as dificuldades para se contratar alguém, tudo porque não encontram profissionais qualificados. Pensando nisso, o Serviço Nacional de Aprendizagem Continuada (Senac) oferta diversos cursos profissionalizantes — muitos deles, de forma gratuita.

Em João Pessoa, o Senac Zona Sul é um dos mais procurados pela população. Essa unidade operativa oferece cursos nas áreas de tecnologia, beleza, hotelaria, gastronomia e administração. “Nós estamos na região que concentra a maior população trabalhadora de João Pessoa. Por isso, temos muita procura em relação a cursos de educação profissional, tanto na parte de qualificação quanto na de aperfeiçoamento. Hoje, a área com maior foco é a de hotelaria, porque estamos muito próximos ao Polo Turístico Cabo Branco. Temos procura não somente por parte de pessoas que estão querendo se profissionalizar, mas de empresários interessados em qualificar o colaborador”, observou a subgerente da unidade, Camila Ayres.

Segundo ela, somente neste ano, 1.834 alunos se matricularam na unidade — alguns já terminaram os cursos e outros continuam estudando, visto que as cargas horárias variam e alguns cursos têm mais de um ano de duração. Desses alunos, 1.023 fazem parte do Programa Senac de Gratuidade.

Camila explicou que os profissionais do Senac identificam as necessidades do mercado para definir os cursos que serão ofertados. “Hoje, por exemplo, sabemos que há muita busca por garçons, camareiras [por conta dos hotéis] e bartender. Na parte de tecnologia, temos sentido a necessidade de jovens de 15 a 17 anos que precisam se aperfeiçoar para o mercado de trabalho, desde utilizar o básico de um programa como o Excel até aprender uma tecnologia mais avançada, como o Curso Técnico de Informática”, disse.



Fotos: Roberto Guedes

Unidade do Senac Zona Sul, em João Pessoa, já matriculou neste ano mais de 1,8 mil alunos

Opções

Aluno do Curso Técnico de Informática, Felipe de Araújo disse que as aulas estão sendo de grande importância para o seu crescimento pessoal e profissional. “Estudar com os professores do Senac está sendo muito proveitoso. As oportunidades que eles estão dando para a gente são incríveis. Computadores de última linha, processamento de dados que a gente está fazendo, estudo de inteligência artificial, de *hardware*, de *software*, enfim, está muito bom”, salientou.

Já Alessandra Campos resolveu apostar em três cursos diferentes para ampliar o seu leque de possibilidades no mercado de trabalho. Ela está estudando para ser camareira, garçonete e bartender. Durante a visita da reportagem ao Senac Zona Sul, entretanto, ela estava fazendo uma aula de automaquiagem, como parte do curso de camareira. A professora explicou que a aula faz parte de um conteúdo de “imagem pessoal”, no qual os alunos aprendem sobre a importância da apresentação, tanto em aparência quanto em comportamento, para o crescimento profissional.

“Eu quero ter várias opções no mercado de trabalho, no ramo de hotelaria, em turismo ou em gastronomia. Uma coisa tem a ver com outra. Então, onde houver oportunidade, eu topo”, afirmou ela.

Empregabilidade

Qualquer aluno que passe pelo Senac entra no Banco de Oportunidades, conforme explicou Camila Ayres. Com isso, as chances de serem contratados aumentam. “Nós temos contato com várias empresas da Paraíba, que pedem, por exemplo: ‘Estou precisando de garçons, neste momento’. Daí, a gente avalia os alunos que têm o perfil e indica”, contou.

Além disso, ela destacou que o Senac Zona Sul tem feito algumas parcerias com empresas para promover um feirão de empregabilidade. “Entramos em contato, por exemplo, com o Tauá, o primeiro resort da Paraíba, e conseguimos fechar uma parceria. No primeiro feirão, eles contrataram 100 alunos nossos. Esses alunos tiveram a oportunidade de viajar para outros estados e experienciar o que é ter uma vivência num resort. E, depois dessa primeira experiência, voltamos a fazer mais seis feirões com o Tauá. Ou seja, praticamente 50% do quadro de colaboradores do resort são nossos alunos. Também fechamos com o Aquai, que já tem em torno de 30 alunos nossos contratados”, detalhou.

Como se inscrever

Além da unidade Zona Sul, o Senac também possui outros polos em João Pessoa e nos municípios de Campina Grande, Cajazeiras e Patos, assim como unidades móveis.

A programação de cursos pode ser encontrada no site pb.senac.br, no qual é possível encontrar todas as informações sobre local, carga horária e preço — no caso de quem não participa do Programa Senac Gratuidade, que é voltado para pessoas de baixa renda.

Saiba Mais

Contatos para informações e inscrições:

- CEP João Pessoa: (83) 99985-8262 | (83) 99849-0407
- Escola Senac de Gastronomia e Hotelaria: (83) 99414-1576
- Senac Zona Sul: (83) 99416-2988
- Escola Senac Campina Grande: (83) 99411-9213
- Senac Bruxaxá e Unidades Móveis: (83) 99414-8685 | (83) 98107-1553



Cursos na área de tecnologia ensinam desde o básico, como noções de Excel, a conhecimentos mais avançados em informática; parcerias com empresas ajudam a direcionar alunos para o mercado de trabalho

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O tamarindo de William

Há, no jardim do jornal **A União**, um espaço onde o tempo parecia hesitar. Foi ali que o diretor, homem de palavras medidas e olhar longo, plantou um pé de tamarindo. Não era uma árvore qualquer: veio com raízes envoltas em terra úmida e a promessa silenciosa de sombras futuras. Batizou-o de Augusto, em homenagem ao poeta Augusto dos Anjos, que cantou a podridão e a vida com a mesma voz rouca.

— Não provarei dos frutos — disse ele, limpando as mãos na calça. — Este pé só dará tamarindos muitos anos depois que eu já tiver passado para o outro plano.

Tiveram risadas discretas. Havia algo de solene naquela frase, como se o diretor estivesse assinando um contrato com o infinito. O tamarindo, ainda um bastonete verde, fincado no chão como uma promessa, não entendeu, árvores não entendem pressa. Mas nós, os que ficamos, entendemos. Ele acabara de nos ensinar que plantar é um ato de fé no tempo que não nos pertence.

Os anos passarão. O jornal mudará de endereço, de dono, de tinta. As manchetes vão envelhecer, os arquivos, amarelar. Mas o tamarindo Augusto continuará ali, indiferente às edições extras e aos *deadlines*. Crescerá torto, como quem aprendeu a resistir ao vento. Suas folhas, verde-escuras, farão um barulho de chuva mansa quando o vento bater. E ninguém colherá nada. Apenas esperará.

O diretor, como previra, partirá. Não vai ver a primeira florada. Não sentirá o cheiro ácido dos frutos maduros caindo no chão. Mas, antes de ir, deixou escrito num caderno: “Plantei um

tamarindo para os que virão. Que ele seja a prova de que passei por aqui, não pelo que escrevi, mas pelo que deixei crescer”.

Amanhã, o pé de tamarindo Augusto será uma árvore grande. Sua copa cobrirá metade do jardim. As crianças que brincarem sob ela não saberão quem foi Augusto dos Anjos, nem o diretor que o plantou. Mas sentirão a sombra. E a sombra é uma forma de memória.

Haverá quem diga que aquele tamarindo nunca daria frutos. Que o solo é pobre, que o clima não ajuda. Mas as árvores têm seu próprio calendário.

Num ano qualquer, sem aviso, os primeiros tamarindos apareceram — pequenos, marrons, azedos. Alguém os provou e disse que eram doces. Talvez estivessem maduros demais. Talvez fosse o tempo.

O poeta Augusto dos Anjos escreveu que “a matéria só vive porque é eterna”. O tamarindo, feito de matéria viva, segue a lição. Não morrerá com o diretor. Não morrerá comigo, nem com você. Ele é uma cápsula de tempo, um relógio de seiva que marca as horas em séculos, não em minutos.

E, quando eu passar por ali, ao entardecer, e ouvir o vento nas folhas de Augusto, penso: talvez seja isso a eternidade. Não a nossa, que é breve e teimosa, mas a das árvores, que plantam raízes no futuro e nos ensinam a morrer sem pressa. O diretor não provou dos frutos. Mas provou da espera. E a espera, quando é fé, já é um fruto maduro.

O tamarindo Augusto continuará lá. Dando sombra a quem passa, frutos a quem espera. E, de vez em quando, uma folha cai sobre o chão do jornal. Ninguém varrerá. É a assinatura do tempo.

Maísa Félix

Diretora-geral da Acadepol

“Nós somos a expressão diária do que são os direitos humanos”



Gestora revisita a própria trajetória e fala sobre o desafio de conciliar técnica e humanidade na formação policial

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A pessoense Maísa Félix teve muitos professores, em quase 40 anos de Polícia Civil. Os primeiros — e os mais fundamentais — estavam dentro de casa, orientando os seus passos. Mesmo com pouca escolaridade, seus pais lhe ensinaram “o caminho do respeito ao próximo e da honradez”, como ela recorda. Outros, ela encontrou no dia a dia da profissão, entre policiais mais experientes que lhe mostraram o caminho das pedras. Mas houve também aqueles que sequer sabiam que estavam ensinando alguma coisa: as pessoas comuns com quem conviveu em suas idas e vindas pelo Brejo paraibano, onde se forjou profissionalmente. Foi lá que aprendeu a maior lição de todas: “Você não faz nada sozinho”.

Da primeira turma feminina de agentes investigativos, em 1987, à direção geral da Academia de Ensino de Polícia do Estado da Paraíba (Acadepol), essa convicção permaneceu. Para Maísa, o delegado é o “timoneiro” de uma equipe: alguém que aponta o rumo, mas não se sobrepõe aos demais. E, se há uma coisa que a experiência lhe mostrou, é que o conhecimento também é construído nessa troca. Muitas vezes, quem ensina aprende tanto quanto quem aprende tem algo a ensinar. Hoje, à frente da instituição responsável por formar e preparar os policiais paraibanos, ela sabe muito bem que sua missão exige mais do que transmitir técnicas e procedimentos; tem a ver com ensiná-los a olhar para as pessoas.

Ao longo dessa caminhada, Maísa passou por delegacias de municípios como Serra da Raiz, Caiçara, Belém e Guarabira, foi superintendente regional e esteve à frente da Coordenação das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Coordeam), atuação que trouxe o Prêmio Viva para a Paraíba, em 2020. Na entrevista a seguir, Maísa revisita os aprendizados da carreira e, a partir deles, reflete sobre os desafios de combater a violência contra a mulher, as transformações da investigação policial e o papel da educação na formação de profissionais capazes de conciliar conhecimento técnico e humanidade.

Entrevista

■ Em 1987, você ingressou na Polícia Civil. O que a levou a escolher essa profissão?

Como filha de pessoas humildes e batalhadoras, aproveitei essa oportunidade, que foi a primeira turma feminina de agentes de investigação, preparada para a instalação da primeira Delegacia da Mulher no estado. Eu já havia realizado um período de estágio no Primeiro Batalhão da Polícia Militar (1º BPM), quando estudava Direito. Então foi uma oportunidade que fez com que eu entrasse na carreira policial. E aí, depois que você entra, vem a paixão, é algo que entra na sua alma. E, ao longo da minha carreira, tive a oportunidade de conviver com grandes profissionais. Minha primeira experiência na Polícia Civil foi com uma delegada que é um ícone até hoje. Eu a tenho como espelho em todos os sentidos, tanto na parte operacional quanto na honradez de ser policial. Maria da Luz Chaves Jordão foi a primeira mulher delegada do estado da Paraíba a ocupar a titularidade de uma delegacia. A vida é um grande desafio. Não foi fácil, mas é preciso viver bem, com a perspectiva de que você veio para trabalhar em prol da sociedade e daquilo em que acredita.

■ Você construiu boa parte da carreira no Brejo. Foi uma experiência diferente?

O Brejo me construiu profissionalmente. Eu sempre digo que ele me deu tudo. Foi onde iniciei realmente a minha caminhada profissional. Trabalhei praticamente em quase todas as cidades daquela região. Eu comecei em um pequeno município, Serra da Raiz. Lá, trabalhei com a guarnição da Polícia Militar, o cabo Lourenço e o escrивão Aurélio. Tenho muito respeito ao conhecimento que adquiri e aos profissionais com quem tive a oportunidade de trabalhar. Na cidade pequena, tudo é muito mais próximo. Tive a honra de conviver com o povo e

adquirir a experiência do dia a dia, do trabalhador. Lembro de uma senhora que vendia lanche nas madrugadas, em Guarabira, para sustentar a família. Tudo isso é conhecimento. É importante você sair do ar-condicionado. Se você fica só ali, não conhece a realidade. Por isso sou muito grata à minha experiência, que foi desafiadora. Naquela época, não tínhamos viatura nem computador. Eu fiz diligências a pé nos municípios, andando à noite com a guarnição da PM. Olhando para trás, tive grandes mestres durante a minha vida profissional, tanto tecnicamente quanto humanamente. Quando você vê, hoje, uma academia com toda essa estrutura, não imagina como era antigamente. Só existe o presente porque existiu um passado. Um passado em que homens e mulheres trabalharam muito por essa instituição.

■ Que ensinamento lhe trouxe a experiência de comandar uma região inteira, com 32 municípios?

Eu tive a oportunidade de substituir uma pessoa ímpar, por quem tenho muito respeito e uma gratidão imensa: o delegado Paulo Josafá. Ele foi superintendente durante muito tempo no Brejo e fez um excelente trabalho. Quando assumiu a Secretaria Executiva, eu fiquei na superintendência. Para a época, foi uma coisa natural. Eu já estava no Brejo, já havia participado da coordenação, estava nos grupos de delegacias, conhecia muitos municípios. Então fui para substituí-lo e fiquei praticamente oito anos. Foi aí que aprendi que você não faz nada sozinho. Eu sempre digo aos meus pares que não existe o delegado; existe a equipe, que precisa ser unida. O delegado é o timoneiro, aquele que direciona apenas.

■ Sua trajetória é muito ligada às Delegacias da Mulher. Como isso aconteceu? Minha nomeação veio natural-

mente. Eu fui titular da Delegacia da Mulher de Guarabira, depois fui para Campina Grande e, em seguida, para o Cariri. E, quando estava em Serra Branca, veio a Lei Maria da Penha. Para se ter ideia, nós já a discutíamos naquela época. Na Delegacia da Mulher de João Pessoa, tive a honra de participar da construção da coordenação dessas delegacias. Embora já desenvolvêssemos trabalhos de conscientização sobre a violência contra a mulher, ainda não tínhamos uma coordenação de direito dentro da política de segurança pública. Em 2015, com a criação por decreto, nós passamos a ter, realmente, a Coordeam. Foi aí que tivemos a oportunidade de construir uma visão geral e mais aprofundada do enfrentamento da violência. A Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana abriu as portas necessárias para que a sociedade civil integrasse conosco um trabalho conjunto. E daí começamos a difundir esse trabalho, a qualificar nossas profissionais e a criar subcoordenações.

■ A partir da sua experiência, como abordar a violência contra a mulher?

A mulher vítima de violência, quando tem coragem de ir à delegacia, está quebrando um ciclo. É o maior passo que pode existir. A primeira libertação é você externar seu sofrimento. Seja em uma delegacia, seja no consultório: pedir ajuda é o primeiro passo. Porque você está quebrando o maior elo que pode existir culturalmente. Você está denunciando um indivíduo que, em algum momento, era o seu príncipe, o pai dos seus filhos. E isso tem um peso insurável. Por isso é preciso preparar bem o profissional que vai atender essas mulheres. Ele precisa ter essa humanidade. E por que muitas delas ainda sofrem caladas? A questão cultural tem um peso muito forte. Lidar com esse sentimento não é fácil. A mulher em estado de violência emocional perde aquilo que o ser humano tem de mais importante: a autoestima. Para mim, quando você perde isso, quebra. E uma pessoa quebrada emocionalmente precisa ter coragem para ir a uma delegacia. Hoje eu digo que temos números porque elas estão denunciando. Mas temos ainda muitas que sofrem, mas não denunciam. Imagine só, com tanta tecnologia à nossa disposição, ainda precisamos ensinar algo tão básico ao ser humano: o respeito ao próximo. Que amor é esse que mata?

■ Você chegou a ir a canteiros de obras para conversar com trabalhadores sobre violência doméstica e a Lei Maria da Penha. Como surgiu essa ideia?

Prevenir é o mais difícil. Nós começamos a desenvolver grandes campanhas, o SOS, o Mulher Protegida. E aí vinha aquela conversa: como vamos procurar as pessoas? Daí decidimos fazer uma campanha diferente, nos canteiros de obras. Eu bati à porta do Crea [Conselho Regional de Engenharia] e disse: “Giucelia, é possível?”. Eu queria fazer uma campanha de conscientização, de divulgação da Lei Maria da Penha, mas buscava um público maior, com mais homens. Aí fomos conversar com os sindicatos, com os trabalhadores da construção civil e com os empresários. Fizemos

uma excelente parceria. Às 6h30 da manhã, nós já estávamos na obra. E os homens se surpreendiam, mas escutavam. Um grande problema nosso é quebrar esse muro. A partir disso, ele tem a chance de pensar: “Em algum momento, eu cometi essa violência com minha companheira?”. Depois nós levamos essa conversa para as delegacias, aos investigadores, escrivães, profissionais da Secretaria da Mulher, juizes, promotores. Também fomos a feiras e eventos, onde trabalhamos a diversidade. Nosso objetivo era conversar com as pessoas. Fizemos até uma parceria com a Secretaria da Saúde, focada na saúde da mulher. Passamos a distribuir camisinhas junto com essa orientação. E houve quem reclamasse. Mas esse é o papel da polícia, sim. Com esse trabalho nos canteiros de obras, ganhamos um prêmio do Fórum de Segurança Pública. E teve o Prêmio Viva também.

■ Para boa parte da população, a Acadepol está associada à formação de novos policiais. Como ela funciona realmente?

Eu sempre digo que a mensagem-chave da academia é formar quem chega e capacitar os nossos. Nós tivemos a grata satisfação de participar de uma transformação importante na Polícia Civil, principalmente na educação. E, como já destaquei, acredito muito no trabalho em equipe. É essa equipe que tem conseguido trazer o que há de melhor para os cursos de formação e capacitação. Recentemente, nós tivemos o maior concurso da história da Polícia Civil, com 1,5 mil vagas, e, com ele, um grande desafio: formar e capacitar. Ao mesmo tempo em que temos, aqui, o curso de formação, com mais de 900 horas, para delegados, investigadores, escrivães, peritos, entre outras funções, também precisamos fazer com que o conhecimento chegue aos policiais que já estão na instituição, de maneira permanente. Nós começamos, em 2023, com cerca de 50 cursos durante o ano e, depois, chegamos a 110, até porque você precisa ter a carga horária para a progressão funcional.

■ O que o policial aprende e como fazer esse conhecimento circular por toda a Paraíba?

Há um cuidado muito grande com a formação dos policiais. Em relação ao conteúdo, por exemplo, trouxemos para a grade curricular assuntos como direitos humanos, violência doméstica, violência contra a mulher, racismo, intolerância religiosa. Também incluímos na rotina palestras, parcerias com universidades e outras instituições, além de incentivar a conversa com jornalistas, para que o policial entenda como é a relação com a imprensa no seu dia a dia. Ele precisa ter essa visão para que possa quebrar aquilo que todos nós temos: nossos preconceitos e barreiras. E, também, interiorizamos os cursos. Hoje temos capacitação nas quatro superintendências, incluindo Patos, Campina Grande e Guarabira. E, por fim, desenvolvemos, em parceria com a Esma-PB [Escola Superior da Magistratura da Paraíba], nosso ensino a distância. Formamos professores e monitores. Isso é crescimento. Conseguimos atingir mais de oito em cada 10 policiais da ativa com alguma ativi-

dade de capacitação. Temos 2.425 policiais capacitados, de um contingente de 2.961, praticamente 82%. De 2023 a 2026, chegamos a 313 atividades de capacitação, com 15.035 certificados emitidos e mais de 249 mil horas-aula.

■ Qual é a contribuição da formação para os avanços nos índices de elucidação de crimes?

Nós temos, hoje, uma política dentro da Polícia Civil de aprofundar o conhecimento. E não somente na academia, mas, também, por meio dos cursos fornecidos pela Secretaria Nacional de Segurança Pública. Nossa inteligência trabalha com profissionais que têm formação sobre lavagem de dinheiro, busca e recuperação de ativos, entre outras coisas. Existe uma integração das forças policiais, principalmente com o Poder Judiciário e o Ministério Público. Nossos profissionais já estão dando aulas e sendo convidados para ensinar em outras academias. De fato, tivemos um salto quantitativo e qualitativo. Isso mostra que, com educação e investimento nas academias, conseguimos melhorar nossos índices. Aliás, a visão de futuro da Polícia Civil é investir, também, nos gestores para que tenham mais conhecimento. Você pega um grupo de gestores e coloca 60 horas-aula dentro do Tribunal de Contas, junto com auditores, aprendendo sobre administração e outras tecnologias. Isso demanda tempo e investimento, mas precisamos ter essa visão. O crime está mais sofisticado, a sociedade está mais complexa, a tecnologia avança a cada minuto. Então precisamos continuar preparando o policial para encarar essa realidade.

■ Como conciliar a dimensão humana com a autoridade que a profissão exige?

A polícia é um braço armado. Você prepara o homem com a técnica e todas as tecnologias que temos. A academia ensina a técnica propriamente dita, a força que o Estado tem como polícia, quando há necessidade de utilização. Mas, acima de tudo, ela ensina a humanização. O policial não está fora desse contexto. Nós somos a expressão diária do que são os direitos humanos. Aquela visão de que, na polícia, não exercemos os direitos humanos é equivocada. Lamentavelmente, foi colocado para a sociedade que falar disso é acobertar, como se o indivíduo que comete um crime não fosse responsabilizado. Precisamos desmistificar isso. A academia ensina a polícia a ser violenta, mas a utilizar a inteligência como ferramenta para o enfrentamento ao crime. A reação do Estado, da polícia como Estado, é outra coisa. Em determinadas situações, que são estudadas e específicas, o Estado precisa mostrar sua força. Mas deve mostrar, sempre, com técnica e equilíbrio. Para mim, o equilíbrio é o verdadeiro ponto. Difícil é formar um indivíduo que entenda isso — até onde o Estado pode ir e como controlar sua emoção. O atendimento à população precisa ser, ao mesmo tempo, técnico e humanizado. Por isso que é necessário ter profissionais preparados. E isso se constrói cuidando da mente, desde o início, ao entrar na instituição. Nós não somos máquinas; somos pessoas, com nossas subjetividades e questões.

CENTRO HISTÓRICO

Distrito Criativo visa à revitalização

Lei destina apoio à ocupação e à preservação de espaços em uma região de João Pessoa que enfrenta o esvaziamento

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A criação de *shopping centers* e o crescimento da cidade em direção à praia são alguns dos fatores apontados como causas do esvaziamento do Centro Histórico de João Pessoa. O fato, porém, não é exclusivo da capital paraibana. “A partir da industrialização e urbanização do Brasil, as dinâmicas das cidades de todo o país vão mudando”, explica o arquiteto e urbanista Fabiano Melo, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil — Paraíba (IAB-PB). Para tentar mitigar essa situação, a Lei Municipal nº 15.905/2026, assinada no fim de setembro, criou o Distrito Criativo no Centro Histórico de João Pessoa. O projeto busca fomentar a economia criativa na região, com o desenvolvimento das indústrias, o estímulo à inovação, a revitalização do espaço urbano e a preservação do patrimônio cultural da cidade.

“A criação do Distrito Criativo é um marco legal que institui e delimita seu território no Centro Histórico, organizando uma política de incentivo à economia criativa. A iniciativa também fortalece a vocação que deu a João Pessoa o título de Cidade Criativa pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco] na categoria Artesanato e Arte Popular”, explica Thiago Lucena, titular da Secretaria Municipal de Preservação, Revitalização e Inovação do Centro Histórico (Inovacentro). A lei prevê crédito, capacitação, apoio à ocupação de imóveis e simplificação de procedimentos, dentro da área delimitada pelas ruas da Areia, Barão do Triunfo e Visconde de Pelotas e pela Avenida General Osório. Para Thiago, a finalidade é fortalecer os artesãos e empreendedores que já atuam na região, atrair novos negócios e transformar essa identidade de cultura em mais emprego, renda e movimento no Centro.

A economia criativa, segundo o secretário de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, João Bosco de Oliveira, é o conjunto de atividades baseadas na criatividade, no talento individual e na propriedade intelectual, nos setores de artes, cultura, *design*, mídia, tecnologia e serviços criativos. “Barbearias, salões e estúdios de tatuagem entram quando têm conceito autoral. São negócios que ocupam o térreo, abrem à noite e no fim de semana e trazem gente para a rua. Tecnologia e audiovisual geram renda mais alta e empregos qualificados. Gastronomia, música e serviços autorais provocam movimento de pessoas. O perfil que queremos é um Centro de uso misto, ativo o dia inteiro, onde morar, trabalhar e se divertir se reforçam”, detalhou. Um exemplo de empreendimento dessa natureza que já se encontra na Avenida Ge-



Objetivo é incentivar a economia criativa e o comércio da região, aliando projetos de moradia e atividades culturais

neral Osório há 10 anos é a General Store, do empresário e produtor cultural Thiago Storti. O espaço reúne lojas, cafeteria, bar, além de ser um dos espaços mais conhecidos na localidade para *shows* e eventos. “Eu sou goiano e, quando cheguei à cidade, percebi que todo o movimento cultural acontecia e continua acontecendo no Centro Histórico. Então, por ser o berço da cultura e da arte, resolvi me instalar aqui”, comenta Thiago.

A permanência, porém, envolve dificuldades. O empreendedor cobra iluminação, limpeza e divulgação das atividades existentes para enfrentar a imagem de abandono que, segundo ele, afasta parte do público. Em-

bora reconheça oportunidades anteriores de apoio do poder público, considera lento o avanço das melhorias e aponta pouco diálogo sobre a nova política. “Essa parte do incentivo do Distrito Criativo foi muito pouco dialogada e muito pouco informada”, afirma.

Outro empreendedor da localidade, que preferiu não se identificar, relatou dificuldades na região do Varadouro e do Porto do Capim. Segundo ele, as ações de manutenção da iluminação demoram a acontecer e os espaços culturais sobrevivem com esforço próprio.

O secretário João Bosco afirmou desconhecer que tenha havido sessões plenárias e audiências públicas

voltadas ao diálogo com os empreendedores locais, mas aponta que existiu um debate sobre a necessidade, urgente, de recuperação do Centro Histórico. “Foi realizada uma pesquisa, um levantamento de todo o imobiliário da região, um estudo sobre as ocupações. Foi detectado que o ideal para os segmentos da economia criativa seria aquela localidade, com o objetivo de não deixar o Centro morrer, de revitalizar o comércio, de incluir a economia criativa como uma forma de atrair a frequência de pessoas para a região, com moradia, mas também com atividades culturais”, defende.

Incentivos
Para enfrentar algumas

dessas dificuldades, o Distrito Criativo mostra-se como uma política de fomento, que abarca cinco frentes: crédito para o micro e pequeno empresário; espaço e infraestrutura, por meio da cessão de imóveis públicos durante 10 anos; capacitação, com curso em universidades e no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), mentorias, incubadoras e bolsas de estudos; divulgação, com a criação do selo do Distrito Criativo; e a prioridade nos eventos públicos, campanhas de marca e inclusão nos roteiros turísticos oficiais.

Por último, a norma visa proporcionar facilidade administrativa, por meio da diminuição da democracia

para abrir negócios e obter licenças, balcão único, horário estendido para atividades culturais e uso misto (residencial, comercial e misto), respeitando a proteção ao patrimônio. Já a parte tributária está garantida quando da implantação do Viva o Centro, com isenções de impostos no mínimo legal de 2%. “As duas políticas se complementam. O Viva o Centro reduz o custo de estar no Centro, e o Distrito Criativo dá crédito, espaço e visibilidade a quem produz ali”, explicou João Bosco.

Segundo o secretário de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, o acesso aos benefícios dependerá da localização do negócio e do enquadramento de sua atividade nos segmentos contemplados. Os procedimentos, conforme pontuou, ainda serão detalhados a partir de um regulamento que deverá ser publicado no prazo de 90 dias após a divulgação da lei.

Empreendimentos já instalados poderão solicitar o fomento, desde que atendam aos critérios determinados. A lei permite que negócios de outros segmentos continuem funcionando no perímetro, mas condiciona seu acesso aos incentivos à adequação das atividades, conforme as regras de transição a serem regulamentadas.

Entre as contrapartidas, estão: manter pelo menos dois empregos diretos por três anos, participar de duas atividades culturais anuais e destinar 5% da receita bruta anual à preservação do patrimônio ou a projetos socio-culturais na região. Também será necessário conservar os imóveis e respeitar suas características arquitetônicas.

Projetos de habitação integram planejamento

Outro ponto essencial para a revitalização do Centro são os programas de habitação. De acordo com o arquiteto e urbanista Fabiano Melo, o atrativo para bares, restaurantes e atividades culturais não é suficiente para devolver a vitalidade ao local.

A presença de moradores aproveita a infraestrutura existente, estimula pequenos negócios, como padarias e serviços de bairro, e reduz a necessidade de deslocamentos entre áreas distantes e a região central. “Trazer a habitação para o Centro é muito importante”, afirma. Para isso, a lei que cria o Distrito Criativo tem como um dos objetivos a promoção do “desenvolvimento da economia criativa na região central de João Pessoa, contribuindo para sua regeneração como ambiente favorável de negócios, lazer e também moradia”.

Segundo Thiago Lucena, para ampliar o movimento à noite e nos fins de semana na localidade, é preciso combinar moradia, gastronomia, cultura e serviços,



Balaustrada das Trincheiras deve ser alvo de intervenção

acompanhados de iluminação, segurança, limpeza e boas condições de acesso. Ele ainda explica que as frentes de habitação incluem a requalificação urbana dos edifícios do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipa-se) e Nações Urbanas, localizados na região do Ponto de Cem Réis, com destinação a moradias e comércios. Já no Varadouro, está em construção o Residencial Rio Sahnauá, com 108 unidades habitacionais. “Esses projetos são fundamentais. Nossa intenção é ampliar a ocupação residencial, valorizar quem já vive na região e for-

talear o Centro como lugar de moradia”, garante.

Assim, o patrimônio histórico apresenta-se como um dos grandes diferenciais do Centro Histórico e a sua preservação precisa ser levada em conta pelos novos empreendimentos. “Um casarão pode receber um restaurante, um ateliê ou uma empresa de tecnologia, respeitando suas características e as exigências dos órgãos de proteção”, destaca Thiago Lucena.

Recuperação
Já nas Trincheiras, a recuperação da balaustrada e a conservação do casario são desafios da preservação do

Centro Histórico. A sua situação faz parte de um debate mais amplo sobre a recuperação da região central. Segundo Thiago Lucena, o projeto de restauração da balaustrada está pronto na Secretaria de Infraestrutura, mas ainda depende do encaminhamento das questões orçamentárias.

Para os imóveis privados, o secretário aponta os incentivos do Viva o Centro e a Transferência do Direito de Construir como instrumentos para viabilizar a conservação. Ele ressalta, porém, a responsabilidade dos proprietários pela manutenção. “A atuação deve combinar orientação e incentivos com fiscalização, notificações e medidas legais quando necessárias, especialmente nas situações de risco”, comenta Thiago.

A valorização da região também exige atenção à permanência de moradores e comerciantes. Fabiano Melo alerta que investimentos podem elevar os preços e estimular a especulação imobiliária. Para amenizar esses efeitos, o especialista defen-

de planejamento e instrumentos urbanísticos, como as zonas especiais de interesse social. Na avaliação do arquiteto, a articulação entre os governos Municipal, Estadual e Federal é decisiva para dar continuidade às intervenções.



Nossa intenção é ampliar a ocupação, valorizar quem já vive na região e fortalecer o Centro como lugar de moradia

Thiago Lucena

CÂNCER INFANTOJUVENTIL

Casos quadruplicaram em 10 anos

Registros na Paraíba passaram de 92, em 2015, para 376, em 2025; alta revela ampliação do acesso a diagnósticos

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Dores de cabeça, vômitos, fraqueza, dores ósseas, alterações motoras ou de comportamento são alguns dos sintomas que podem estar associados ao câncer na infância e na adolescência. A doença engloba diferentes tipos de tumor diagnosticados na faixa de zero a 19 anos. Para 2026, o Instituto Nacional de Câncer (Inca) estima 180 novos casos de câncer infantojuvenil na Paraíba. Já em 2025, segundo o Painel de Oncologia do Brasil do Ministério da Saúde (MS), foram registrados 376 novos diagnósticos de câncer em crianças e adolescentes no estado, representando um número quatro vezes maior do que o encontrado em 2015, quando houve 92 ocorrências.

O crescimento dos registros, contudo, não significa necessariamente que mais crianças e adolescentes estejam desenvolvendo a doença, conforme explica a oncologista pediátrica Virgínia Brandão. “Também houve avanços no diagnóstico, no acesso aos serviços especializados e no registro de casos. Hoje, buscamos cada vez mais o diagnóstico precoce, por meio do reconhecimento dos sinais de alerta”, comenta.

A especialista recomenda que os pais fiquem atentos, sobretudo, a sinais persistentes ou que fogem do padrão habitual da criança, como febre prolongada ou sem causa definida, palidez, cansaço, perda de peso, dores ósseas, sangramentos, aumento de gânglios, dor de cabeça persistente, vômitos recorrentes, alterações da visão e aumento do volume abdominal. Segun-



Foto: Arquivo pessoal

Viviana acompanhou o filho, Joedson, quando ele foi diagnosticado com leucemia, aos quatro anos; três anos depois, ele avançou no tratamento e a família recebeu uma casa de um projeto social



Foto: Arquivo pessoal

do Virgínia, é importante destacar que esses sintomas são comuns em diversas doenças e não significam, isoladamente, que a criança ou o adolescente tenham câncer. “O mais importante é observar a persistência ou recorrência e procurar avaliação médica”, orienta.

Aos quatro anos de idade, Joedson Lucindo apresentou fortes dores nas pernas e nas articulações, que o impediam de dormir e até de comer. Sua mãe, Viviana Lucindo, levou-o até o hospital, onde ficou in-

ternado em busca de um diagnóstico. As suspeitas iniciais eram de febre reumática ou hepatite. “Passamos oito dias com ele internado, fazendo as investigações”, relatou a mãe.

A família foi encaminhada para o Hospital Napoleão Laureano para realizar um mielograma, como é chamado o exame da medula óssea. Foi por meio desse procedimento que veio o diagnóstico: leucemia aguda linfoblástica (LLA), o câncer mais comum em crianças, que afeta os glóbulos brancos, as célu-

Tipos
Leucemia aguda linfoblástica (LLA) é o tumor mais comum entre crianças; outras formas de manifestação da doença afetam os sistemas linfático e nervoso e as retinas

las de defesa do organismo. “Logo quando eu soube, chorei tudo que tinha para chorar. No começo, era tudo novo para mim. Após o começo do tratamento, Joedson teve uma convulsão, perdeu a visão e ficou em coma. Eu pensei que ele ia morrer”, contou Viviana.

Além das leucemias, outros tipos de câncer mais frequentes em crianças e adolescentes são os linfomas, que afetam o sistema linfático; os tumores do sistema nervoso central; e os tumores cerebrais. A oncologista tam-

bém cita o neuroblastoma, que atinge células do sistema nervoso periférico e ocorre frequentemente no abdômen; o tumor de Wilms, ou nefroblastoma, que acomete os rins; o retinoblastoma, que ocorre na retina; e tumores ósseos.

Virgínia explica que, diferentemente do que ocorre com muitos cânceres em adultos, a maioria dos casos infantojuvenis não está relacionada a hábitos de vida. “Em uma pequena parcela dos casos, existem alterações genéticas que aumentam a predisposição para determinados tumores. Por isso, não existe uma forma de prevenir a maioria desses cânceres. O mais importante é manter o acompanhamento pediátrico, reconhecer sinais de alerta e garantir diagnóstico e tratamento especializados precocemente”, aponta.

A descoberta antecipada e o tratamento adequado, inclusive, têm melhorado bastante o prognóstico da doença nas últimas décadas. “Atualmente, cerca de 80% das crianças e adolescentes com câncer podem ser curados quando o diagnóstico é precoce e o tratamento é realizado adequadamente em centros especializados”, informa a especialista.

Esse dado, contudo, pode variar de acordo com o tipo e as características do tumor, o estágio da doença e a resposta ao tratamento. Porém, o diagnóstico precoce ainda é uma das melhores formas de um prognóstico positivo. “Falar em câncer infantil não significa falar necessariamente em uma doença sem possibilidade de cura. Muitas crianças são curadas e seguem suas vidas após o tra-

tamento”, ressalta Virgínia. Ainda segundo a oncologista, o objetivo do tratamento é cuidar da criança de forma integral, controlando sintomas, acompanhando o crescimento e desenvolvimento, tratando da saúde emocional e apoiando também a família, “sempre buscando preservar a qualidade de vida”.

Foi o que aconteceu com Joedson. Atualmente com sete anos, ele continua em tratamento, mas sua rotina mudou. “Hoje em dia, meu filho está bem, voltou a enxergar, está indo para a escola. Antigamente eu passava mais tempo aqui [no hospital] do que em casa. A gente vem para o tratamento toda segunda-feira, mas na segunda mesmo voltamos para Sapé, onde moramos, para ele assistir aula”, pontuou Viviana.



Foto: Judite Lacerda/Arquivo pessoal

O mais importante é reconhecer sinais de alerta e garantir diagnóstico e tratamento especializados

Virgínia Brandão

Associação presta apoio a pacientes e familiares na capital

Para muitas famílias que residem em outras cidades do estado, ter um apoio enquanto passam pelo tratamento na capital é fundamental. A Associação Donos do Amanhã, localizada no bairro de Jaguaribe, em frente ao Hospital Napoleão Laureano, funciona como um local de suporte, garantindo um espaço de descanso e fornecendo refeições para os pacientes e parentes.

“Qualquer pessoa pode vir. Mas fazemos um cadastro com alguns critérios, como que a família tenha renda de até um salário mínimo, que já tenha diagnóstico confirmado, que realize o tratamento exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde [SUS], para participar efetivamente dos nossos projetos”, explica Dayana Monteiro, supervisora na instituição.

Para quem tem o cadastro, a associação fornece cestas básicas, leite, suplemento alimentar, fraldas, além de kits de materiais de higiene para as famílias. “Temos três tipos de cestas, de acordo com a faixa etária: tem para lactentes, para crianças e para adolescentes. Além disso, todas as nossas crian-

ças recebem cinco latas de leite e três de suplementos alimentares”, detalha a supervisora.

A instituição custeia, ainda, exames de alta complexidade, compra de medicamentos prescritos pelos médicos e aquisição de cadeiras de roda. “Infelizmente, alguns exames demoram bastante para ser liberados, e temos a preocupação com o diagnóstico precoce. Então, muitas vezes custeamos alguns desses exames”, ressalta Dayana.

Tudo isso é possível graças ao apoio da sociedade. “Funcionamos única e exclusivamente a partir de doações. Recebemos uma emenda parlamentar ou outra, mas para o pro-

■ Instituição atende pessoas de baixa renda e usuários do SUS, fornecendo cestas básicas e custeando exames



Associação Donos do Amanhã está localizada em frente ao Hospital Napoleão Laureano; segundo Dayana Monteiro, projeto depende majoritariamente de doações para funcionar

jeto específico que enviamos. Vivemos 100% da ajuda da população”, esclarece Dayana.

Outra vertente do projeto é a construção de casas para as famílias. Uma das beneficiárias foi Viviana Lucindo,

mãe de Joedson. Neste ano, outra residência foi entregue em Itaporanga, e a segunda será concluída em Patos.

“O melhor de tudo que já recebi foi a minha casa. Fez um ano, em setembro, que eu recebi. Não tem aquela

história de que alguns males vêm para o bem? Foi muito dor, muito sofrimento, mas hoje temos a nossa casinha”, celebrou Viviana.

Para as famílias que estão na trajetória de buscar o diagnóstico ou que o rece-

beram recentemente, a mãe de Joedson deixa um recado: “Não percam a fé, cada caso é um caso. No começo, não é fácil. A família inteira fica abalada, com medo. Mas, quando você menos esperar, tudo isso vai passar”.

Foto: Roberto Guedes

GRUPOS FEMINISTAS

Coletivos atravessam décadas de luta

Com mais de 35 anos de história, entidades sociais reforçam combate à violência de gênero e rede de proteção às vítimas

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

O ano de 1990 corria na esteira do fim da Ditadura Militar, da promulgação da Constituição Federal de 1988 e do início da redemocratização brasileira. Frente a essas mudanças, era recorrente a participação das mulheres em movimentos sociais e na criação de novos grupos, lutando pela anistia e contra a carestia econômica. Tudo isso contribuía para que elas comessem a se organizar pelos seus direitos. Além disso, as manchetes policiais traziam fatos que mobilizavam a sociedade quanto ao tema: pouco antes daquele ano, duas jovens haviam sido assassinadas por filhos de pessoas com influência no estado, o que teria deixado os casos sem resolução. Foi nesse contexto político que surgiram, frutos da reunião de mulheres de comunidades e sindicalistas, duas organizações feministas que prosseguem até os dias de hoje, com sede em João Pessoa, tendo como uma de suas principais pautas o combate à violência contra a mulher: o Centro da Mulher 8 de Março e a Cunha Coletivo Feminista.

Irene Marinheiro, coordenadora-geral do Centro da Mulher 8 de Março, lembra que, à época, era comum que as integrantes do centro passassem por escárnio e discriminação, pelo fato de serem mulheres organizadas. Havia, então, só uma Delegacia da Mulher no estado e era para lá que o grupo encaminhava o público atendido. “Essa delegacia funcionava dentro da Central de Polícia. Era em uma salinha, no fim do corredor, e a gente pas-



Irene Marinheiro e a equipe do Centro 8 de Março acolhem mulheres, crianças, idosos e PcD que tenham vivido situações de agressão

sava por um montão de homens, recebendo todo tipo de piada e desrespeito. ‘Bando de vagabunda, vai trabalhar’, era assim o tratamento dado. Mas, ao invés de nos fraquejar, isso nos fortalecia”. As mudanças vieram com o tempo, incluindo uma ampliação da rede institucional de proteção às mulheres vítimas de violência — que conta, hoje, com 24 Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams) e casas-abrigo —, além da promulgação da Lei Maria da Penha, a partir da qual outros dispositivos legais sobre o tema passaram a valer. O que não mudou, contudo, foram os pedidos de socorro que chegam ao 8 de Março. “Acontece tudo que

pode acontecer, por exemplo: a mulher [vítima de violência] pode querer conversar, desabafar, botar sua dor para fora e não querer ir para a delegacia, quer um apoio moral da nossa parte. O que fazemos? Em sua maioria, nós a levamos para a delegacia e para o Centro de Referência [da Mulher Ednalva Bezerra], que faz o acompanhamento psicológico e dá o encaminhamento ao processo [judicial] dela”, explica Irene. Atualmente, é o Centro 8 de Março que mantém, em parceria com a Secretaria das Mulheres e da Diversidade Humana (Semdh) da Paraíba, o serviço oferecido pelo Disque Cidadão 155, implementado há mais de 10 anos, com abrangência estadual.

São mais de 40 pessoas trabalhando no atendimento de telefonemas não apenas de mulheres vítimas de agressão, como também de crianças, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência que tenham passado por situação de violência. “Atendemos, anotamos e encaminhamos [os casos] aos órgãos competentes. Por exemplo, se [a vítima] for criança, encaminhamos [o caso] para o Conselho Tutelar ou para o Ministério Público. Se for mulher, encaminhamos para a delegacia”, detalha Irene. O Disque Cidadão 155 registra, por ano, mais de 500 denúncias.

Enfrentamento estrutural
A trajetória da Cunha Coletivo Feminista está li-

gada à construção e ao fortalecimento do movimento feminista na Paraíba. A organização surgiu a partir da articulação de mulheres que já atuavam em grupos e experiências feministas anteriores, comprometidas com a luta pelos direitos das mulheres e pela transformação das desigualdades de gênero. “Entre as seis fundadoras, estão Gilberta Soares e Soaraia Jordão, que integraram o Grupo Raízes, em Campina Grande, e as professoras universitárias Ana Adelaide Tavares, Lúcia Maria Teóteo, Rosa Maria Nader e Sandra Maria Craveiro”, esclarece Jô Pontes, que integra a coordenação executiva do coletivo feminista. “Essa articulação reuniu experiên-

cias de militância, educação popular e atuação acadêmica, contribuindo para consolidar um espaço de organização política feminista no estado. O nome ‘Cunhã’, de origem tupi, significa ‘mulher’ e expressa essa conexão com a história e os povos originários da região”. De acordo com Jô, a diversidade das mulheres é um capital do coletivo. “A Cunha prioriza o trabalho com mulheres e grupos de mulheres, especialmente jovens e periféricas em situação de vulnerabilidade social. Ao longo de sua história, desenvolveu ações com mulheres de diferentes territórios, incluindo periferias urbanas e comunidades rurais do Litoral, do Agreste e do Cariri”. O foco do grupo não está no atendimento às vítimas de agressão, mas no enfrentamento estrutural do problema — o qual, segundo o coletivo, exige mais do que ações pontuais de sensibilização: requer investimento permanente em prevenção, formação, acolhimento, fortalecimento das redes de proteção e incidência nas políticas públicas. “Também precisamos considerar”, adiciona Pontes, “que a violência não atinge todas as mulheres da mesma maneira. Mulheres negras, periféricas, rurais, com deficiência e mulheres de diferentes gerações enfrentam barreiras específicas para acessar direitos e serviços de proteção. Por isso, é fundamental que as ações do terceiro setor considerem as desigualdades de gênero, raça e classe e sejam construídas a partir das realidades dos territórios e das experiências das próprias mulheres”, finaliza.

Centrac mantém projetos voltados à autonomia feminina

Antes mesmo da criação do Centro 8 de Março e da Cunha, outra organização começava a dar seus passos no estado. Por iniciativa de um grupo de estudantes de Ciências Sociais da então Universidade Federal da Paraíba (UFPB) — hoje Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) —, surgiu em 1987, na Rainha da Borborema, o Centro de Ação Cultural (Centrac). Entre seus propósitos, estava assessorar organizações da sociedade civil, especialmente associações e sindicatos que buscavam se reorganizar e se fortalecer naquele período. Desde então, a instituição desenvolve ações voltadas à formação cidadã, à participação popular e à defesa dos direitos humanos. Nesse entremeio, o Centrac trabalha a autonomia das mulheres para enfrentar a agressão de gênero.

“Nossa atuação concentra-se na realização de ações formativas e informativas, que contribuam para o reconhecimento das diferentes formas de violência de gênero, a identificação de situações de risco e a divulgação dos direitos das mulheres. Também orientamos as mulheres que necessitam de atendimento a buscar os

serviços públicos especializados e os demais órgãos competentes”, indica Patrícia Almeida, coordenadora do Programa Direitos e Igualdade de Gênero do Centrac, que tem executado ações voltadas para as mulheres desde 2004. O programa aglutina uma série de projetos, como Fortalecimento de Sistemas Alimentares com Mulheres no Semiárido Paraibano, ativo desde 2021 e voltado ao fomento à produção agroecológica, à segurança alimentar e ao protagonismo das mulheres rurais; e Quintais Produtivos, iniciativa lançada em 2025, com foco no incentivo à produção agrícola das mulheres e à sua autonomia. “Essas experiências contribuem para a prevenção e o enfrentamento da violência de gênero ao fortalecer a autonomia das mulheres, ampliar o acesso à informação, promover o reconhecimento de seus direitos e incentivar sua participação social e política”, pontua Patrícia.

Foco nas denúncias
A jornalista e pesquisadora em gênero Mabel Dias observa que não há um perfil aproximado das mulheres que encampam a luta organizada por seus direitos, devi-



Organização, sediada em Campina Grande, realiza ações de fomento à produção de agricultoras no interior paraibano

do à heterogeneidade desse ativismo, abrangendo mulheres brancas, negras, indígenas, urbanas, rurais, trans e lésbicas, das mais variadas idades. Para ela, os grupos organizados têm atuado especialmente na denúncia de casos de violência contra a mulher, seja, por exemplo, contra programas de TV policiais que revi-

timizam e deslegitimam a agressão de gênero, seja na cobrança de justiça contra crimes de maior repercussão nessa seara. “Há esse trabalho de informar as mulheres sobre os serviços de que elas podem dispor, caso sejam vítimas de violência, além do estímulo à autonomia financeira, para que a vítima possa

sair daquela situação de violência e manter-se junto aos seus filhos, ou ir para uma casa-abrigo”, aponta Mabel, acrescentando que as pautas atuais dos movimentos de mulheres na Paraíba também buscam orientar a população feminina a respeito de como denunciar agressões e onde obter assistência para os seus casos.

■ Desde 1987, instituição desenvolve atividades voltadas à formação cidadã e ao engajamento popular

TURISMO NO SERTÃO

Patos abre caminhos para a aventura

Serras, rochas e mananciais compõem cenários para esportes radicais e experiências de contato com a Caatinga

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

Existe muito mais do que calor e aridez no Sertão. A cidade de Patos, um dos destinos que integram o Mapa do Turismo Brasileiro, desenvolvido pelo Ministério do Turismo (MTur), é conhecida como a “capital do ecoturismo sertanejo”, reunindo a prática de diversas modalidades esportivas na natureza. Escalada, rapel, trilhas, ciclismo, canoagem, entre outras atividades, podem ser desfrutadas no município — todas com acesso facilitado e próximas da Zona Urbana.

O clima cáldido, as planícies a perder de vista, a vegetação resistente e o relevo peculiar desenham paisagens que vivem uma dualidade: no período da estiagem, cenários cinzas terrosos; no inverno, vibrantes tons de verde-renascimento. Esse é o ambiente ideal para ser explorado e contemplado pelos adeptos do ecoturismo e da aventura.

O bioma da Caatinga — exclusivamente brasileiro — e a predominância dos inselbergues — imponentes formações rochosas, que for-

mam paredões em meio às superfícies planas — enaltecem ainda mais esse potencial. “Patos está situada na Depressão Sertaneja, é rodeada de serras e uma das maiores concentrações de inselbergues do estado. Aqui, há cerca de 10 setores de [turismo de] aventura que já foram desenvolvidos por praticantes locais e condutores”, afirmou Túlio Xavier, gerente de Turismo da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes (Seculte).

De fato, o município possui cerca de 100 vias de escalada, rapel e trilhas já percorridas e catalogadas, em níveis diferentes de dificuldade. Ao permitir que públicos variados possam praticar as atividades, essa diversidade local tem atraído visitantes de outras regiões, que veem em Patos um lugar para viver a adrenalina e o contato com a natureza.

Esses turistas fazem girar uma rede produtiva que engloba hotelaria, restaurantes, mobilidade urbana, comércio de bens e serviços. A cidade tem mais de 250 empresas com registro no Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadas-

tur), sistema do MTur que legaliza a atuação de profissionais de diferentes atividades vinculadas ao segmento.

“A gente recebe pessoas de cidades próximas, como Sousa e Cajazeiras, e de estados vizinhos, que fazem esses passeios, com o interesse de se aventurar e conhecer a região como um todo”, relatou Túlio, que também atua como condutor de grupos de turistas, atividade essencial para garantir a segurança em ambientes de risco.

Há, ainda, um público que não é nativo da região, mas busca a prática esportiva como uma forma de conectar-se ao meio ambiente. É o caso da professora Maíra Rodrigues, de 45 anos. Natural de Minas Gerais, ela veio morar em Patos, há 11 anos, e encontrou no ecoturismo uma forma de apropriar-se do seu novo habitat. Quando não está entre alunos e números, a mineira busca paz e tranquilidade na natureza. “Com o ecoturismo, consigo conhecer mais desse bioma tão rico — as árvores, os animais... E gosto de esportes na natureza. É uma maneira de sair de ambientes fechados, me exercitar e ter contato com a Caatinga”.



Trilhas e escaladas permitem que visitantes obtenham uma vista privilegiada da região

Diversidade de roteiros contempla público amplo

Entre os inselbergues presentes em Patos, o Sertão do Espinho Branco destaca-se como um dos mais importantes em todo o Nordeste, como apontou Vital Lins, professor de Geografia. “O Espinho Branco é um importante elemento da nossa paisagem. Ele é visível em todo o município e recebe muitos visitantes”.

Com 492 m de altura, o paredão natural situa-se a cerca de 5 km da cidade, na região da comunidade Mocambo. Para chegar ao topo, há diferentes trilhas disponíveis, com graus de dificuldade moderado a alto. A inclinação da pedra, com trechos mais íngremes, torna a aventura mais desafiadora. Em alguns roteiros oferecidos no local, são utilizadas trilhas diferentes na subida e na descida, permitindo que os turistas contemplem pontos variados da paisagem. Segundo Túlio Xavier, o Espinho Branco é o serrote com a maior quantidade de vias de escalada, de rapel e de trilhas da área, além de receber adeptos dos saltos de parapente.

Já o Serrote Mocambo oferece uma escalada mais acessível, possibilitando a visitação de um público mais amplo. O ponto turístico fica a cerca de 8 km de Patos e possui a maior via de rapel da cidade, com cerca de 120 m de extensão. “É um local muito interessante, tem uma geologia exuberante e uma trilha ecológica muito rica”, destacou o representante da Seculte. O Setor Lajedos, por sua vez, é considerado um campo-escola para quem busca um contato inicial com as práticas de escalada ou rapel. As rochas estão a apenas 2 km



Turistas com pouca ou nenhuma familiaridade com práticas como o rapel podem optar por passeios mais acessíveis, com a orientação de profissionais



da Zona Urbana, com uma altura de 20 m e 11 vias de escalada. Por isso, o lugar é visto como um ponto de treinamento, onde há o repasse de orientações e técnicas para os aventureiros de primeira viagem.

Patos também apresenta outros roteiros turísticos para quem gosta de apreciar a natureza das alturas, incluindo a Pedra do Bosque, a Serra do Pedro, o Setor Caverninha e o Serrote Trapiá — locais onde, além das paisagens, surpresas podem se revelar: a depen-

der do horário da visita, é possível contemplar as cores do amanhecer, o fascínio do pôr do sol ou o nascer do luar sertanejo.

Outras modalidades

Quem prefere esportes aquáticos também encontra opções em Patos. No Açude do Jatobá, um dos principais mananciais que abastecem a cidade, pode-se praticar a canoagem. A remada em caiaques possibilita uma forma diferente de apreciar a natureza local, unindo atividade física e contemplação,

a poucos minutos do Centro de Patos. A Barragem da Farinha é mais um lugar apto para banhos e atividades náuticas, assim como o Rio da Cruz e o Riacho Pilões — os quais retomam suas águas no período chuvoso, quando surgem, ainda, cachoeiras temporárias em áreas próximas.

A Rota das Itatiungas — ou Rota do Bioma da Caatinga — é para quem gosta de pedalar. O percurso permite circundar todo o território de Patos através de trilhas, fruto de uma coo-

peração entre a gestão municipal e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que mobiliza uma rede de parceiros para fortalecer o empreendedorismo, a partir da valorização da natureza, da cultura e da culinária regional. O roteiro também inclui uma visita ao Museu de Solos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), finalizando com uma experiência gastronômica no restaurante rural Maravalha Sertão.

Essas tantas experiências atraíram o estudante Josiel Vieira. Vindo de Santa Catarina para cursar Odontologia no *campus* patoense da UFCG, ele encontrou no ecoturismo uma forma de se reconectar com sua infância. “Desde criança, eu já gostava de subir em árvore e tomar banho de cachoeira. Quando cheguei em Patos, procurei algo relacionado a isso para fazer, e foi assim que conheci vários lugares. Já fiz quase todas as trilhas”, revelou o estudante, apontando que começou a construir laços a partir de suas aventuras. “As pessoas que participam desse tipo de atividade sempre têm uma *good vibe*, sabe? São bem interessantes de conhecer”.

■ Para o estudante Josiel Vieira, desbravar as belezas da área também é uma forma de socializar e reconectar-se com a infância

Educação sobre o ambiente faz parte do pacote

Explorar, conhecer e contemplar a natureza só é possível se a convivência com o meio ambiente for sadia. Por isso, em Patos, todos os passeios são acompanhados de orientações sobre educação ambiental, preservação da Caatinga e respeito à flora e à fauna. “A conscientização já é intrínseca ao ecoturismo. A gente busca provocar o mínimo de impacto possível [na natureza]. O respeito e a valorização desses ambientes já são um caminho para manter os locais conservados”, ressaltou Túlio Xavier.

Durante as atividades, os turistas são orientados a não retirar espécies de plantas ou animais de seu lugar natural e não picar ou demarcar pedras ou lajedos. Os visitantes também são convocados a fazer um trabalho de limpeza nos pontos turísticos, recolhendo os resíduos identificados no caminho. “A gente encontra muito lixo, infelizmente. Mas, para ajudar o meio ambiente, nós o recolhemos. Além de não deixar nosso lixo, a gente retira dos locais o lixo de outras pessoas, que não se preocupam com a causa ambiental”, explicou Josiel Vieira.

Essa convivência sustentável permite a preservação do solo, das espécies nativas, dos bichos e dos mananciais em Patos, dando a outros visitantes a oportunidade de também conhecer as belezas naturais do Sertão da Paraíba. “Não é terapia, mas é terapêutico”, cravou a professora Maíra Rodrigues.

À esquerda: Cláudia Guedes e Luís Eduardo Ramos, que estão entre os autores de cordel; à direita: Carlos Almeida e Djanira Meneses, poetas selecionados pelo edital



LITERATURA

No início, era o verso

Os autores de poesia e cordel falam de suas obras selecionadas pelo edital da Política Nacional Aldir Blanc e que serão publicadas pela Editora A União

Renata Escarião
Especial para A União

Todo cordel é um poema, mas nem todo poema é um cordel. Diferenças de rima, métrica e linguagem, entre outras, separam as duas expressões literárias, mas quando se trata das vivências dos seus autores nos processos criativos e de publicação, há muitas semelhanças. 23 escritores dos dois gêneros foram contemplados em edital da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (Pnab), organizado pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB), em parceria com a Editora A União.

Do total de 42 obras selecionadas, 10 são cordéis, que serão compiladas em duas antologias, e 13 são de poesia, impressos um livro por autor, fortalecendo a circulação desses gêneros e destacando a riqueza da expressão poética e da tradição popular. Alguns são estreantes, outros já carregam publicações na bagagem, mas todos têm algo em comum: seja com a poesia ou com o cordel, os versos fazem parte das suas trajetórias e são ferramentas que revelam o modo como experimentam o mundo.

É assim para Djanira Meneses, da cidade de Campina Grande, premiada com o livro de poesia *A arte de ser céu*. Não será sua publicação de estreia, ela já tem outros três livros publicados. Porém, a escritora deixa claro: “Cada livro

que publico representa uma parte de mim, um fragmento da minha história e daquilo que desejo compartilhar com o mundo. Para mim, escrever é transformar sentimentos em palavras, experiências em poesia e inquietações em possibilidades de reflexão”.

Djanira contou que, mesmo não sendo seu primeiro livro, foi gratificante saber que seu trabalho foi escolhido, que suas palavras encontraram espaço e sua escrita foi reconhecida, além de existir algo muito bonito em perceber que aquilo que nasce, muitas vezes, de um lugar tão íntimo pode alcançar outras pessoas.

“O maior desafio foi escrever a partir de mim mesma, em um período bastante conturbado da minha vida pessoal. Eu carregava um luto que ainda não havia sido curado e, ao mesmo tempo, sentia uma necessidade profunda de ser vista, ouvida e compreendida sem ser julgada. *A arte de ser céu* nasceu desse lugar de vulnerabilidade, mas também de descoberta”, afirma a autora, ao relatar, ainda, que o livro é sobre o feminino, sobre despertar e sobre a transformação da passividade em fúria criadora. “Não uma fúria que destrói por destruir, mas aquela que rompe amarras, contesta os lugares impostos às mulheres e reivindica o direito de existir em sua plenitude”.

A poesia que perpassa os dias comuns também inspira Carlos Pereira de Almei-

da, autor de dois livros e de alguns folhetos de cordel. Ele foi selecionado com o livro de poesia *Do admirável exercício da rotina*, que fala sobre a consciência estética das ambivalências da vida.

“Constrói-se uma lírica que parte da premissa de que há muito mais em comum entre tudo o que compõe o exercício da existência do que aquilo que desassemelha. As rotinas são espantosas. O hábito do seu exercício é admirável. Os poemas que vicejam no leito de suas folhas são um entusiástico panegírico à vida. Seus versos livres, seus decassílabos, seus haicais, suas rimas e ritmos diversos insistem em ser, mesmo quando tomados por instantes de desesperanças, desassossegos e saudades, o elogio da vida”, explica Carlos.

O escritor comenta que alegria e satisfação foram os sentimentos que os acometeram quando viu seu nome na lista de premiados, porque até poderia conseguir publicar, independente do edital, mas que, com certeza, teria que superar alguns obstáculos no cenário editorial para tal. “Por vezes, somos acometidos por certo desalento, algum desencanto com as dificuldades referentes à divulgação e socialização do trabalho literário, sobretudo, da poesia lírica. Então, os desafios não são tanto sobre a escrita, mas sobre as circunstâncias posteriores ao ato criativo, que consistem na

divulgação e venda do produto literário”, afirma Carlos.

Cordéis e histórias de amor

As cartas que incendiaram a Paraíba é o título do cordel de Cláudia Teixeira de Souza Guedes, de Itabaiana, que vai integrar uma das antologias que serão publicadas pelo edital. A autora já foi selecionada para outra coletânea, no ano passado, e ficou surpresa e feliz com mais essa publicação.

“A dimensão desses editoriais faz isso com a gente. Você se vê competindo com diversos escritores e escritoras, até que você, que é do Agreste, do interior da Paraíba, vence! Fiquei surpresa, mas muito feliz. Eu tenho 20 anos e é minha segunda coletânea. Eu me sinto representando todos os jovens escritores e as mulheres”, afirma.

Cláudia utiliza a linguagem popular do cordel, em versos e rimas, para aproximar os leitores dos acontecimentos históricos. Diz que queria, de toda forma, escrever algo sobre a Paraíba, por isso passou a estudar a história e olhar para algum acontecimento que tivesse o toque feminino.

“Pensei na história do triângulo que foi Anayde Beiriz, João Dantas e João Pessoa. A dificuldade foi escrever apresentando todos os detalhes, mas sempre escrevendo com sensibilidade e respeito”. A escritora afirma que o cordel não fala só de política, também aborda a relação amorosa, os

conflitos, a difamação e, principalmente, a forma como a sociedade julgava as pessoas naquela época.

“Uma coisa que chama atenção é a história de Anayde. Ela era uma mulher à frente do tempo, escrevia poesia, defendia a liberdade feminina e enfrentava os padrões da sociedade conservadora. E, mesmo assim, acabou sendo muito julgada pela sua vida pessoal. É aí que a obra se torna importante, porque não fica apenas contando o que aconteceu, também faz a gente pensar em como as mulheres eram tratadas, em como a política interferia na vida das pessoas e em como a sociedade podia destruir a imagem de alguém por meio de julgamentos e comentários”, destaca.

Com uma história inspirada em um espetáculo teatral, Luís Eduardo Santos concorreu e foi premiado com o cordel *A história de Ormeu e Juliana*, sua primeira publicação. O fato de ser a primeira produção do gênero foi o principal desafio que enfrentou. “A insegurança é comum nos primeiros passos. A obra foi criada para ser o roteiro de um espetáculo da Cia. Mullinga, grupo de circo e teatro do qual faço parte junto com minha amiga Irla Medeiros. Além disso, como a literatura de cordel possui sua própria estrutura, também precisei da ajuda do poeta Tiago Monteiro para fazer a revisão. Agora que será publicado, sinto que outros mais podem ser cria-

dos”, ressalta Luís.

O autor conta que o espetáculo para o qual a história foi criada inspira-se nos circos-teatros que ainda hoje circulam pelo Brasil. “Mas, na nossa versão, o ambiente retoma o início do século passado, onde, muitas vezes, não havia energia elétrica nas cidades onde o circo chegava e as apresentações eram realizadas com luzes de candeeiros, ou outras formas artesanais de luz. A história do cordel é uma releitura livre do clássico de amor *Romeu e Julieta*, mas ambientado no Nordeste brasileiro e com personagens fantásticos do folclore. Os nossos protagonistas são Ormeu e Juliana e a história conta como se conheceram, se apaixonaram e as dificuldades que passaram para viverem juntos”.

Tiragem e entrega

Cada antologia de cordel terá tiragem de 300 exemplares cada uma, sendo 30 a cota para cada autor, além de bolsa de premiação de R\$ 1 mil. Os 32 livros individuais também terão tiragem de 300 exemplares cada, e cota de 150 exemplares por autor, além de bolsa de premiação de R\$ 2 mil.

A entrega dos exemplares está marcada em solenidade no dia 29 de outubro, às 16h, na Academia Paraibana de Letras (APL), em João Pessoa. O lançamento será no Festival Literário Internacional da Paraíba (FliPB), que acontecerá de 26 a 28 de novembro, no Centro Histórico da capital.

SELECIONADOS/ POESIA E CORDEL

POESIA

- *A arte de ser céu*, de Djanira Meneses da Silva (Campina Grande)
- *Abriu-se um rio no meu peito*, de Louise Duarte de Miranda Pereira (João Pessoa)
- *Confissões cotidianas de um assum preto*, de Tony dos Santos (Bananeiras)
- *Do admirável exercício da rotina*, de Carlos Pereira de Almeida (Campina Grande)

- *Eu, a casa e o bem-te-vi*, de Angelo Rafael Bezerra de Farias (Campina Grande)
- *Metade de mim é quase dor*, de Nilson de Sousa Rutizat (Sousa)
- *Rio vermelho*, de Tays Melo (Areia)
- *Pororoca*, de Ana Patrícia Amorim (Pombal)
- *Aracati: memórias ao vento*, de Maria Aparecida de Sousa Cardoso (São João do Rio do Peixe)

- *Nascidos para perder*, de Thyago Correia (João Pessoa)
- *O presépio da rua*, de Flávio Monteiro (Monteiro)
- *Certidão de transe*, de Fabiano La (João Pessoa)
- *Vice-versa*, de Marineuma de Oliveira (João Pessoa)

CORDEL

- *Antologia de cordel 1 — Fulô de lajedo*, de Maria Thalita Cardoso Rezende (Pombal);

- *O cabo da velha enxada*, de Hiury Évines de Souza Lucena (Santa Luzia);
- *A história de Ormeu e Juliana*, de Luís Eduardo Santos de Oliveira Ramos (João Pessoa);
- *A vida e as cores de Pedro Américo*, de José Casimiro Gomes (Nazarezinho);
- *Cordel dos tempos da minha vó*, de Josenildo Maria de Lima (Campina Grande)
- *Antologia de cordel 2 — Uma abordagem da história*

- *de Bananeiras na pancada do ganzá cordelístico*, de Fábio Mozart (João Pessoa);
- *Minha Paraíba*, de Jéssica Silva (São Miguel de Taipu);
- *Vicente e o beijo da fuga*, de Railton Tomaz Fernandes (São Vicente do Seridó);
- *As cartas que incendiaram a Paraíba*, de Cláudia Teixeira de Souza Guedes (Itabaiana);
- *Maroquinha, a galinha dos ovos de ouro: a valiosa lição*, de Célia Maria Silva (João Pessoa)

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

O golpe, o capital e a disputa pelo Brasil

Considero a crise capitalista de 2008 o ponto de partida para entendermos as condições materiais que permitiram o golpe de 2016, que derrubou a presidenta Dilma Rousseff e permitiu a implementação de reformas neoliberais. Apesar de no primeiro momento o Brasil ter amortecido os efeitos da crise, que começou no sistema financeiro dos EUA, com o uso medidas anticíclicas como uma maior oferta de crédito por meios dos bancos públicos, a redução de impostos como o IPI, investimentos de infraestrutura com o PAC e a expansão do consumo interno, a crise atingiria a economia brasileira em cheio.

Os efeitos mais intensos ocorreram em relação retração da demanda internacional por produtos primários, especialmente minério de ferro, petróleo e produtos agrícolas. O setor que, no início da década, estava superaquecido perdeu força. Na outra ponta, a expansão do mercado interno não resolveu os problemas relacionados à produtividade, à infraestrutura e a dependência tecnológica e a estrutura industrial do país.

A partir de 2012, o modelo de desenvolvimento adotado pelos governos do PT, até então exitoso, baseado na redistribuição de renda, na expansão do crédito e na ampliação da oferta de bens e serviços públicos, começou a apresentar sinais de esgotamento. A expansão do consumo havia produzido uma crescente dependência do crédito, comprometendo parte da renda futura das fa-

mílias com financiamentos imobiliários, automóveis, educação e outras modalidades de endividamento. Some-se a isso o fato de que a baixa complexidade da estrutura produtiva brasileira limitava a capacidade de absorção de uma força de trabalho cada vez mais escolarizada. A expansão do Ensino Superior, portanto, não encontrava correspondência na transformação das oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho. Houve uma ampliação das condições de consumo e das expectativas de mobilidade social sem uma transformação equivalente da estrutura produtiva. Com a Operação Lava Jato e suas práticas de *lawfare*, que contribuíram para desestruturar importantes empresas nacionais de engenharia e suas respectivas cadeias produtivas, essas contradições foram agravadas.

Economistas como Eduardo Costa Pinto (UFRJ) e Juliane Furno (UERJ) mostram como, em 2012, começaram a cair as taxas de lucro das 500 maiores empresas não financeiras do Brasil. Esse movimento aumentou a pressão sobre o governo Dilma e alimentou as tentativas de frear a política de valorização do salário mínimo, um dos pontos nevrálgicos da luta de classes brasileira. É importante observar, entretanto, que o empresariado não constituía um bloco homogêneo. Enquanto determinados setores eram pressionados pelo aumento dos custos do trabalho, outros tinham seus interesses contrariados pela política de redução dos juros. Em 2012,

Dilma levou a taxa básica de juros a 7,5% ao ano, provocando uma forte reação dos bancos, dos rentistas e de empresas não financeiras que também obtinham parte de seus lucros no mercado financeiro. Essas disputas contribuíram para ampliar o isolamento político do governo e a resistência de diferentes frações do capital às suas políticas econômicas.

A queda de Dilma da presidência foi parte de um movimento político que tinha como finalidade criar condições para a recomposição das taxas de lucro e restabelecer as condições de acumulação do capital. O governo Temer implementou uma série de reformas neoliberais voltadas a esse objetivo, como o teto de gastos, a reforma trabalhista e a reforma da Previdência, além de estabelecer as bases para a autonomia do Banco Central. A política de valorização real do salário mínimo também seria abandonada.

A reforma da Previdência, aprovada em 2019, a autonomia do Banco Central, estabelecida em 2021, e a manutenção da política de austeridade fiscal expressaram essa orientação. Ao mesmo tempo, a política de valorização real do salário mínimo foi interrompida, contribuindo para a perda do poder de compra dos trabalhadores. Tratava-se, portanto, de aprofundar a transferência dos custos da crise para a classe trabalhadora, reduzindo direitos, comprimindo rendimentos e ampliando as condições de rentabilidade do capital.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Música barroca e seus afetos

Entre os séculos 17 e 18, a música ocidental foi influenciada por grandes transformações sociais, pelo fortalecimento das monarquias absolutistas e pelo avanço da religiosidade da Contrarreforma em oposição ao avanço da Reforma Protestante, iniciada pelo frade agostiniano alemão Martinho Lutero (1483-1546), também pela crescente valorização da arte como forma de expressão, entretenimento e manifestação do poder. Foi nessa tensão que surgiu a música barroca, estilo marcado pela dramaticidade, pelo contraste e pela intensa expressão emocional. A música de salão ou de câmara — desse período — visava impactar e modificar o senso crítico do público com um dos objetivos de espiritualizar as pessoas. Melodias ornamentadas, mudanças bruscas de intensidade e composições grandiosas ajudavam a elaborar uma experiência sonora densa de emoções e teatralidade.

Nesse sentido, um dos princípios fundamentais da música barroca é a chamada “Doutrina dos Afetos”, nos quais despertavam sentimentos como tristeza, alegria, tensão, heroísmo e a devoção religiosa no espectador, e relacionava-se aos fenômenos históricos da época. Os ambientes eram igrejas, cortes e espetáculos públicos. O compositor organizava ritmos, melodias e harmonias a fim de produzir esses estados emocionais. Por isso, os temas dessa musicalidade apresentavam contrastes sonoros. Mudanças bruscas de intensidade, alternância entre os trechos rápidos e lentos e diálogos entre instrumentos e vozes criavam dramaticidade e dinâmica. Esse processo aproximava a música barroca de outras manifestações artísticas como o teatro e a pintura.

Segundo o professor Henrique Alonso, redator do portal Estratégia Vestibulares, “a música barroca consolidava os elementos técnicos que continuam presentes nos dias atuais”. Entre esses elementos, destaca-se o desenvolvimento do sistema tonal, fundamentado na organização das composições em torno de tonalidades e relações harmônicas mais definidas. Outro componente é o baixo contínuo, recurso no qual instrumentos graves sustentam a base harmônica da composição. Essa estru-



“O concerto de flauta de Frederico, o Grande, em Sanssouci”, pintura do alemão Adolph Menzel

tura gerava maior unidade às peças e contribuiu para o desenvolvimento de melodias mais expressivas sustentada por instrumentos de acompanhamento. Outro marco foi o desenvolvimento da ópera, forma artística que integra música, teatro e cenografia, na qual ampliava a força dramática. O uso de cenários, dos personagens e passagens de intensa expressividade emocional reforçava a teatralidade característica dessa estética.

Outra forma musical foi o concerto grosso, caracterizado pelo diálogo entre um pequeno grupo de solistas e o conjunto da orquestra. Essa alternância criava contrastes sonoros e valorizava o virtuosismo instrumental. Também merece destaque a fuga, composição baseada na repetição e no entrelaçamento de temas musicais. Nela, diferentes vozes e instrumentos retomam o mesmo tema em momentos distintos, criando uma estrutura complexa e rigorosamente organizada. Entre os nomes mais conhecidos da música barroca, destaca-se o compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750), reconhecido pelo domínio do contraponto. O padre e compositor italiano Antonio Vivaldi (1678-1741), conhecido por expor a re-

lação entre música e natureza, utilizava técnicas que descreviam fenômenos naturais. Destaca-se, ainda, o compositor alemão George Frideric Handel (1685-1759), célebre por suas óperas, os oratórios e obras vocais de caráter dramático e religioso.

No Brasil, especialmente em Minas Gerais, a música barroca desenvolveu-se durante o período colonial, que utilizava a música em celebrações religiosas, procissões e cerimônias litúrgicas, nas quais provocavam a experiência espiritual dos fiéis. Entre os principais nomes destaca-se o mineiro Lobo de Mesquita (1746-1805), cuja produção musical esteve direcionada às igrejas. Outro compositor foi o padre carioca José Maurício Nunes Garcia (1767-1830). Suas principais obras dividem-se em categorias sacras, sinfônicas e não religiosas.

Sinta-se convidado para a audição do 589º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 18, das 22h à meia-noite. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é pela FM 105,5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei as contribuições do compositor alemão Johann Sebastian Bach para o desenvolvimento da música barroca e erudita.

Kubitschek
Pinheiro
Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Velho cartão-postal

Em setembro passado, o Hotel Tambaú completou 45 anos — bodas de nada —, não precisamos dizer que é um belo projeto do arquiteto Sérgio Bernardes. Antes da inauguração em 11 de setembro de 1971, o hotel foi aberto, com uma primeira cerimônia de apresentação para convidados, em 6 de março daquele ano. Essa eu perdi. Nomes são destinos? Não.

Eu não gosto de começar um texto com datas, porque, neste espaço de **A União**, meu texto não é jornalístico, é apenas a apresentação do meu olhar que se alonga em sensibilidades.

Na semana passada, eu e minha mulher Francis fomos a Tambaú encontrar com a moça do acarajé e saímos numa volta de mãos dadas, como se ali nas barracas em frente ao hotel, fosse uma pracinha e pudéssemos namorar, festejando outras bodas, já que estamos há 34 anos juntos, fora os beijos e abraços antes do casamento.

Nenhum desastre é útil e nem todos os homens se libertam daquelas cenas gananciosas que já formam maioria. Não imagino o Hotel Tambaú morto, pois, ainda não anunciaram o cortejo — aliás, essas palavras que são ferramentas do meu texto, de abrir, e de pensar, e de ter medo das perdas — mas eu não me acostumo com as perdas.

Se olharmos muito para nós mesmos, se a imagem é fria por algum tempo perdido, não é só para ver, constatar que somos todos culpados pela perda do nosso cartão-postal — aí, a notícia diz, não, o hotel foi adquirido pelo Grupo A. Gaspar.

Disse uma criatura, na calçada do hotel, que o local passa por um processo de revitalização para ser reaberto como Ocean Palace Tambaú Beach Resort (ou Ocean Tambaú), com inauguração prevista para o Réveillon de 2027. E se não acontecer?

Logo veio a lembrança, num tempo longínquo, quando nosso filho Vítor era menino e com a amizade de Linton Barros, o gerente-geral, dormimos muitas noites no Hotel Tambaú — era tão bom e até inusitado, quando arrumávamos as malas e íamos passar fins de semana no hotel, que eu tanto sonhara.

A primeira vez que fui ao hotel, data de 1977, perguntei ao segurança, que não me pediu o crachá, autorizando que eu desse uma volta naquela circunferência, que dava para ver os quartos e o parque aquático. Eu próprio tendo me sentido uma uma andorinha, um galo-de-campina.

A felicidade da minha mulher e de meu filho pequeno, deles me é própria, como a primavera. Quando dava por mim, via a sensação de dormir ouvindo o barulho do mar, bater nas costas do hotel, parecia-me ouvir o canto de Antônio Maria, “manhã tão bonita, manhã”.

O Hotel Tambaú precisa reabrir suas portas, as janelas e deixar que os pássaros voltem as cenas aladas no café da manhã. Não foi um pássaro que me contou quando aconteceu o pássaro. Incrível, né? Talvez tivesse sido sempre assim, uma bonita obra de arte da cidade, cujos políticos e gestores estão ocupados demais em suas ganâncias.

Nas duas noites em que fiz as imagens e postei, o HT se estendeu por aí, pela cidade, sua morte noturna, esquecido de vestir o seu desenho original, para a poder sequer reconhecer num canto longínquo o velho cartão-postal.

Kapetadas

1 – Eu acordei antes de adormecer e deixei o sonho pronto para quando pegasse no sono.

2 – Rede social é foda, é a democratização da palavra: todos podem falar, sobretudo ao mesmo tempo.



“Não imagino o Hotel Tambaú morto, não anunciaram o cortejo”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Episódios que marcam a nossa história

Dois grandes ícones da indústria cinematográfica, agora irmanados. Na semana passada, a notícia que correu o mundo foi a fusão da Paramount com a Warner Bros. Um acontecimento avaliado em mais de US\$ 100 bilhões, que englobará em um único estúdio as duas empresas. Como não poderia deixar de ser, um fato que levaria as duas companhias aos halteres da justiça.

Paramount Pictures, um dos principais estúdios de cinema dos Estados Unidos, durante décadas liderou o mercado exibidor, sendo um dos estúdios mais importantes de Hollywood. Modernamente, por meio das novas tecnologias, buscou reinventar a forma de fazer cinema, a fim de enfrentar os desafios do novo século, inclusive o mercado distribuidor brasileiro, do qual eu e meu pai fizemos parte.

A mitologia hollywoodiana, aliada às festividades do “tapete vermelho” — perfilada pelas companhias Paramount, Warner Bros., Universal Pictures, Metro-Goldwyn-Mayer e tantas outras — somava o meu encanto pelo cinema norte-americano, no início de nossas vidas de exibidor com o meu pai. Isso, pelos idos dos anos sessenta. E, no começo dessa década, lá estava erguida e muito bem aparelhada mais uma de nossas salas de exibição cinematográfica, em Santa Rita. Com projeção em

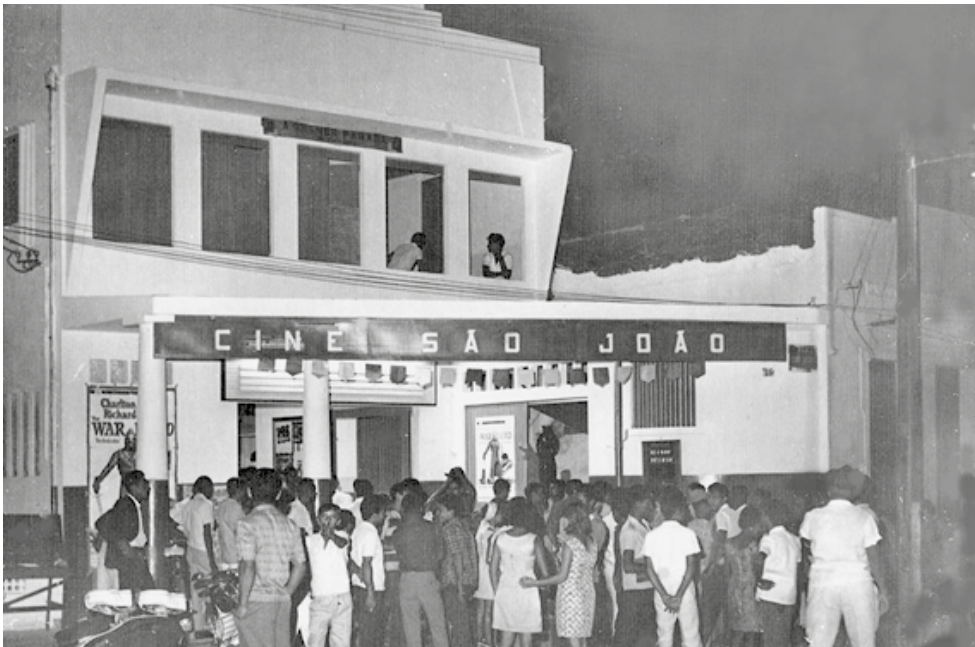


Foto: Arquivo pessoal

O Cine São João, de propriedade do pai do colunista, em noite de inauguração em Santa Rita

35mm e exibições em Cinemascope, o antigo Cine Santa Cruz passaria a ser coisa do passado...

Lembro bem da inauguração do nosso novo cinema, o Cine São João, na avenida de idêntico nome, em Santa Rita. O acontecimento tinha para aquele garoto (no caso, eu) um significado ainda maior, e que representava uma das mais importantes sagas daquele cavaleiro de armadura e senhor de todas as guerras, “Severino do cinema”, meu pai.

E, então, chegaria o grande momento: acomodado numa das primeiras filas de cadeiras, juntamente

com alguns coleguinhas, no nosso cinema, com o fôlego preso e de olhos vidrados na tela, sob um *ecrã* em preto & branco e 35mm, que voava sobre nossas cabeças, indo projetar-se no fundo da sala, estava eu, tenso, à espera das primeiras imagens de *O senhor da guerra* (*The war lord*), protagonizado pelo ator Charlton Heston, sob a direção de Franklin J. Schaffner e distribuído pela Universal Pictures. Filme inaugural do Cine São João, que mais tarde seria ampliado em mais outra sala: o cinema. – *Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: www.alex santos.com.br.*



APC: homenagens póstumas

A Academia Paraibana de Cinema está de luto. Nessas duas últimas semanas, faleceram dois de seus integrantes: o advogado Marcos dos Anjos Pires Bezerra, ocupante da cadeira 36 da APC, e o professor da UFPB e cineasta Jomar Muniz de Brito, membro honorário da nossa academia de cinema.

O presidente da APC, prof. João de Lima Gomes, em nome da entidade, estende condolências às famílias, aos parentes, aos colegas educadores e aos artistas da cena cultural brasileira, em razão desses falecimentos.

TELEVISÃO

Minissérie celebra 120 anos de Santos Dumont

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Os 120 anos do 14 Bis, principal criação do “Pai da Aviação”, serão celebrados com a exibição, na TV Cultura, da minissérie *Santos Dumont*, produzida originalmente pela HBO em 2019. A emissão será semanal, aos domingos, sempre às 16h, com o primeiro episódio (de um total de seis), programado para hoje. Dirigido por Estêvão Ciavatta e Fernando Acquarone, o projeto traz os atores João Pedro Zappa, Guilherme Garcia e Gilberto Gawronski como o personagem título, revezando-se em fases diferentes de sua vida.

O roteiro de Pedro Motta Gueiros e Gabriel Maria-

ni Flaksman focaliza, a cada capítulo, um trecho diferente e cronológico de sua trajetória — partindo da infância, no interior de Minas Gerais, passando por seus primeiros contatos com o segmento (quando de sua ida a Paris, aos 19 anos), desaguando em sua primeira ousadia: os famosos voos de dirigível nos céus da capital francesa. Os episódios finais retratam a trágica crise de consciência de Dumont, provocada principalmente pelo uso destrutivo do avião durante a Primeira Guerra Mundial.

Foi Estêvão quem levou o projeto para a HBO, em que foi “abraçado” por um dos seus então diretores, Roberto Ricardo Rios. Sendo fã do personagem real, o diretor era familiarizado com boa parte

de sua carreira, além de manter com ele um vínculo indireto e peculiar. “Minha família italiana, quando veio para o Brasil, no século 19, foi trabalhar na fazenda da família do Santos Dumont. Então é curioso pensar que um descendente daqueles colonos das plantações de café, mais de 100 anos depois, iria contar a história dele”, assevera.

A pesquisa abrangeu não apenas as biografias e as notícias da época, como depoimentos coletados junto à família. Aspectos pouco conhecidos também entraram no roteiro — um deles, a sexualidade de Dumont, alvo de escrutínio mais recente. “Fizemos questão de assumir a postura de que ele podia ser o que ele quisesse: n a -

morar mulheres e ser ‘enrustido’, ou namorar homens, ou não namorar ninguém. Por isso, eu acho ele uma figura muito interessante nesse sentido. E a gente tentou dar todas essas nuances”, revela.

Em 2020, logo após a estreia no *streaming*, a minissérie venceu o prêmio internacional Telly Awards, nas categorias Cinematografia e Entretenimento. Sete anos depois da conclusão do projeto, Estêvão Ciavatta assina-la a sua relevância. “Ele tinha um componente de liberdade muito interessante, de ter feito não só o primeiro avião a voar, como o monoplano também, que é o tipo de avião que hoje todos são. É muito bom que ele seja brasileiro e acho que é muito importante que as gerações conheçam essa pessoa tão especial”, conclui o diretor.

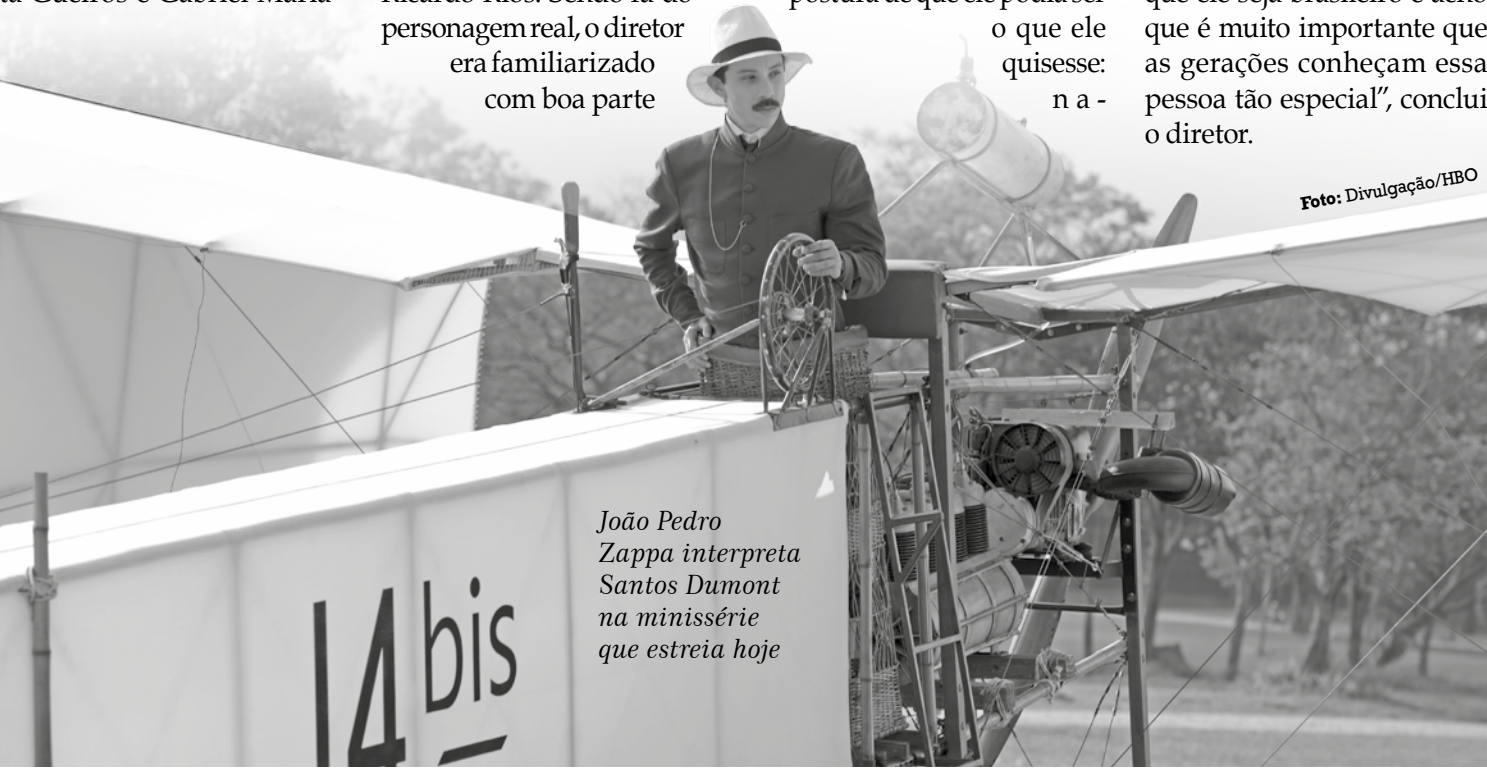


Foto: Divulgação/HBO

João Pedro Zappa interpreta Santos Dumont na minissérie que estreia hoje

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Três pensamentos provisórios

I
Quando escrevo um verso, escrevo para mim mesmo. Para todos, para ninguém. A sensação que tenho se parece muito com a sensação do descanso ou da pequenina alegria. Minha intimidade se enche das coisas do mundo. Sei que mexi, um pouco, com a secreta ordem da linguagem, com os ritos inomináveis dos ancestrais, com as taças da vertigem que a tudo se incorpora. Quando escrevo um verso, um versinho qualquer, sem pretensão e com singeleza, o mundo, à minha volta, muda de cor, e seus espaços deixam-se ocupar por estranhas criaturas deste e de outros mundos. Meu verso me põe, de repente, na música da viagem, na instantânea magia dos lugares intocáveis, no meio do acontecimento maior, isto é, o acontecimento do ser. Basta só um substantivo, solitário, na harmonia sugestiva do dizer; basta só um verbo, desacompanhado da tristeza e da imperfeição dos acessórios, para a poesia, na sua voz silenciosa, tomar-me por inteiro, pulsar nas minhas veias, instalando a sintaxe divina dentro de mim.

II

Beethoven. Seu concerto para violino, suas sonatas, suas sinfonias me conduzem, sempre, para os refúgios do êxtase. Por que amo tanto os compassos dessa música misteriosa? Faz muitos anos que escuto, entre sons, pausas e silêncios, algum ritmo originário que vem, não sei, quem sabe, das esferas divinas ou dos rastros da eternidade. A música genuína nos retira da asfixia do mundo ordinário e nos lança, inteiramente plenos, nas leves habitações do milagre. Beethoven abriga relâmpagos e tempestades, suavidade e luz, fraternidade e utopia. Não imagino a vida, sem a sua soberba herança musical.

III

Estou aqui, no pulmão de minha comarca. Depois que voltar daqui, serei mais louco e mais saudável. Minha casinha fica em riba da serra. Vejo, de lá, a cidade iluminada e se contorcendo em suas pequeninas aventuras interiores. A vida é isso: prazer e fúria. Glória, perda e abandono. Ontem, o sino tocou suas elegias de espanto; os anjinhos, seduzidos pela fantasia da morte, alertavam para o não sentido de ser e existir. Eu me dou o direito de só pensar em você, poesia, diante do noturno esmagado e das locas indecifráveis dessa Caatinga coberta de perfumes. Vejo seus olhos no escapulário da jurema, e por trás da cacimba de águas cristalinas e miraculosas, sua alma fica nua e nítida dentro de meu desassossego. Posso não ser nada, e sei que o sou. Mas, desde que a descobri, na esquina do mundo, única, vaporosa, edênica, absorvente, desvairada, linda como um adágio de Bach, minhas normas desmoronaram.

Imagem: Joseph Karl Stieler/Beethoven-Haus



“Beethoven abriga relâmpagos e tempestades, suavidade e luz”

TEATRO

Daniel Duncan não faz média

Humorista deixa claro suas ideias políticas no show que faz hoje, no Sesc de JP

Daniel Abath
abathjournalista@gmail.com

Comediante e roteirista brasileiro conhecido por *stand-up comedy* com forte presença de comentários políticos e observações sobre a sociedade brasileira, Daniel Duncan procura equilibrar sua crônica de costumes ao vivo com produção de vídeos para as redes sociais, além de textos em formatos diversos — para ele, “as melhores piadas são horríveis e cruéis, como a vida”. O estilo ácido e direto do artista pode ser visto hoje, às 19h, no Sesc Centro da capital, com o espetáculo *Daniel Duncan ao vivo nas eleições em João Pessoa*. Os ingressos estão à venda pelo Sympa por R\$ 60 (inteira), R\$ 30 (meia) e R\$ 40 (solidário). “Escrevo desde os 16 anos. Tinha um *blog* onde publicava crônicas, quase sempre com algum tom cômico, mesmo quando tentava falar algo sério. Nunca aprendi a me comunicar de outro jeito”, disse Daniel, que esteve pela última vez em João Pessoa no ano passado.

O palco surgiu, em suas palavras, como uma maneira de testar os textos diante do público e observar as reações em tempo real. Ao longo de mais de uma década de carreira, também trabalhou como roteirista para programas de televisão e campanhas publicitárias. Entre seus trabalhos no audiovisual, está a colaboração no roteiro do filme *TOC: transornada, obsessiva e compulsiva* (2017), dirigido e corroteirizado por Paulinho Caruso. Um dos aspectos mais reconhecíveis do trabalho de Duncan é a abordagem de acontecimentos políticos recentes. Quase sempre seus textos exploram decisões de agentes públicos, disputas ideológicas e situações da conjuntura brasileira, transformando acontecimentos da semana em material para o palco e para vídeos na *internet*. Diante da contemporânea polarização do campo político, atender a gregos e troianos, evitando a predileção de um apenas um dos lados da partida, é tarefa praticamente impossível, como afir-

ma: “Inevitavelmente acaba nichando, porque as pessoas hoje reagem a uma virgula como se fosse uma ofensa pessoal. A polarização tem esse efeito colateral. Mas me surpreende positivamente o número de pessoas conservadoras que assistem aos meus *shows* e gostam do que veem”. Um dos primeiros especiais do humorista foi *Eu não sou feliz em festas*, trabalho que explorava questões como baixa autoestima, ansiedade social e medo da morte, entre outras temáticas, provando que sua produção não se limita à política. Outro dos temas centrais de sua fase atual é a relação entre o trabalho artístico e as plataformas digitais, inaugurado pelo número *Morte ao algoritmo*, que aborda a influência das redes sociais sobre o comportamento, a produção artística e a maneira como as pessoas consomem informação. Velocidade informacional, repetição, bolhas algorítmicas e precariedade atencional acabam engrossando o caldo das piadas acerca do caso brasileiro.

Sobre a assunção de sua posição política no palco, tendo em vista o sugestivo título da apresentação, Duncan é categórico em seu posicionamento pela honestidade: “Se você vai assistir a alguém falando por uma hora, o mínimo que se espera é que essa pessoa esteja sendo sincera. Ser honesto não vende tão bem quanto fazer média. Hoje tudo é marca, inclusive a autenticidade. Mas, do ponto de vista artístico, não tem o que perder”.

ONDE:
■ TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, nº 281, Centro, João Pessoa).



Foto: Divulgação

Daniel Duncan faz comentários ferinos sobre política

Em Cartaz



Cinema

Programação de 15 a 21 de outubro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.
* Até o fechamento desta edição, o *Cine Veira*, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

DENTRO DA BALEIA (*Whalefall*). EUA, 2026. Dir.: Brian Duffield. Elenco: Austin Abrams, Elisabeth Shue, Josh Brolin. Suspense. Mergulhador é engolido por baleia e precisa sair antes que seu oxigênio acabe. 1h46. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 7: dom.: dub.: 13h10, 15h45, 18h15; leg.: 20h50; seg. a qua.: dub.: 15h45, 18h15; leg.: 20h50. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 4: dub.: qui. a seg.: 16h20, 18h25; ter. e qua.: 16h20, 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 3: dub: qui. a seg.: 16h20, 18h25; ter. e qua.: 16h20, 18h25, 20h30.

ROSEBUSH PRUNING (*Rosebush pruning*). Alemanha/Itália/Espanha/Reino Unido/EUA/Canadá, 2026. Dir.: Karim Ainouz. Elenco: Tracy Letts, Callum Turner, Elle Fanning, Pamela Anderson. Drama. Segredos de família rica aparecem depois que um dos filhos anuncia que vai morar com a namorada. 1h37. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 20h20; ter.: 20h10. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 11 (*VIP*): leg.: 19h30.

SACRIFÍCIO (*Sacrifice*). Reino Unido/Grécia/Chipre/EUA/França/Itália/Austrália, 2025. Dir.: Romain Gavras. Elenco: Chris Evans, Anya Taylor-Joy, Vincent Cassel, John Malkovich, Salma Hayek. Suspense/ comédia. Estrela do cinema é refém de grupo radical que invade festa chique. 1h43. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala* 1: leg.: 20h30.

STREET FIGHTER (*Street fighter*). EUA/Japão, 2026. Dir.: Kitao Sakurai. Elenco: Jason Momoa, Callina Liang. Aventura. Dois lutadores enfrentam uma competição oculta ao participar de um campeonato. 1h59. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala* 4: dub.: 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 4: dub.: 13h50, 16h30; leg.: 19h15, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 5: dub.: 13h, 15h50, 18h40, 21h20; *sala* 9: dub.: 13h30, 16h15; leg.: 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala* 1: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 5 (*laser*): dub.: 16h, 18h20, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 1 (*laser*): dub: 16h, 18h20, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 2: dub.: 15h; *sala* 3: dub.: 16h15, 18h50, 21h15. PATOS MULTIPLEX: *sala* 1: dub.: 18h30, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 3: dub.: dom.: 16h10, 18h40, 21h10; seg. a qua.: 18h40, 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 18h30; seg.: 20h30; ter.: 18h10; qua.: 16h30;.

PRÉ-ESTREIA

CARA DE BARRO (*Clayface*). Reino Unido/EUA, 2026. Dir.: James Watkins. Elenco: Tom Rhys Harries, Ruby Sear. Terror. Estrela de

Hollywood em ascensão se submete a experiência que o transforma em um ser que muda de forma. 1h48. Classificação não informada.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 1: dub.: qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala* 2: dub.: qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 1: dub.: qua.: 19h10, 21h15. PATOS MULTIPLEX: *sala* 3: qua.: dub.: 19h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 2: dub.: qua.: 18h30, 20h50.

REAPRESENTAÇÃO

CARROS (*Cars*). EUA, 2006. Dir.: John Lasseter. Comédia/ animação. Jovem e arrogante carro de corridas vai parar em cidade do interior, onde aprende a ser humilde. 1h56. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala* 1: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 2: dub.: dom.: 12h50. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 2: dub.: 16h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 4: dub.: 16h40. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 1: dub.: 15h20. PATOS MULTIPLEX: *sala* 1: dub.: qui. a seg. e qua.: 15h20; ter.: 15h20, 19h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 1: dub.: dom.: 14h20; seg. a qua.: 16h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: ter. e qua.: 14h.

ESPECIAL

JOGOS VORAZES: A CANTIGA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES (*The Hunger Games: the ballad of songbirds & snakes*). EUA/Canadá, 2023. Dir.: Francis Lawrence. Elenco: Rachel Zegler, Tom Blyth, Viola Davis. Aventura. Jovem é escolhido como mentor de uma competidora pobre nos mortais Jogos Vozares. 2h37. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 8: dub.: seg.: 21h. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 4: dub.: seg.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 3: dub: seg.: 20h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX: *sala* 3: dub.: seg.: 19h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 2: dub.: seg.: 20h45.

JOGOS VORAZES: A ESPERANÇA: O FINAL (*The Hunger Games: mockingjay – part 2*). EUA/Alemanha/Canadá/França/Reino Unido, 2015. Dir.: Francis Lawrence. Elenco: Jennifer Lawrence, Josh Hutcherson, Donald Sutherland. Aventura. Garota símbolo da rebelião contra o governo autoritário se prepara para a batalha final. 2h17. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 8: dub.: dom.: 21h. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 4: dub.: dom.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 3: dub: dom.: 20h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX: *sala* 3: dub.: dom.: 19h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 2: dub.: dub.: dom.: 20h45.

LUZ, ANIMA, AÇÃO. Brasil, 2013. Direção: Eduardo Calvet. Documentário. A história da animação brasileira. 1h40. Livre.
João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 19h. *Entrada franca.*

RAN (*Ran*). Japão/França, 1985. Dir.: Akira Kurosawa. Elenco: Tatsuya Nakadai, Akira Terao. Drama/ guerra. Senhor feudal entrega seus domínios aos três filhos, mas isso os corrompe. Oscar de figurino. 2h40. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 19h.

SPACE JAM: O JOGO DO SÉCULO (*Space*

jam). EUA, 1996. Dir.: Joe Pytka. Elenco: Michael Jordan, Billy West (voz), Wayne Knight, Bill Murray. Comédia/ animação. Para enfrentar alienígenas, os Looney Tunes pedem ajuda ao astro de basquete Michael Jordan. 1h28. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 1: dub.: dom.: 13h.

CONTINUAÇÃO

AMELIA TOLEDO: LEMBRAR DE NÃO ESQUECER. Brasil, 2026. Dir.: Hélio Goldsztejn. Documentário. A vida e a obra da artista plástica. 1h22. 10 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 16h.

AS AVENTURAS DE TADEO E A LÂMPADA MÁGICA (*Tadeo Jones y la lámpara maravillosa*). Espanha, 2026. Dir.: Enrique Gato. Aventura/ comédia/ animação. Aventureiro acidentalmente libera um feitiço antigo e precisa resolver o problema. 1h34. 10 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 8: dub.: 13h30. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 2: dub.: 14h50; *sala* 3: 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 4: 14h50; *sala* 5: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 2: dub.: 17h15. PATOS MULTIPLEX: *sala* 4: dub.: 14h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 2: dub.: dom.: 14h, 16h; seg. a qua.: 16h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 15h20; seg.: 14h.

CORAÇÃO SELVAGEM (*Heart of the beast*). EUA, 2026. Dir.: David Ayer. Elenco: Brad Pitt, J.K. Simmons. Aventura. Ex-soldado ferido e seu cão lutam para sobreviver em região selvagem do Alasca e voltar para casa. 1h41. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 11 (*VIP*): leg.: 16h45.

CORDELINA. Brasil, 2022. Dir.: Jaime Guimarães. Elenco: Odília Nunes. Drama. Atriz anada pelo interior apresentando um espetáculo. 1h10. 10 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua.: 19h30.

ASCORES DO TEMPO (*La venue de l’avenir*). França/Bélgica, 2025. Dir.: Cédric Klapisch. Elenco: Suzanne Lindon, Abraham Wapler. Drama. Primos herdam uma casa antiga e descobrem sobre a vida de uma antepassada do século 19. 2h05. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 18h.

DIGGER (*Digger*). Reino Unido/ México/EUA, 2026. Dir.: Alejandro G. Iñárritu. Elenco: Tom Cruise, Riz Ahmed, John Goodman, Sandra Huller. Drama/ comédia. Homem poderoso provoca desastre e tenta provar que é o salvador da humanidade. 2h08. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 11 (*VIP*): leg.: 13h40.

GALINHA PINTADINHA: O FILME. Brasil, 2026. Dir.: Marcos Lupoini e Juliano Prado. Vozes originais: Hannah, Paulka Zarta. Comédia/ animação/ infantil. Galinha precisa resgatar seu pintinho, entregue por engano ao gavião pela cegonha. 1h15. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 3: dom.: 13h15; seg.: 18h20 (sessão para portadores do espectro autista). **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h.

HOPE: O PRIMEIRO IMPACTO (*Hope*). Coreia do Sul, 2026. Dir.: Na Hong-Jin. Elenco:

Hwang Jung-Min, Zo In-Sung. Terror. Vilarejo é atacado por criatura misteriosa e habitantes agem de maneira estranha. 2h40. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 8: dub.: ter. e qua.: 21h.

MINHA MELHOR AMIGA. Brasil, 2026. Dir.: Susana Garcia. Elenco: Ingrid Guimarães, Monica Martelli. Comédia. Amigas resolvem viajar juntas para visitar as filhas no exterior. 2h05. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 3: dom. e ter.: 12h50, 15h30, 18h20, 21h; seg.: 12h50, 15h30, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala* 3: 16h30, 21h30. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 3: 18h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 5: 18h25. **Patos:** PATOS MULTIPLEX: *sala* 3: 16h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 2: qui. a ter.: 18h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 15h40; qua.: 20h30.

MIRRORS Nº3 (*Miroirs n° 3*). Alemanha, 2025. Dir.: Christian Petzold. Elenco: Paula Beer, Barbara Auer. Drama. Após o namorado morrer num acidente de carro, mulher é acolhida por outra que testemunhou, mas passa a desconfiar de suas intenções. 1h26. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 16h30; ter.: 16h.

MORTE E VIDA MADALENA. Brasil, 2026. Dir.: Guto Parente. Elenco: Noá Bonoba, Tavinho Teixeira. Comédia/ drama. Produtora de cinema enfrenta vários problemas pessoais enquanto tenta manter seu filme de pé. 1h25. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 15h.

OUTRA MAMÃE (*Other mommy*). EUA/Irlanda, 2026. Dir.: Rob Savage. Elenco: Jessica Chastain, Arabella Olivia Clark, Karen Allen. Terror. Menina enfrenta uma entidade sinistra que sai de seu armário e que ela chama de “outra mamãe”. 1h33. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala* 1: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 8: dub.: 16h10, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala* 4: 15h50, 17h50, 20h. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 6: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 2 (*laser*): dub: 21h. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 1: dub.: ter.: 19h10. PATOS MULTIPLEX: *sala* 4: dub.: 18h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 1: dub.: 19h15.

SE EU FOSSE VOCÊ 3. Brasil, 2026. Dir.: Anita Barbosa. Elenco: Cléo Pires, Rafael Infante, Glória Pires, Tony Ramos. Comédia. Mulher troca magicamente de corpo com o marido, 20 anos depois de isso ter acontecido com seus pais. 1h59. 12 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala* 1: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 2: 16h20, 18h50, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala* 3: 14h, 19h15. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 2 (*laser*): 19h, 20h50; *sala* 4: 19h, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 4: 19h, 20h50. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 1: qui. a ter.: 21h10. PATOS MULTIPLEX: *sala* 4: 16h45. **Remígio:** CINE RT: dom.: 17h; ter.: 16h.

UM TIO QUASE PERFEITO 3. Brasil, 2026. Dir.: Pedro Antonio. Elenco: Marcus Majella, Ana Lúcia Torre, Letícia Isnard. Comédia. Homem tenta lidar com a distância dos sobrinhos enquanto tenta cuidar de bebê deixada na sua porta. 1h35. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala* 4: 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 2: 14h.

CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala* 4: 13h50. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 1: 17h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 3: dom.: 14h; seg. a qua.: 16h30.

VERITY (*Verity*). EUA, 2026. Dir.: Michael Showalter. Elenco: Anne Hathaway, Dakota Johnson, Josh Hartnett. Drama/ mistério. Escritora é contratada para ser a *ghost writer* de autora *best seller* que não consegue terminar seu romance após um acidente, mas descobre anotações perturbadoras. 1h54. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala* 4: leg.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala* 1: dub.: dom.: 15h20, 17h50, 20h30; seg. e ter.: 12h45, 15h20, 17h50, 20h30; *sala* 6: dub.: 13h20, 16h; leg.: 18h50, 21h40; *sala* 10 (*VIP*): leg.: 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala* 5: dub.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIA: *sala* 3: dub.: 20h45; *sala* 6 (*laser*): dub.: 16h20, 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala* 2 (*laser*): dub.: 16h20, 18h40; *sala* 5: dub.: 20h45. **Patos:** CINE GUEDES: *sala* 2: dub.: 19h, 21h10. PATOS MULTIPLEX: *sala* 4: dub.: 20h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADELUZ: *sala* 1: dub.: dom.: 16h50, 21h20; seg. a qua.: 21h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 20h30; seg.: 18h.

VIRTUOSAS. Brasil, 2026. Dir.: Cintia Domit Bittar. Elenco: Bruna Linzmeyer, Maria Galant. Drama/terror. Grupo de mulheres religiosas vão a retiro para desenvolvimento, mas a jornada se torna perigosa. 1h26. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 18h; seg.: 17h30; qua.: 16h. .

Teatro

HOJE

DANIEL DUNCAN. Humorista apresenta o show *Ào vivo nas eleições*.
João Pessoa: TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, 281, Centro). Domingo, 18/10, 19h. Ingressos: R\$ 60 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 30 (meia), antecipados pela plataforma Sympa.

XULÉ À LA CARTE. Da Trupe Arlequin. Espetáculo do projeto Domingo no Sesc.
João Pessoa: TEATRO DO SESC (Sesc Centro de Cultura, Arte e Esporte, R. Desembargador Souto Maior, 281, Centro). Domingo, 18/10, 17h. Entrada franca, com fichas distribuídas no local.

Música

AMANHÃ

SANHUAÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 19/10, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

LEGISLATIVO

Violência política afeta mulheres

Levantamento mostra que Câmaras Municipais são os principais espaços de ataques a parlamentares no país

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Conquistar uma cadeira no Legislativo não encerra os desafios enfrentados pelas mulheres na política. Interrupções de fala, tentativas de desqualificação, ofensas e ameaças podem marcar o exercício do mandato. Há, ainda, formas menos explícitas de discriminação, como a exclusão de espaços de decisão e o questionamento da autoridade das parlamentares. Na Paraíba, os relatos de vereadoras de João Pessoa, Campina Grande e Santa Helena revelam diferentes experiências diante desse cenário.

Levantamento da Rede A Ponte, divulgado neste ano, mostra que as Câmaras Municipais são os principais espaços de ocorrência da violência política relatada por vereadoras. O estudo *Raio X da Violência Política de Gênero e Raça no Legislativo Municipal*, que ouviu mais de 70 parlamentares, registrou 44 casos de violência de gênero e raça: 77% dos casos ocorreram dentro das casas legislativas e 64% durante o exercício do mandato. Em 34% dos relatos, as agressões foram atribuídas a colegas do próprio partido, situação conhecida como “fogo amigo”.

Entre os tipos de violên-



Vereadora de João Pessoa, Jailma Carvalho (PSB) relata que discriminação ocorre tanto nas sessões quanto nos bastidores

Foto: Olenildo Nascimento/CMJP

cia identificados, 89% das entrevistadas relataram violência psicológica (humilhações, constrangimentos e cortes de microfone), 82% citaram violência simbólica (deslegitimação e estereótipos) e 59% mencionaram violência moral. A pesquisa também evidencia o recorte racial: 80% das vereadoras negras ouvidas relataram ter sofrido violência política, ante 60% das brancas, sendo oito em cada 10 agressores homens brancos cisgêneros.

O cenário persiste apesar da Lei Federal nº 14.192/2021,

que estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher. A sub-representação feminina também permanece expressiva no país. Após as Eleições Municipais de 2024, as mulheres ocupavam 18,2% das cadeiras nas Câmaras Municipais, e 734 municípios não elegeram nenhuma vereadora.

Na Paraíba, a presença feminina também varia em suas duas maiores cidades. Em João Pessoa, mulheres ocupam apenas duas das 29 cadeiras da Câmara Municipal, o equivalen-

te a 6,9% do total. Em Campina Grande, são oito vereadoras entre os 23 parlamentares, o que corresponde a 34,8%.

Ameaças além do plenário

Na Câmara Municipal de João Pessoa, a vereadora Jailma Carvalho (PSB) afirma enfrentar diariamente situações que considera violência política de gênero, tanto durante as sessões quanto fora da tribuna.

“Quando subo na tribuna para discursar, eu me deparo com uma tentativa constante de invisibilizar a minha voz. A

maioria dos vereadores sequer me escuta. A violência também aparece em piadas, falas machistas e misoginia velada. Minha reação é fazer o enfrentamento e não me calar”, afirma.

Jailma também aponta dificuldades na tramitação de projetos de sua autoria, sobretudo os relacionados à garantia de direitos e à proteção das mulheres. “Os projetos de lei que apresento, principalmente os voltados à garantia de direitos e à proteção das mulheres, enfrentam mais barreiras, sendo frequentemente veta-

Campina Grande registra histórias de racismo e misoginia

Em Campina Grande, a vereadora Ivonete Ludgério (PSD), no sexto mandato, relata ter enfrentado preconceito de gênero ao longo de sua trajetória política. Ela presidiu a Câmara Municipal por dois biênios e afirma que, antes de conquistar o cargo, ouviu de colegas que não votariam em uma mulher para comandar a Casa. “Quando tentei, pela primeira vez, a presidência da Câmara, ouvi de colegas que [eles] não votavam em mulher. Também ouvi que eu tinha saído do fogão para ser vereadora”, lamenta.

Ivonete recorda, ainda, situações de humilhação durante o exercício do mandato. Em 2012, quando assumiu uma cadeira na Câmara como primeira suplente, foi questionada por um colega, diante dos demais parlamentares, sobre o que fazia ali, já que não havia sido eleita diretamente. Em outra ocasião, durante uma discussão, ouviu de um vereador que era “pequena”, não apenas em relação à altura, mas também ao comportamento. Apesar dos episódios, a vereado-



Foto: João Pessoa

Quando tentei, pela primeira vez, a presidência da Câmara, ouvi de colegas que [eles] não votavam em mulher; que eu tinha saído do fogão para ser vereadora

Ivonete Ludgério

ra sustenta que a presença de mais mulheres no Legislativo contribuiu para melhorar a convivência entre os parlamentares. Ela diz ter conseguido estabelecer uma relação de maior respeito e cordialidade tempos depois, ao assumir a presidência da Casa, eleita com os votos dos 22 colegas homens.

A experiência de Jô Oliveira (PCdoB) acrescenta à discussão o recorte racial. Mulher negra, ela avalia que o racismo e a misoginia também se manifestam na desconfiança sobre a capacidade das parlamentares e na resistência à presença de mulheres negras nos espaços de poder. “A política não é pensada para nós nem por nós. Quando a gente força a porta para estar [nesses espaços], as pessoas têm um movimento muito brusco”, reflete.

Ao longo da sua trajetória política, Jô relata ter sido confundida com outra pessoa ou não reconhecida como candidata. Também lembra de ter enfrentado questionamentos sobre sua capacidade de se expressar e de discutir políticas públicas fora das pautas de gê-

nero e raça. “Já tive situações de pessoas dizerem que não imaginavam que eu teria a capacidade de falar tão bem e conhecer a minha cidade. Já tive situações em que duvidaram que eu poderia discutir uma política pública específica, como saúde, por entenderem que, por eu ser mulher e negra, trataria apenas das questões de gênero e raça”, conta.

Para Jô, enfrentar essas situações exige denunciar a discriminação e promover mudanças culturais. “Quando a gente silencia, outras e outros provavelmente passarão pelo mesmo, então a gente tem que falar sobre”, afirma.

A parlamentar defende uma educação voltada ao respeito à diversidade e considera a presença de mulheres negras na política parte de uma trajetória coletiva. “As pessoas precisam estar mais abertas para entender que a nossa presença, hoje, é inegociável”, enfatiza.

Já a vereadora Carol Gomes (União Brasil), que exerce seu segundo mandato, afirma nunca ter sofrido violência política direta, mas vê o Legisla-



Foto: Rep./CMCG

A política não é pensada para nós nem por nós. Quando a gente força a porta para estar [nesses espaços], as pessoas têm um movimento muito brusco

Jô Oliveira

dos ou passando meses esquecidos nas comissões”, relata.

Já a vereadora Eliza Virgínia (PP) alega nunca ter sofrido violência por parte dos colegas parlamentares, mas relata ofensas e ameaças da plateia. “Pela plateia já sofri ofensas e ameaças. Já fui chamada de ‘vaca’ e recebi xingamentos de cunho pornográfico. [...] Já sofri ameaça de morte”, conta.

Eliza descreve a Câmara como um ambiente de embates políticos intensos, no qual representantes com diferentes posições ideológicas defendem seus valores e ideias. Para ela, a atuação parlamentar exige firmeza diante das divergências e capacidade de sustentar os próprios argumentos. “Para você ser uma mulher política, você tem que ser uma mulher forte”, sublinha.

Procurada, a Câmara Municipal de João Pessoa informou que não possui leis ou mecanismos específicos para prevenção e enfrentamento da violência política de gênero. Segundo a diretora de Comunicação da Casa, Verônica Guerra, não há registros formais de ocorrências dessa natureza nos últimos seis anos. “A gente tem várias leis em relação à mulher, mas leis relacionadas à violência de gênero e violência política, nós não temos”, pondera.

tivo como um ambiente culturalmente masculino. Segundo ela, em algumas situações, precisa elevar o tom de voz para ser ouvida. “Sinto que, muitas vezes, é preciso aumentar o tom de voz para ser verdadeiramente ouvida. No entanto, tenho a convicção de que não mudarei a minha essência para me moldar ao local, afinal, foi exatamente o meu perfil que me fez chegar até aqui”, frisa.

Carol destaca que, apesar das diferenças partidárias, as vereadoras da cidade mantêm uma relação de apoio mútuo. Para ela, as mudanças devem começar na formação social e educacional, antes mesmo do ingresso na política institucional. “É uma discussão que não deve começar aqui dentro, na verdade. É um movimento que deve ser iniciado na base”, defende.

Como exemplo de iniciativa institucional, a vereadora cita a Lei Municipal nº 8.502/2022, que institui o Programa Mulheres na Política, voltado ao incentivo da participação feminina nos espaços de decisão.

é fundamental para que os episódios sejam devidamente apurados. A ampliação da representação feminina exige não apenas a conquista de cadeiras nas urnas, mas também condições para que as mulheres exerçam seus mandatos com liberdade, respeito e segurança.

No Sertão paraibano, caso de assédio moral é levado à Justiça

Em Santa Helena, no Sertão paraibano, o Ministério Público Eleitoral investigou, em maio de 2026, denúncias de violência política de gênero contra a vereadora Fabiana Enfermeira (PSB), única mulher da Casa, após relatos de constrangimentos, deboches e ataques em

redes sociais feitos na tribuna.

Embora tenha reconhecido a gravidade dos fatos, a Procuradoria Regional Eleitoral (PRE-PB) declinou da atribuição por falta de foro por prerrogativa de função para vereadores em crimes eleitorais, remetendo os au-

tos à Promotoria Eleitoral da 37ª Zona Eleitoral (São João do Rio do Peixe).

Em setembro, a Justiça concedeu medidas protetivas de urgência à parlamentar. Nos autos, ela sintetizou: “Nenhum mandato deveria custar a saúde mental de ninguém”.

Diagnóstico

Os relatos mostram que as experiências das mulheres no Legislativo são diversas, mas apontam desafios relacionados ao reconhecimento de sua autoridade, à participação nos espaços de decisão e ao respeito durante o exercício do mandato. En-

quanto algumas parlamentares relatam situações de discriminação e intimidação, outras identificam dificuldades no ambiente político sem classificá-las como violência direta.

Distinguir divergências legítimas de práticas de constrangimento e discriminação

CIDADANIA

Recorde de eleitores amplia desafios de acessibilidade

Justiça Eleitoral expandiu estrutura física de seções, mas ainda há entraves

Da Redação
com Agência Senado

As Eleições 2026 tiveram o maior número já registrado de eleitores com deficiência. Foram 1.970.165 indivíduos aptos a votar, 42% a mais que em 2022. Como proporção do eleitorado total, o eleitorado com deficiência subiu de 0,1% para 1,24% desde 2010, quando o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) começou a reunir esse dado.

O crescimento ocorre em um cenário de ampliação das medidas de acessibilidade, como o aumento do número de seções acessíveis. A Justiça Eleitoral expandiu a infraestrutura física, elevando a oferta de seções eleitorais com acessibilidade de 156.296, em 2022, para 220.577, em 2026. O número fica abaixo da metade do total de seções em território nacional, que passa de 517 mil, mas cresceu em proporção: eram 31,6% das seções em 2022, e agora são 42,6%.

O acolhimento também avançou com novos recursos nas urnas eletrônicas e a criação de um programa de transporte gratuito para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. No primeiro turno, essas medidas foram colocadas em prática em todo o país e também passaram a ser avaliadas a partir da experiência dos próprios eleitores.

O balanço da votação permite identificar avanços, mas também aponta para a necessidade de acompanhar como os recursos funcionam na prática e quais barreiras ainda precisam ser enfrentadas para garantir a participação das pessoas com deficiência de forma autônoma e em igualdade de condições nas próximas eleições. A avaliação é de Joelson Dias, ex-ministro-substituto do TSE e ex-presidente da Comissão Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

“O que nós queremos mesmo são todas as sessões com acessibilidade. Depois, ter certeza de que as barreiras serão removidas de todo o processo eleitoral, antes, durante e depois da campanha. Que também sejam removidas essas barreiras não somente na urna eletrônica, no local de votação, mas no entorno”, defende.

Obstáculos

Embora o número de seções principais com acessibilidade tenha crescido, o próprio TSE ressalta que as condições dos imóveis utilizados como locais de votação podem mudar ao longo do tempo, o que exige vistorias e atualização periódica das informações sobre acessibilidade.

O primeiro turno também serviu para colocar à prova o programa Seu Voto Importa, que ofereceu transporte gratuito a pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida



Percentual do eleitorado com deficiência no país subiu de 0,1% para 1,24% desde 2010

que não tinham meios próprios para chegar aos locais de votação. Conforme o TSE, mais de dois mil eleitores utilizaram o serviço.

A experiência de Alesandra Pereira dos Santos mostra como o deslocamento pode interferir na participação eleitoral. Estudante de Jornalismo e cadeirante, ela vota no Paranoá, cidade-satélite na periferia de Brasília (DF). Segundo ela, a distância e as dificuldades de transporte, que já são batalhas do dia a dia, podem se tornar obstáculos ainda maiores em um dia de eleição.

“O deslocamento já é difícil em dias normais. Com a sociedade toda se deslocando ao mesmo tempo para ir às urnas, fica mais complicado. Então, esse acesso fácil traz uma tranquilidade, é menos estressante, porque o programa busca justamente romper as barreiras físicas. Eu, como uma pessoa com deficiência, quero ter também o meu direito de votar por conta própria”, reivindica.

Além das barreiras físicas, o jurista Joelson Dias chama atenção para dificuldades de comunicação e acesso à informação, inclusive nos meios digitais. Segundo ele, os conteúdos divulgados por instituições e partidos políticos precisam considerar recursos de acessibilidade para que eleitores e candidatos com deficiência tenham acesso às informações do processo eleitoral.

Outra adversidade está relacionado às chamadas “barreiras atitudinais”: o preconceito, a falta de paciência e a falta de conhecimento que podem prejudicar o atendimento ao eleitor por parte dos funcionários da Justiça Eleitoral.

“Após o primeiro turno, o que mais eu ouvi de reclamação de algumas pessoas com deficiência foi [sobre] a capacitação e o treinamento dos mesários. Será necessário ver de que maneira isso pode melhorar”, aponta.

Para o especialista, as experiências dos próprios eleitores devem ser consideradas na avaliação das medidas de acessibilidade. O eleitor que encontrar uma dificuldade durante a votação pode pedir

que a ocorrência seja registrada pelo mesário e também comunicar o problema ao cartório eleitoral. Organizações de pessoas com deficiência podem, ainda, reunir relatos e encaminhar reivindicações à Justiça Eleitoral.

Experiência positiva

Professora de Música, Carolina Souza, de 27 anos, tem deficiência visual total. Ela utilizou a urna eletrônica com leitor de tela no primeiro turno e relata que os aprimoramentos do recurso facilitaram a confirmação do voto. Sua seção eleitoral fica em São Sebastião, outra região na periferia de Brasília.

“Para mim, a experiência foi muito boa, porque os comandos estão mais acessíveis. Eu consigo controlar a velocidade e também o volume da voz. Na eleição passada, quando eu apertava os botões, [a urna] só falava o número e mostrava a foto. Neste ano, também falava o [nome do] candidato, e é muito importante ter essa informação para a gente ter certeza da pessoa em quem está votando. Para mim, a urna é uma experiência que está ficando cada vez melhor”, elogia.

Participação passiva

A acessibilidade eleitoral, no entanto, não se restringe ao direito de votar. Dias destaca que os direitos políticos também incluem o direito de ser votado, também chamado de “capacidade eleitoral passiva”, o que exige condições para que pessoas com deficiência possam participar das disputas como candidatas. O número de candidatos com deficiência praticamente não mudou de 2022 a 2026, saindo de 476 para 499.

Tema em pauta

As barreiras de acessibilidade nas eleições foram discutidas no Senado. Em 3 de setembro, um mês antes do primeiro turno, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) realizou audiência pública sobre as condições de participação das pessoas com deficiência no processo eleitoral. Entre os pontos levantados, estavam a capacitação de mesários, o atendimento

em Língua Brasileira de Sinais (Libras), a acessibilidade cognitiva e a adequação de locais de votação.

Autor do requerimento para o debate, o senador Flávio Arns (PSB-PR) destacou que, apesar das iniciativas já adotadas pelos tribunais eleitorais, ainda há medidas a aperfeiçoar. Conforme o senador, as contribuições da sociedade devem orientar esse processo, especialmente as experiências de quem enfrenta as barreiras. Ele informou que encaminharia ao TSE a transcrição da audiência, acompanhada das observações e propostas dos participantes, para que fossem avaliadas e, quando possível, implementadas.

“A acessibilidade é questão essencial na democracia. Estamos falando de toda uma jornada de cidadania, que já começa quando um eleitor procura uma informação ou entra em contato com a Justiça Eleitoral e prossegue até as condições para que ele tenha acesso à sua zona de votação”, declarou o parlamentar.

A presidente da CDH, senadora Damares Alves (Republicanos-DF), disse que a audiência foi “um recado para o Brasil” sobre a urgência de os partidos políticos aprimorem a sua receptividade a candidatos com deficiência.

“A gente vai ter que educar os partidos. Se eu quero [pessoas com deficiência] no palanque, elas vão ter que subir e ser respeitadas em sua condição. Essa pessoa tem que ter uma cota do fundo [eleitoral] diferenciada, porque, quando eu estou com um candidato que precisa de tradutor, a despesa dele é maior. Quando eu estou com um candidato que está na cadeira de roda e precisa do trabalho apoiado, a despesa dele é maior”, frisou.

Para as próximas eleições, a avaliação do primeiro turno pode indicar quais medidas precisam ser mantidas, ampliadas ou aperfeiçoadas. Além da acessibilidade física, especialistas e entidades que acompanham o tema podem contribuir para identificar barreiras relacionadas ao transporte, à comunicação, ao acesso à informação e à própria autonomia durante a votação.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (62)

Todo mundo mente, até os animais mentem, e mentir é uma arte. Mais do que uma falha de caráter, mentir é uma questão de sobrevivência.

A ciência mostra que nossos ancestrais da Idade da Pedra já mentiam. Os políticos mentem porque é parte essencial do jogo deles, e os radialistas mentem para justamente sobreviverem com o toco dos mentirosos políticos, entendeu?

“Seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta já passou por ele antes de mim” (Sigmund Freud).

Cerca de 74% da população brasileira nunca comprou um livro. Apenas dois compraram o livro *Microcontos reiterados*, de Fábio Mozart e Wolhfigon Costa, à venda no Sebo Cultural.

Quando você abrir um livro e a primeira palavra é “deparei-me”, pode parar... Não valerá a pena prosseguir.

“Esse ano eu rodei aproximadamente 20 mil km dentro do estado da Paraíba, conheci e convivi com a diversidade do povo paraibano e vi todas as estações do ano e como os nossos biomas se comportam. E afirmo: a Paraíba é o melhor lugar do mundo!” (Abraão Bahia Lima).

É oficial: meu aniversário está chegando. Até agora ninguém perguntou o que eu quero de presente. Vamos nos agendar, meu povo!

O *Alô Comunidade*, programa semanal da Sociedade Zé da Luz, aparece como o quinto mais ouvido na Rádio Tabajara, conforme pesquisa. Uma média de 10 mil ouvintes sintoniza o programa aos sábados, a partir das 11h.

Estamos no ar ininterruptamente há 14 anos com o *Alô Comunidade*.

Fui criador do projeto e seu apresentador até hoje. Qual a motivação? O gosto pelo rádio e reconhecimento da importância dessa mídia para a cultura e o cotidiano das pessoas.

Alô Comunidade está fora do ar devido ao período eleitoral.

“O artista, o poeta, mergulha no inconsciente e volta. Já o doente, o louco, não tem o bilhete de volta. Essa é a diferença” (Nise da Silveira).

“A poesia é tão santa, que quando um poeta canta, Deus para pra escutar!” (Dedé Monteiro).

A brasileira Suellen Carey, que ficou conhecida após realizar um casamento simbólico consigo mesma em Londres, revelou que decidiu colocar um ponto final em sua união sologâmica depois de um ano.

Ela mesma não suportou sua própria vida maçante e tediosa.

Corro o risco de ser trucidado em praça pública, mas não perco a piada: “Se reza e água benta desse jeito em tumor, o papa não teria se operado”.

Seu Pedrinho tem mais de 80 anos. É dele essa comunicação oral: “Velho não faz sexo, faz sax. O que vale é a embocadura”.

A embocadura é o posicionamento e o uso dos lábios, da musculatura da face, dos dentes e da coluna de ar do músico para produzir som em instrumentos de sopro.

“Não sei para onde caminha a humanidade. Mas, quando souber, vou para o outro lado” (Luís Fernando Veríssimo).

Se o humano tivesse dado certo, não estaríamos preocupados com baratas humanoides esquizofrênicas ou fascistas.

O eleitor Ameba pede ao seu candidato que, se eleito, acabe com o exame de próstata. “É uma humilhação pro cabra machão!”, reclama o organismo eucariótico unicelular, popularmente conhecido por Ameba.

Sinal dos tempos: passei em silêncio, o vizinho respondeu com outro silêncio. Ambos somos eleitores da chamada “maioria silenciosa”.

EDUCAÇÃO

Docentes usam IA para engajar alunos

Escolas começam a trocar quadro e giz por computadores para acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas

Daniella Almeida
Agência Brasil

“O que você quer ser quando crescer?” A corriqueira pergunta feita a crianças sobre qual carreira desejam seguir incentivou a professora Giovanna Macedo, de Campinas (SP), a usar a inteligência artificial (IA) para mostrar a seus alunos, de nove e 10 anos, como eles seriam representados, no futuro, desempenhando os ofícios que sonharam.

A aceleração no tempo da infância à fase adulta, com ajuda do ChatGPT, foi gerada por iniciativa da professora a partir das fotos tiradas, em 2025, dos seus 31 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Carlos Cristovam Zink, localizada em um bairro de periferia da cidade do interior paulista.

O vídeo com as reações das crianças emocionadas viralizou nas redes sociais e ganhou o mundo. As respostas foram de jogador de futebol a astronauta, passando por veterinária, bailarina, cantor, artista, entre outras.

Giovanna explica que a intenção foi permitir que crianças imaginassem uma fase da vida que ainda está distante para elas. “Para mim, como professora, é muito significativo criar situações em que os alunos se sintam valorizados e vejam que alguém acredita neles, que têm potencial para irem além”.

A professora contou à Agência Brasil que, desde a infância, tinha o desejo de lecionar. No último dia 15 de outubro, Dia do Professor, a jovem de 27 anos comemorou mais um ano de atuação no magistério, carreira que abraçou há oito anos, em 2018.

Apesar do tempo na profissão, a docente admite que ainda não tem capacitação em inteligência artificial, mas conta que está sempre atenta nas inovações e usa as tecnologias intuitivamente para ter ideias e produzir recursos visuais que tornem suas aulas mais interessantes. “Mais do que utilizar uma tecnologia nova, nosso papel é encontrar formas de despertar a curiosidade das crianças, fortalecer a autoestima e ampliar os horizontes delas. Quanto mais conseguirmos mostrar o que são capazes de aprender, criar e sonhar, mais sentido terá o nosso trabalho”.

Após a repercussão da ati-



Professor acha legítimo o receio de alguns colegas em utilizar a IA, no entanto avalia que esse é um caminho sem volta

vidade realizada com auxílio de IA generativa, Giovanna confessa ter planos de fazer uma especialização em metodologias e didática para aprimorar seus conhecimentos da nova tecnologia. “Gostaria que experiências como essa inspirassem outros educadores a explorar novas metodologias e a pensar em maneiras criativas de aproximar os conteúdos escolares da realidade dos alunos”.

Cultura digital

Nesta nova cultura digital, em que quadro negro e giz vêm sendo substituídos por computadores, as escolas precisam acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas com responsabilidade, diante de um cenário em que os estudantes já crescem com acesso a informações entregues em segundos, mas que, muitas vezes, não sabem transformar esse conteúdo em conhecimento.

O posicionamento é de Kassula Correa, diretora-geral da Start Anglo Bilingual School, uma escola privada do Rio de Janeiro. “Uma criança pode ter facilidade para mexer no celular e, ainda assim, não saber pesquisar com profundidade, identificar uma informação falsa ou compreender os riscos de compartilhar determinados dados”.

Para a educadora, o uso da inteligência artificial ainda deve considerar as diversidades em sala de aula. “Precisamos oferecer ferramentas, formação e condições para que o professor consiga en-

sinar a essa geração em que cada criança tem seu ritmo, suas dúvidas e sua maneira de aprender”.

Mesmo em tempos de transformação digital, Kassula defende que a escola preserve o papel de ambiente de desenvolvimento socioemocional. “Por mais que a tecnologia avance, a escola continua sendo um lugar de relações humanas. É onde a criança aprende a conviver, a lidar com dificuldades, a se conhecer e a descobrir do que é capaz”.

Formação de professores

O professor, doutorando e mestre em Educação, Marcio Luiz Dias, atua há 13 anos na formação continuada em tecnologias educacionais do corpo docente da rede pública de ensino do Distrito Federal. Seu foco é a inteligência artificial na educação.

Ele compreende que a formação continuada é indispensável tanto para professores com formação analógica quanto para os recém-formados em licenciaturas. “No campo digital, as mudanças ocorrem em velocidade tão rápida que torna praticamente impossível que o currículo das faculdades esteja sempre atualizado”.

Marcio acha legítimo o receio de alguns colegas professores em utilizar a inteligência artificial na educação, no entanto avalia que este é um caminho sem volta. “É algo que se popularizou há relativo pouco tempo, mas que tem ampliado sua presença de forma rápida e abrangente”.

Nas capacitações ofereci-

das pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), a orientação aos docentes é mediar, para que a classe supere o uso mecânico das ferramentas digitais.

“O Currículo em Movimento das Escolas Públicas do DF preconiza que a formação continuada extrapole o uso instrumental das tecnologias e passe para o uso crítico, colaborativo e focado na intencionalidade pedagógica”, relaciona o professor Marcio Luiz.

Já a gestora educacional Kassula Correa defende a importância de valorizar a experiência analógica prévia dos docentes e aproximá-la das novas tecnologias de forma prática, contínua e acolhedora. “Muitos deles desenvolveram estratégias incríveis de ensino, usando quadro, livros, papel e muita criatividade. O que precisamos é aproximar esses profissionais das novas possibilidades, respeitando suas trajetórias”.

Tarefas

A IA também pode contribuir diretamente para automatizar e otimizar rotinas burocráticas e repetitivas, como tarefas administrativas e operacionais, e também para desenvolver atividades que promovam mais a colaboração e o significativo engajamento estudantil, lista o professor do DF.

Como consequência direta, o professor Marcio Luiz aponta para a liberação de tempo de qualidade para que o professor estude mais, planeje as aulas e se dedique ao acompanhamento individualizado das necessidades dos estudantes. “Nós, professores, nos vemos com uma série de rotinas burocráticas, repetitivas, cansativas que, embora essenciais para o andamento da escola, tomam nosso tempo para estudar, planejar aulas, testar formatos e adequações, bem como acompanhar de maneira mais próxima nossos estudantes”.

Apesar de a tecnologia trazer agilidade na hora de diversificar exercícios, adaptar níveis de dificuldade, elaborar planos de aula e agilizar correções objetivas, a diretora Kassula ressalta que a escolha da melhor estratégia para a turma depende exclusivamente do jul-

gamento humano do educador. “A qualidade do ensino continua dependendo da capacidade de transformar os recursos tecnológicos em experiências que ajudem o aluno a aprender. Avaliar o desenvolvimento de uma criança exige compreender seu percurso, suas dificuldades e seus avanços”.

Sala de aula

O professor do Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (Cemi) de Taguatinga, cidade do Distrito Federal, Jaime Guilherme de Oliveira, ensina computação gráfica para estudantes de 14 a 18 anos do Ensino Médio. Muitos deles sequer têm computador em suas residências.

Vindo do mercado corporativo, na rede pública, o docente passou por capacitações via Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (Eape) da Secretaria de Educação do DF. São eles: Cursos de Linguagens Digitais e IA na Prática Docente, além de pós-graduação em Proficiência em Tecnologias Digitais para uma Educação Empreendedora e cursos on-line permanentes.

Como resultado do aprendizado incorporado, Jaime Guilherme coloca a inteligência artificial para trabalhar a seu favor na rotina docente, como na criação de conteúdo para as aulas expositivas que facilitem sua compreensão; no planejamento das atividades de cada turma; na elaboração de avaliações adaptadas às necessidades de alunos com neurodivergências ou necessidades específicas; e no desenvolvimento de jogos educativos para fixação e revisão dos conteúdos.

É de autoria de Jaime, via ChatGPT, o jogo interativo Arena ABNT, com as regras, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ensinadas de forma lúdica para a escrita de trabalhos acadêmicos.

Nas dinâmicas pedagógicas, Jaime vê a IA como uma oportunidade para aproximar os alunos das transformações do mundo do trabalho.

O docente, no entanto, re-flete que mais importante do que saber gerar conteúdo é saber por que este está sendo cria-



Foto: Arquivo pessoal

“

No campo digital, as mudanças ocorrem em velocidade tão alta que é praticamente impossível manter o currículo das faculdades sempre atualizado

Marcio Luiz Dias

do, para quem será destinado e quais consequências poderá produzir. “A ferramenta pode fazer muito por nós, mas a intenção, a sensibilidade e o pensamento crítico e a responsabilidade continuam sendo essencialmente humanos”.

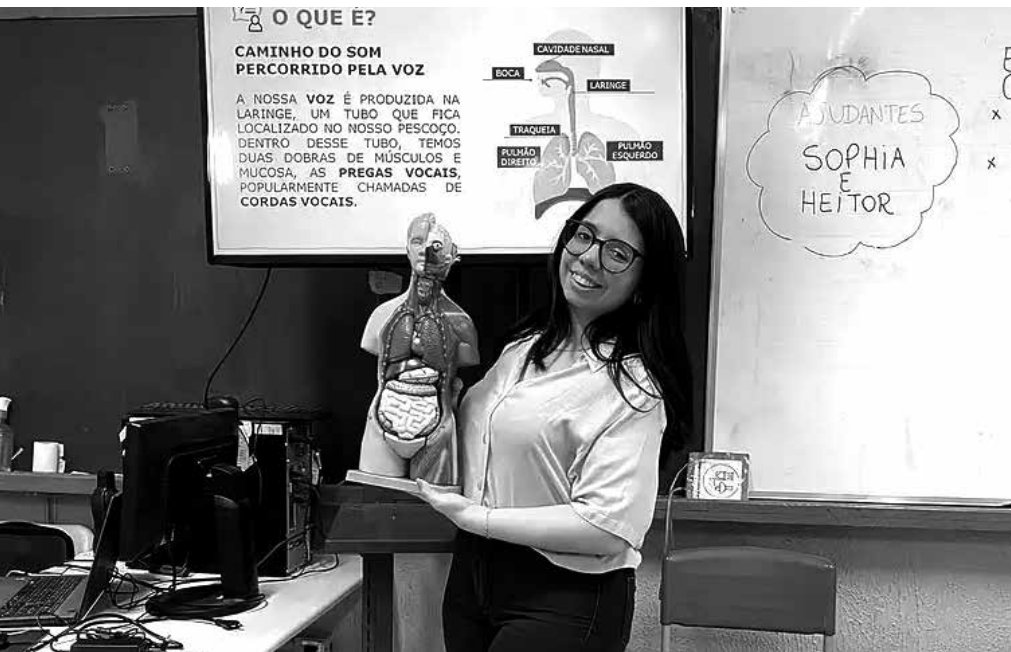
Desafios

Em sua atuação como formador de outros professores, Marcio Luiz Dias enxerga que o acesso a dispositivos móveis e à internet no Distrito Federal é amplo, mas o principal desafio consiste em transformar a conectividade em uso crítico, cidadão e produtivo. E o educador estimula a conectividade para ir além: “O letramento digital deve atuar fortemente contra riscos, como aplicação de golpes e fake news propagadas pelas redes sociais, bem como de se tornar uma fonte de novos aprendizados dos quais a pessoa necessite no campo pessoal ou da cidadania”.

Tratando especificamente dos estudantes, o professor Marcio incentiva que os profissionais da educação tenham autoridade para estabelecer que a IA seja utilizada pelos estudantes como ferramenta de apoio para assimilar, raciocinar, pesquisar, questionar, debater. “Reconheço que isso não é fácil, mas o caminho do letramento digital, da formação docente, de estipular e co-brar a análise, a síntese e a argumentação do aluno já foram testados com sucesso”, conclui Marcio.

O combate ao “atalho” exige dos alunos capacidade de análise, síntese e argumentação própria, desenvolvidas via letramento digital.

Dentro do ambiente escolar, o professor Jaime Guilherme de Oliveira ensina aos jovens que a IA deve ser usada com intencionalidade clara; caso contrário, os atalhos da ferramenta geram entregas vazias. “Quando existe uma intenção clara, a ferramenta amplia o alcance de quem já tem algo a dizer”.



Para Giovanna, é papel do professor encontrar formas de despertar a curiosidade das crianças

NORDESTE

Editais somam mais de 1,3 mil vagas

Seleções na Paraíba, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco oferecem oportunidades de nível médio e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Cuidar da saúde da população, atuar nos bastidores do Poder Legislativo ou investigar crimes. Embora pareçam pertencer a universos completamente diferentes, essas atividades são algumas das possibilidades disponíveis nos concursos em destaque nesta semana. No Sertão paraibano, a Prefeitura de Água Branca está com 24 vagas, distribuídas entre cargos de nível médio e superior. Já no Rio Grande do Norte, a Câmara Municipal de Mossoró oferece outros 24 postos em seu quadro de servidores. E, por fim, em Pernambuco, a Polícia Civil abriu mais de 1,3 mil oportunidades para agentes, escrivães e delegados.

Vagas no Sertão

Na Prefeitura de Água Branca, boa parte das oportunidades é destinada à área da saúde. Há oportunidades para agente comunitário, farmacêutico, fisioterapeuta, nutricionista, odontólogo e psicólogo, além de assistente social. Mas a lista não termina aí. O edital oferece, ainda, vagas para fiscal de tributos, agente administrativo e guarda civil municipal. Quanto à remuneração, os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 3,2 mil, com jornadas de 20 a 40 horas semanais, conforme o cargo escolhido.

Para participar, o candidato deve realizar a inscrição pelo *site* da Fundação Vale do Piauí (Funvapi) até 6 de novembro. A taxa custa R\$ 78,90 para funções de nível médio e R\$ 104,80 para nível superior. Sobre a avaliação, todos os inscritos terão pela frente uma prova objetiva, marcada para 22 de novembro, a ser realizada no município de Água Branca. Mas atenção: para os aspirantes a guarda civil municipal, será necessário passar por avaliação psicológica, investigação social, avaliação médica, teste de aptidão física e curso de formação. As informações constam em um edital específico para o cargo.



Pelo QR Code acesse os editais da Prefeitura de Água Branca

Bastidores do Legislativo

Já em Mossoró, no Rio Grande do Norte, a Câmara Municipal está à procura de profissionais para atuar tanto na rotina administrativa quanto em atividades mais específicas. De acordo com o edital, das 24 vagas imediatas, 15 são para agente administrativo e duas para técnico de Informática. As demais estão distribuídas entre as áreas de consultoria legislativa, gestão do-



Foto: Cláudio Jr./Câmara de Mossoró

Em Mossoró, a prova objetiva, comum a todos os inscritos, será realizada em 6 de dezembro

cumental, comunicação e tecnologia da informação. Além dessas oportunidades, o concurso também prevê a formação de cadastro reserva com mais 33 vagas.

Independentemente do cargo escolhido, a jornada de trabalho será de 30 horas semanais, com salários que vão de R\$ 4,9 mil a R\$ 8,8 mil. As inscrições seguem até 12 de novembro, pelo *site* do Núcleo Permanente de Concursos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Comperve/UFRN). Para garantir a inscrição, é necessário pagar uma taxa de R\$ 100, no caso de nível médio, ou R\$ 150, para cargos de nível superior.

Quanto à seleção, haverá apenas uma etapa de avaliação: a prova objetiva, comum a todos os inscritos, a ser realizada em 6 de dezembro, em Mossoró. Os candidatos aos cargos de nível médio farão o exame pela manhã, enquanto os de nível superior serão avaliados à tarde. Pelo cronograma, o resultado definitivo deverá ser publicado até 28 de dezembro.



Pelo QR Code acesse o edital da Câmara Municipal de Mossoró

Polícia de Pernambuco

A maior seleção desta semana, por sua vez, está em Pernambuco. A Polícia Civil do estado abriu um total de 1.315 vagas, sendo 1,2 mil para agentes, 70 para escrivães e outras 45 para delegados. Embora todas as funções exijam, entre outras coisas, formação superior e carteira de habilitação, há algumas diferenças importantes entre os requisitos. Para agente e escrivão, por exemplo,

Nutricionista une ciência e sensibilidade

Cortar o chocolate, incluir mais verduras. No papel, essas recomendações podem parecer até fáceis de cumprir. Mas quem nunca tentou mudar um hábito alimentar e descobriu que a prática é bem mais complicada do que a teoria? É justamente aí que entra a figura do nutricionista, profissional cujo trabalho vai além de calcular calorias e elaborar dietas. Para Thamires Mirella de Araújo Nascimento Sales, que atua principalmente com o público infantil, antes de mudar o que vai ao prato, é preciso entender a relação do paciente com a comida e, sobretudo, o que acontece ao redor da mesa.

Foi também essa curiosidade que aproximou Thamires da Nutrição. Enquanto pesquisava vídeos sobre diferentes cursos relacionados à área da saúde, percebeu o quanto a alimentação poderia impactar na qualidade de vida da população. Não se tratava apenas de elaborar cardápio, mas de contribuir para a prevenção de doenças. “O que despertou meu interesse foi que, por meio da Nutrição, podemos mudar as nossas vidas”, conta. A curiosidade, então, virou uma escolha profissional. E, já na graduação, veio a segunda descoberta: encontrou na disciplina de Nutrição materno-infantil a oportunidade de combinar sua afinidade com crianças com o interesse pelo cuidado com a saúde. “Quando eu vi que eu poderia atuar com crianças e gestantes, confirmei aquilo que já tinha no meu coração”, recorda.

Muito além do cardápio

No entanto, independentemente do público atendido, existe um desafio que faz parte da rotina de qualquer nutricionista: fazer com que as orientações sejam colocadas em prática. Afinal, como

a especialista bem lembra, calcular a quantidade de nutrientes de uma refeição é uma coisa; outra bem diferente é modificar hábitos alimentares construídos ao longo de anos. Por isso, segundo Thamires, o profissional precisa, antes de traçar um plano alimentar, levar em conta as preferências e a realidade de quem precisa segui-lo. Caso contrário, mesmo a estratégia mais perfeita corre o risco de falhar. “O maior desafio da nutrição é fazer com que o paciente tenha adesão. Porque não adianta trazer uma dieta pronta se o paciente não come aquilo que está prescrito”, explica

Além disso, há outras responsabilidades envolvidas nesse acompanhamento, como avaliar exames, identificar as necessidades nutricionais e, quando indicado, prescrever suplementos. E tudo isso considerando as particularidades de cada pessoa, já que não existe uma fórmula universal. “Não é uma receita de bolo para todo mundo”, resume a especialista.

Contexto infantojuvenil

Quando o atendimento envolve crianças, essa individualização torna-se ainda mais crucial. Por isso, antes de propor mudanças no cardápio, Thamires procura compreender quem prepara as refeições, quais alimentos fazem parte da rotina e como a família relaciona-se com a comida. Até porque não adianta esperar que uma criança desenvolvesse o hábito de comer frutas e verduras se esses alimentos quase nunca estão à mesa. “A mudança não é só da criança. Precisa existir todo um contexto familiar. Então, o nutricionista precisa ver tudo isso para que possa ajudar a construir hábitos mais saudáveis desde cedo”, detalha Thamires.



Foto: Arquivo pessoal

Thamires Mirella busca oferecer prevenção de doenças

Há, porém, situações mais específicas que exigem um acompanhamento maior, a exemplo de crianças com seletividade alimentar intensa, que só aceitam uma variedade muito reduzida de alimentos. Nesses casos, a solução pode incluir a chamada “terapia alimentar”, com atividades lúdicas que ajudam a criança a ganhar confiança para experimentar novos sabores e texturas. E é aí que o conhecimento técnico, sozinho, não opera milagres. Paciência, criatividade, empatia e capacidade de escuta também fazem diferença, sobretudo porque cada criança tem seu próprio ritmo. Cabe ao nutricionista, portanto, compreender essas particularidades e encontrar maneiras de conduzir o acompanhamento. Para Thamires, enfrentar esses desafios também exige identificação com a profissão. “Quando você ama aquilo que faz, está disposto a enfrentar o que vier”, pontua.

Atuação versátil

Não à toa, tamanha responsabilidade exige uma formação que não termina

de física, investigação social e avaliação psicológica. E, como etapas complementares, haverá prova oral e análise de títulos para delegados, enquanto os candidatos a escrivão passarão por uma prova prática de digitação. Os aprovados também deverão concluir um curso de formação. De acordo com o cronograma, as avaliações ocorrerão em março de 2027, nas cidades pernambucanas de Arcoverde, Caruaru, Petrolina e Recife.



Pelo QR Code, acesse o edital da Polícia Civil de Pernambuco

na universidade. Como a nutricionista destaca, o diploma representa apenas o início de uma trajetória que demanda atualização constante. Acompanhar estudos científicos, novas descobertas e diretrizes da área é indispensável para garantir uma atuação consistente, uma vez que o conhecimento continua sendo aprofundado pela ciência. “A saúde não para”, observa.

E se a formação exige dedicação, o mercado oferece diferentes caminhos para quem pretende seguir a carreira. Segundo Thamires, além dos consultórios, o nutricionista pode trabalhar em escolas, hospitais, academias, serviços de alimentação e unidades de nutrição, entre outros espaços. Agora, se a intenção é ingressar no serviço público, uma das possibilidades está na Prefeitura de Água Branca, no Sertão paraibano, que oferece duas vagas. O cargo exige formação superior em Nutrição e registro no respectivo conselho profissional. A jornada é de 30 horas semanais, com salário inicial de R\$ 1,6 mil.

Selic Fixado em 16 de setembro de 2026 13,75%	Salário mínimo R\$ 1.621	Dólar \$ Comercial -0,28% R\$ 5,073	Euro € Comercial -0,6% R\$ 5,702	Libra £ Esterlina -0,19% R\$ 6,755	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2026 0,82 Agosto/2026 -0,32 Julho/2026 0,07 Junho/2026 0,16 Maio/2026 0,58	Ibovespa 205.430,33 pt +0,54%
---	---	--	---	---	---	--

DESTAQUE NACIONAL

Paraíba fornece a 2ª maior produção de fava do país

Cultura da agricultura familiar está presente em 123 municípios do estado

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Ingrediente tradicional da culinária paraibana, a fava também se destaca na produção agrícola do estado. Com 1.965 toneladas de grãos, a Paraíba ocupa o segundo lugar no *ranking* nacional, atrás apenas do Ceará, que produziu 5.906 toneladas, segundo a *Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) 2025*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em território paraibano, toda a produção é proveniente da agricultura familiar e, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Algodão (Embrapa Algodão), a cultura está presente em 123 municípios.

A engenheira agrônoma Nair Helena, da Embrapa Algodão, explica que os agricultores cultivam em áreas pequenas (média de 1 hectare), geralmente em consórcio com o milho. “A haste do milho atua como suporte [tutor] para o crescimento trepador da fava”, descreve a pesquisadora.

A Paraíba destaca-se, também, pela preservação de sementes crioulas, ou tradicionais, mantidas de geração em geração pelos agricultores familiares. No estado, são cultivadas mais de 20 variedades de fava, entre elas orelha de vó, manteiga, branca, boca de moça e moita. Fatores sazonais impactam o cultivo. “Por ser uma cultura de sequeiro, que



Grãos são marcantes na culinária local e geram renda tanto no campo quanto na cidade

Fotos: Cátia Miranda

depende das chuvas, a produção varia com o clima”, explica Nair.

De acordo com o mapeamento da Embrapa Algodão, o grão é cultivado predominantemente no Brejo e no Agreste paraibanos, por ser uma planta rústica e com boa tolerância ao estresse hídrico. Segundo a pesquisa do IBGE, em 2025, Mogeiro liderou a produção estadual, com 252 toneladas de fava. Na sequência, aparecem Alagoa Grande, com 240 t; Araçagi, com 150 t; e Massaranduba, com 105 t.

Entre os desafios enfrentados pelos agricultores, estão o baixo nível de mecanização, a dependência de intermediários na comercialização, a escassez de sementes com garantia sani-

tária e o ataque de pragas de armazenamento e fungos nas sementes estocadas. Apesar desses entraves, a cultura tem papel importante na economia das famílias rurais. “A fava é fundamental para a segurança alimentar rural, como fonte de proteína vegetal, e para a composição da renda familiar”, afirma a engenheira.

Pesquisa

Nair Arriel explica ainda que a pesquisa científica voltada para o cultivo do feijão-fava (*Phaseolus lunatus* L.) engloba desde a conservação genética até o manejo sanitário e fisiológico das sementes. A Embrapa atua no mapeamento, na conservação *ex situ* e caracterização

dos recursos genéticos do feijão-fava por meio do seu Banco de Germoplasma e da Coleção Ativa de Fava

Já a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desenvolve estudos aplicados à qualidade física, fisiológica e sanitária de sementes crioulas produzidas no estado. A inclusão da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa — Programa Paraíba (AS-PTA), por sua vez, completa o panorama da fava no estado, pois a organização desempenha um papel crucial na conservação *in situ/on farm* (nas propriedades rurais) e no fortalecimento socio-organizativo da agricultura familiar, especialmente na região do Agreste e no Polo da Borborema.

Tradição impulsiona comércio e gastronomia

A comercialização da fava no estado ocorre por meio da venda direta em feiras livres no interior — como em Campina Grande, Areia e Alagoa Grande —, e também das feiras agroecológicas e da agricultura familiar em João Pessoa — como as feiras nas universidades públicas, e em bairros como Bessa, Manaíra e Bancários. “Boa parte da produção é comprada nas propriedades por atravessadores que consolidam as cargas e vendem para grandes entrepostos (Ceasa) e mercados centrais de João Pessoa e Campina Grande”, detalha a pesquisadora Nair Helena, da Embrapa.

O comerciante Antônio Car-

los Rodrigues trabalha no Mercado Central de João Pessoa com uma oferta de diferentes grãos, e a fava é um dos principais produtos no *box* comandado por ele. “Eu vendo oito tipos de fava. A tradicional, que a gente chama de ‘lavadeira’, é a mais vendida para os restaurantes e bares, e é a mais procurada também. Aí tem também a vermelhinha, e uma miudinha, que parece feijão. Tem a do sol, a branca e outras”, conta.

Para ele, a fava é um produto consolidado no mercado local. “Ela é bastante procurada. Mesmo porque, a fava é tradicional da Paraíba. Restaurantes e bares servem muito este grão

[com o qual se faz a favada], um prato bem procurado, é um dos ‘carros-chefe’ da culinária paraibana, o turista vem de fora e quer comer a fava. É um prato muito tradicional do Nordeste. Aqui da Paraíba, principalmente. A fava é apreciada pelo sabor, ela é bem macia, mais amanteigada, tem um gosto diferente do feijão”, opina Antônio.

Em um dos *boxes* do setor de grãos do Mercado Central de João Pessoa, mesmo em um dia sem tanto movimento, no meio da tarde, uma cliente aparece e leva para casa mais de 10 kg de fava, de tipos diferentes. A branca, com preço mais baixo no período, foi uma das escolhidas. O preço é fator determinante para Rosário Moraes, que cozinha refeições servidas em um restaurante *self-service* no bairro Alto do Mateus. “Compro toda semana, e em grandes quantidades. Não pode faltar fava no cardápio, porque os clientes gostam muito”, conta a cozinheira. “Eu faço todo dia e amo cozinhar [este prato]. Compro aqui [no Mercado Central] e em outros lugares, sempre onde estiver mais barato, porque os preços mudam muito”, acrescenta.

Preços

Durante a safra, a maior oferta de fava verde e seca pressiona para baixo os preços pagos aos produtores. Já na entressafra e em períodos de estiagem, a redução da oferta encarece o produto nos mercados da capital.

Os feirantes também se preocupam com o valor final. Para Antônio, a maior dificuldade em relação à fava é a variação do preço. “Quando a safra não é muito boa, não teve chuva [o suficiente], ela fica mais cara e não vende tão bem. O quilo chega a custar R\$ 30, e os clientes acham muito caro. Quando o preço cai, as vendas são melhores e, quando tá um pouco alto, o pessoal que comprava um quilo compra meio. Mas os proprietários de restaurantes e bares continuam comprando em grandes volumes”, relata o comerciante.

Antônio Rodrigues diz que, a partir da segunda metade do semestre, a tendência é de queda dos preços, com a chegada de grãos de uma nova safra ao mercado. “O preço tá baixando e vai cair mais. Essa safra foi boa, vem muita fava aí”, afirma o comerciante.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

PB além da porteira: o caminho para um agro competitivo

O agronegócio paraibano precisa ser compreendido como uma cadeia econômica que vai muito além da porteira. Agricultura, pecuária, agroindústria, insumos, serviços técnicos e logística formam um sistema, cujo desempenho depende da capacidade de transformar recursos produtivos em renda, empregos e competitividade. O desafio não é apenas produzir, mas ampliar o valor econômico que permanece no estado.

Os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam a dimensão dessa base produtiva. Em 2025, a cana-de-açúcar gerou R\$ 1,066 bilhão em valor de produção, enquanto o abacaxi alcançou R\$ 1,005 bilhão. A banana acrescentou R\$ 269 milhões e a mandioca, R\$ 210 milhões. Esses resultados evidenciam oportunidades de ampliar o beneficiamento, o processamento e a comercialização. Contudo, valor de produção agrícola não equivale a faturamento industrial, lucro ou renda efetivamente distribuída.

A pecuária também integra esse patrimônio econômico. Em 2025, a Paraíba contabilizou aproximadamente 15,76 milhões de galináceos, 1,56 milhão de bovinos, 872 mil ovinos e 858 mil caprinos, segundo o IBGE. Esses rebanhos movimentam atividades relacionadas à alimentação animal, aos medicamentos veterinários, ao transporte e ao processamento. Na caprinocultura, nicho de mercado importante para o semiárido, há espaço para ampliar a produção de leite e derivados, melhorar a produtividade e conquistar mercados.

A agroindústria pode impulsionar essa transformação. As exportações paraibanas de suco de frutas somaram US\$ 38,1 milhões em 2025, demonstrando o potencial de conexão entre a produção agrícola e a demanda internacional. Processar, padronizar, certificar e desenvolver marcas permite disputar mercados de maior valor agregado. Essa estratégia, porém, exige tecnologia, capital, escala e regularidade no fornecimento, além da integração de produtores, empresas e trabalhadores locais para ampliar a riqueza retida na Paraíba.

O comércio exterior também merece atenção. Segundo levantamento baseado no Comex Stat, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, as exportações estaduais somaram US\$ 100,22 milhões de janeiro a setembro de 2026, queda de 17,8% ante igual período de 2025. Apesar do crescimento de 4,8% em setembro, o resultado mensal não reverteu a retração acumulada.

A competitividade depende igualmente dos elos menos visíveis da cadeia. Fertilizantes, sementes, máquinas, crédito, pesquisa e assistência técnica influenciam custos e produtividade. Estradas adequadas, armazenagem, refrigeração e transporte eficiente reduzem perdas e ajudam a preservar a competitividade até o comprador, sobretudo no caso de produtos perecíveis.

Na Paraíba, essas questões precisam considerar a diversidade territorial e as restrições hídricas do semiárido. Irrigação eficiente, manejo do solo, melhoramento genético e tecnologias adaptadas devem integrar uma política permanente de inovação. Cooperativas e pequenos produtores também necessitam de acesso ao crédito, à assistência técnica e aos canais de comercialização.

Cabe ao poder público fortalecer essas iniciativas com universidades, instituições de pesquisa, agentes financeiros e setor privado. Isso requer prioridades mensuráveis, avaliação dos resultados e políticas que estimulem investimentos produtivos, em vez de ações isoladas.

Logo, o futuro do agronegócio paraibano não será definido apenas pelo volume colhido ou pelo tamanho dos rebanhos, mas pela produtividade, industrialização, diversificação dos mercados e renda gerada ao longo das cadeias. Produzir é indispensável; agregar valor é estratégico. O desenvolvimento começa quando a riqueza do campo se converte em empregos, investimentos e oportunidades duradouras para toda a economia estadual.



Antônio Carlos vende 8 tipos de fava no Mercado Central

EM UM ANO

Trabalho infantil recua 9,2% no país

Em 2025, ainda havia 1,5 milhão de crianças e adolescentes nessa situação, de acordo com pesquisa do IBGE

Vitor Abdala
Agência Brasil

O Brasil tinha 1,499 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil em 2025, ou seja, 4% da população brasileira na faixa etária de cinco a 17 anos. Os dados são da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)*, divulgada ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa também mostra que o trabalho infantil recuou 9,2% na comparação com 2024, quando havia 1,65 milhão de crianças e adolescentes de cinco a 17 anos nessa situação, ou seja, 4,3% da população. Na comparação com 2016, quando havia 2,1 milhões nessa situação (ou 5,2% da população), a queda chegou 28,6%.

De acordo com o IBGE, o trabalho infantil apresentou quedas nos anos de 2016 a 2019 (-15,7%). Voltou a subir em 2022 (7%), principalmente devido à pandemia de Covid-19, caiu de 2022 para 2023 (-14,7%) e, depois,

teve uma alta de 2023 a 2024 (2,1%).

Segundo o pesquisador do IBGE Gustavo Fontes, vários fatores contribuíram para essa queda de 9,2% no último ano. “Existem políticas públicas, inclusive do próprio Ministério Público do Trabalho, voltadas para isso [lidar com o trabalho infantil]. O próprio Bolsa Família pode ter contribuído, ao garantir uma renda mínima para essas famílias, para essa queda. São vários fatores, como o mercado de trabalho aquecido. A taxa de desocupação no país tem atingido mínimos históricos. A renda domiciliar *per capita* em 2025 aumentou, a renda do trabalho aumentou”, explicou o pesquisador do IBGE Gustavo Fontes.

O IBGE considera trabalho infantil qualquer atividade econômica remunerada ou trabalho para autoconsumo realizado por crianças até 13 anos de idade. Para os adolescentes de 14 a 17 anos, considera-se trabalho infantil qualquer forma de ocupação que não

se enquadra nestas situações: aos 14 e 15 anos, é permitido apenas o trabalho na condição de aprendiz; aos 16 e 17 anos, é permitido apenas com carteira assinada sendo vedadas atividades insalubres, perigosas e em horário noturno.

Benefícios sociais

Conforme a pesquisa do IBGE, a média dos rendimentos *per capita* de domicílios com pessoas de cinco a 17 anos que recebiam o Bolsa Família em 2025 era de R\$ 660, enquanto aqueles que não recebiam o auxílio tinham renda média de R\$ 1.990. Gustavo Fontes ressaltou que isso mostra que, “de fato, o programa está focado nos domicílios de menor rendimento”.

A pesquisa comparou os dados sobre o percentual de crianças e adolescentes submetidos ao trabalho infantil em relação ao total da população na faixa etária.

Em 2025, 4,4% das crianças e adolescentes de cinco a 17 anos que moravam em domicílios beneficiários do Bolsa Família estavam sub-



Foto: Divulgação/CNI

Redução é mais acentuada nas famílias com acesso a programa de transferência de renda

metidos ao trabalho infantil, enquanto a taxa na população total era 4%. O total da população inclui famílias de todas as faixas de renda, inclusive aquelas com renda mais alta, que não precisam do programa social.

Mas a diferença já foi bem maior. Em 2016, 7,3% das pessoas nessa faixa etária residentes em domicílios atendidos pelo programa estavam em situação de

trabalho infantil. No mesmo período, a taxa do total da população era 5,2%.

“A gente vê uma redução mais acentuada no trabalho infantil entre os beneficiários do programa. Ainda que o percentual permaneça um pouco acima. De 2016 a 2025, o contingente de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil entre os beneficiários do programa Bolsa Família caiu 41%”, disse

Fontes. No mesmo período, o total de trabalhadores infantis caiu 29%.

A pesquisa também observou que o percentual de estudantes entre os trabalhadores infantis que residiam em domicílios beneficiados pelo Programa Bolsa Família (89,8%) era um pouco acima do registrado para o total de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil (86,9%).

525 mil pessoas de cinco a 17 anos estão expostas a atividades de risco

A *Pnad* também constatou que, entre 1,499 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil, 525 mil estavam em ocupações consideradas como piores formas de trabalho infantil (TIP).

As piores formas de trabalho infantil são aquelas que oferecem riscos à saúde, ao desenvolvimento e à moral das crianças e dos adolescentes. Elas são listadas no Decreto Federal nº 6.481/2008 e incluem situações criminosas como escravidão, exploração sexual e tráfico de drogas.

Em 2025, as crianças e adolescentes em PTI chegaram ao menor patamar. Eram 1,4% do total da população nessa faixa etária. Em 2024, eram 560 mil (1,5%); em 2022, 763 mil (2%); e, em 2016, 919 mil (2,3%).

Idade

O trabalho infantil aumentou de acordo com a faixa etária. Entre aqueles de cinco a 13 anos, 280 mil (ou seja 1,1% da população desta faixa etária) estavam submetidos a esse tipo de atividade em 2025. Os percentuais eram 1,4% em 2024 e 1,7% em 2022 e 2016.

Na faixa de 14 e 15 anos, eram 348 mil em 2025 (ou 5,9% da população). Os percentuais eram 6,2% em 2024; 7,4% em 2022; e 8,3% em 2016. Já entre aqueles de 16 e 17 anos, o contingente chegava a 871 mil em 2025 (14,5% da população). Eram 15,3% em 202; 16,4% em 2022; e 15,9% em 2016.

A maior parte dos 1,499 milhão em situação de trabalho infantil, ou seja, 1,141 milhão, realizava atividades econômicas. Os dados indicam que 358 mil fa-

ziam apenas atividades de autoconsumo, ou seja, trabalhavam para a própria subsistência da família.

Entre as crianças de cinco a 13 anos, 90 mil realizavam atividades econômicas e 190 mil, atividades de autoconsumo. Entre aqueles de 14 e 15 anos, os números eram 268 mil e 80 mil respectivamente. Já na faixa de 16 e 17 anos, 783 estavam envolvidos com atividades econômicas e 88 mil, com autoconsumo.

A jornada de trabalho na população de cinco a 17 anos, em 36,3% dos casos, supera as 25 horas semanais. Em 21,4% das situações, chega a 40 horas ou mais por semana.

Na faixa de cinco a 13 anos, apenas 3,6% trabalham 25 horas ou mais (sendo 0,8% sujeito a jornadas de 40 horas ou mais). A maioria (87,1%) tem jornadas de até 14 horas.

Entre aqueles com 14 e 15 anos, 29,6% trabalham 25 horas ou mais (sendo que 29,6% enfrentam jornadas de 40 horas ou mais). Somente 20,4% trabalham até 14 horas.

Já no grupo de 16 e 17 anos, quase metade (49,6%) trabalha 25 horas ou mais (sendo que 29,6% enfrentam jornadas de 40 horas ou mais). Somente 20,4% trabalham até 14 horas.

Regiões

Na comparação regional, o maior contingente de pessoas de cinco a 17 anos em situação de trabalho infantil estava no Sudeste, em 2025 (481 mil). O Nordeste aparecia em segundo lugar, com 408 mil pessoas.

Em termos relativos, a Região Norte apresentou a maior proporção de trabalho infantil em rela-

ção à população desta faixa etária (6,3%). O Sudeste apresentou a menor proporção (3,3%).

A Região Nordeste foi a que apresentou as maiores reduções no contingente de trabalho infantil tanto em relação a 2016 (-45,6%) quanto na comparação com 2022 (-29,2%), de acordo com o IBGE.

Sexo e cor

No recorte de sexo, o IBGE constatou que 65,4% das crianças e adolescentes sujeitos a trabalho infantil são homens. Eles representam 51,2% da população total nesta faixa etária. Já 34,6% trabalhadores infantis são mulheres, que representam 48,8% da população nessa faixa etária.

Na análise por cor ou raça, os brancos, que são 39,5% da população dessa faixa etária, representam 32% dos submetidos a trabalho infantil, enquanto os pretos e pardos (59,7% da população) são 67% daqueles sujeitos a essa situação.

Frequência escolar

Na população de cinco a 13 anos, há uma quase universalização da frequência escolar no contingente em situação de trabalho infantil (99,7%).

Na faixa de 14 e 15 anos, enquanto a média da frequência escolar da população total é de 98,1%, entre aqueles submetidos ao trabalho infantil, a taxa cai para 95%.

Isso também ocorre no grupo de 16 e 17 anos, em que a proporção da população total na escola é 89,6%, superior à parcela de 79,6% entre aqueles envolvidos com trabalho infantil.

Informalidade atinge menor patamar da série histórica iniciada em 2024

As atividades que concentram as maiores parcelas de trabalhadores infantis são outras atividades (23,1%) e comércio (29%). A agricultura e pecuária responde por 16,7%; a indústria geral, por 12,5%; e o setor de alojamento e alimentação, por 12,2%. Os serviços domésticos agregam 6,5% dessas crianças e adolescentes.

Na população de 16 e 17 anos, 67% estavam na informalidade. Dos informais, 72,9% eram empregados do setor privado sem carteira assinada ou trabalhadores domésticos, 16,3% eram empregadores ou autônomos sem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e 10,8% eram trabalhadores familiares auxiliares. A propor-

ção de informalidade na faixa de 16 e 17 anos foi a menor da série histórica. Em 2024, a taxa era 69,4% e, em 2022, 76,3%.

A *Pnad* também analisou o trabalho de crianças e adolescentes em casa, que não é considerado trabalho infantil. Entre os 37,8 milhões de crianças e adolescentes de cinco a 17 anos, 42,1% (15,9 milhões) realizavam algum trabalho doméstico não remunerado e/ou cuidado de pessoas. Dentre a população feminina, 47,9% faziam esse tipo de atividade. Entre os homens, o percentual era de 36,6%.

Considerando-se o grupo de idade, de cinco a 13 anos, 32,7% faziam algum trabalho doméstico não remunerado e/ou cuidado de pessoas. Nos grupos de

14 e 15 anos e de 16 e 17 anos, os percentuais eram 60,7% e 64,6%, respectivamente.

Entre as crianças e adolescentes que realizavam atividades econômicas, 65,1% também faziam algum trabalho doméstico não remunerado e/ou cuidado de pessoas. Entre as que não realizavam atividades econômicas, 41,2% ajudavam com tarefas domésticas ou cuidado de pessoas.

Em relação às horas dedicadas ao trabalho doméstico não remunerado e/ou cuidado de pessoas, 5,2% dedicavam 25 horas ou mais (sendo 1,9% com dedicação de 40 horas ou mais). Aqueles que dedicavam pelo menos 15 horas chegavam a 13,6%.

■

Serviços domésticos agregam 6,5% dessa população, enquanto o comércio abrange 29%

EDITAL DE CONVOCAÇÃO — VERSÃO RESUMIDA

SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO HOTELEIRO E SIMILARES DO ESTADO DA PARAÍBA — SINDHOTEL-PB. CNPJ 24.098.634/0001-97. EDITAL DE CONVOCAÇÃO — ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA. O Presidente do SINDHOTEL-PB, nos termos dos arts. 11, 13 e 17 do Estatuto Social, convoca os associados quites e em pleno gozo de seus direitos sociais para a Assembleia Geral Extraordinária a realizar-se em 1º/11/2026 (domingo), na sede do Sindicato, Rua Olavo Bilac, nº 65, 1º andar, Tambiá, João Pessoa/PB, em 1ª convocação às 07h00, com 2/3 dos associados aptos; em 2ª convocação às 09h00, com a metade mais um; e em 3ª convocação às 11h30, com 1/3 dos aptos, para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: 1) reforma integral e consolidação do Estatuto Social, mantidas a categoria profissional e a base territorial registradas no CNES/MTE; 2) disposições transitórias, inclusive a manutenção dos mandatos em curso até 04/12/2027; 3) referendo da contratação de assessoria jurídica; 4) autorização ao Presidente para o registro do novo Estatuto e as atualizações cadastrais. São aptos a votar os associados quites até 15/10/2026, conforme lista afixada na sede, onde também se encontra à disposição a minuta do novo Estatuto.

João Pessoa/PB, 18 de outubro de 2026.

Severino Cyro da Silva Alves
Presidente do SINDHOTEL-PB

SOUSA ESPORTE CLUBE			SOUSA ESPORTE CLUBE		
CNPJ Nº 12.723.573/0001-22			CNPJ Nº 12.723.573/0001-22		
Balanços patrimoniais em 31 de dezembro de 2025 e 2024 (em reais)			Demonstrações dos resultados dos exercícios findos de 31 de dezembro 2025 e 2024 (em reais)		
	2025	2024		2025	2024
ATIVO					
Circulante					
Caixa e equivalentes de caixa	239.785	141.161	Receitas operacional	1.681.561	1.486.886
Outros créditos	65.242	45.650	Custos e atividades operacionais	(1.402.207)	(1.164.354)
Outros ativos circulantes	66.908	215.995			
	371.936	402.806	Resultado bruto	279.354	322.532
Não Circulante					
Imobilizado	49.339	43.879	Despesas gerais e administrativas	(244.451)	(204.834)
	49.339	43.879	Despesas com vendas	(3.862)	(4.651)
	421.275	446.685	Resultado operacional antes do resultado financeiro	31.041	113.047
PASSIVO			Resultado financeiro	(1.488)	(1.394)
Circulante					
Impostos e contribuições a recolher	15.843	14.096	Receitas financeiras	-	-
Obrigações com pessoal	16.780	15.651	Despesas financeiras	(1.488)	(1.394)
Obrigações sociais	7.551	6.343			
Parcelamento dívida ativa	65.487	71.839	Superávit (déficit) do exercício	29.553	111.653
	105.662	107.929			
Patrimônio Líquido					
Lucros ou (prejuízos) acumulados	315.613	338.756			
	315.613	338.756			
	421.275	446.685			

FRANCISCO ALDEONE ABRANTES:16014553-95458

Assinado de forma digital por FRANCISCO ALDEONE ABRANTES:16014553-95458

OSUELA DE SOUSA ALVES

Assinado de forma digital por JOSUE DANTAS BARBOSA:035259-95458

FRANCISCO ALDEONE DE ABRANTES — PRESIDENTE - CPF: 160.145.534-87

JOSUE DANTAS BARBOSA — CONTADOR • CPF: 035.259.954-58 - CRC-PB 008785

LABORATÓRIO ODONTOLÓGICO DIGITAL

UFPB inaugura estrutura pioneira no Nordeste

PB torna-se referência em modelo de atendimento que ainda é raro no país

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

A Paraíba passou a abrigar uma estrutura rara no Brasil. O Laboratório de Reabilitação Oral com Fluxo Digital, no Centro de Reabilitação e Assistência à Saúde (Cras) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coloca a instituição como a primeira do Nordeste e a quarta do país a reunir, em um mesmo ambiente, todo o conjunto de equipamentos necessário para realizar o tratamento de forma totalmente digital. O laboratório foi implantado com o financiamento do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties).

O impacto, no entanto, vai além das paredes da universidade. Segundo o professor Ângelo Melo, do Departamento de Odontologia Restauradora da UFPB, a tecnologia já é tema de acordos de cooperação com outras universidades brasileiras. Nesse sentido, a Paraíba passa a ser referência em um modelo de atendimento que ainda é raro no país, além de for-



Foto: Divulgação/Secties

Espaço foi implantado com financiamento do Governo da Paraíba por meio da Secties

mar profissionais capacitados para atuar nele.

O projeto é denominado “reabilitação oral com o fluxo digital” e a ideia é que todo o processo, da primeira imagem à prótese pronta, aconteça em ambiente digital. O percurso começa com a tomografia digital. As imagens servem de base para o planejamento do tratamento, e a prótese é produzida em equipamentos de alta precisão, como a fresadora, que trabalha com precisão milimétrica.

De acordo com o titular

da Secties, Claudio Furtado, um dos principais objetivos da iniciativa é transformar investimento em ciência e tecnologia em benefício concreto para a população. “É um projeto importante do ponto de vista tecnológico e também pelo retorno social, porque faz com que resultados de pesquisa e desenvolvimento cheguem à população por meio da universidade. É um investimento que tem um retorno muito grande para as pessoas, e isso nos alegra”, afirmou.

Intenção

Um dos principais objetivos da iniciativa é transformar investimento em ciência e tecnologia em benefício concreto para a população

Iniciativa atenderá necessidades acadêmicas

Uma das principais frentes do laboratório é a formação de profissionais. Conforme o professor Ângelo Melo, o espaço será utilizado por estudantes de todos os níveis da área odontológica: do curso técnico de laboratório à graduação, passando pela pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado, inclusive na área de Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial.

A estrutura também abre espaço para a pesquisa. Para Ângelo, trata-se de “pesquisa pura, tecnologia pura à disposição da sociedade”. Ele destaca, ainda, que a UFPB é a primeira universidade do Nordeste e a quarta do Brasil a contar com esse conjunto de equipamentos funcionando de forma integrada, e que o apoio do Governo do Esta-

do, por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), foi decisivo para isso. “Sem o olhar da Secretaria e do Governo do Estado para esse projeto, nós não poderíamos exercer o que estamos exercendo hoje”, afirmou, reiterando a importância da Secties para o impacto que o projeto deve ter na vida dos paraibanos.

A reitora da UFPB, Terezinha Domiciano, destacou que a parceria com o Governo do Estado impacta positivamente, desde o curso técnico até à pós-graduação. Ela elogiou o trabalho do professor Ângelo e da equipe do Cras e lembrou que o público prioritário do atendimento inclui estudantes de baixa renda, beneficiários de programas de assistência estudantil e servidores

e servidoras que não possuem plano de saúde.

“Quando a gente fala de inclusão social, esse é um dos impactos importantes. A universidade tem um número muito grande de alunos em situação de vulnerabilidade social e isso demonstra o nosso papel e a importância das parcerias”, declarou. A reitora também citou dados divulgados pelo Ministério da Educação segundo os quais a UFPB está entre as universidades federais do país com maior número de estudantes em vulnerabilidade social. Para ela, a Secties é, hoje, a maior parceira da universidade, seja com equipamentos, bolsas ou apoio a projetos.

Funcionamento

Em determinadas situações, depois que o paciente é

avaliado e tem a indicação para o implante, a prótese pode ser colocada em até 24h. O paciente sai do procedimento com o tratamento concluído, num ritmo bem diferente do convencional, que costuma exigir várias etapas ao longo de um período maior.

O fluxo digital elimina etapas do método tradicional, entre elas, o uso de materiais que, de acordo com o professor, costumam causar náusea e ânsia de vômito em muitos pacientes. “Aqui, é totalmente digital”, resumiu, destacando que as imagens digitais conduzem todo o processo, do tomógrafo à produção da prótese.

Nesta primeira fase, o público atendido será formado por estudantes da própria universidade em situação de vulnerabilidade socioeconômica, incluindo alunos cotistas, que muitas vezes não têm condições de pagar por tratamentos odontológicos especializados. “Estamos levantando a autoestima desse povo”, afirmou Angelo.

■ **Público prioritário do atendimento inclui estudantes de baixa renda e beneficiários de programas de assistência estudantil**

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Mais um tijolo na banalidade

Em 1961, um homem de óculos, terno e ar de funcionário de repartição sentou-se diante de um tribunal em Jerusalém. Era Adolf Eichmann, o burocrata que organizou os trens para os campos de extermínio nazistas. A filósofa Hannah Arendt foi cobrir o julgamento para a revista *The New Yorker*, esperando encontrar um monstro. Encontrou um sujeito medíocre, que falava por clichês e repetia que apenas cumpria ordens.

Dessa estranheza nasceu a expressão “banalidade do mal”. Ela costuma ser mal-entendida. Arendt não dizia que o mal é comum, nem que todo mundo é um carrasco em potencial. Dizia que o mal pode ser praticado sem ódio, sem demônio e sem grandes motivações, por alguém que simplesmente deixou de pensar. Para ela, o perigo estava na ausência de reflexão: a pessoa que não para um segundo para perguntar “o que é mesmo que eu estou fazendo?”.

No mesmo ano do julgamento, o psicólogo Stanley Milgram, da Universidade de Yale, montou um experimento famoso. Voluntários comuns eram instruídos por um pesquisador de jaleco a aplicar choques elétricos, na verdade falsos, em outra pessoa que errava perguntas. A cada erro, a voltagem subia. Muita gente suave, tremia, protestava, mas continuava. Na versão original, cerca de dois terços chegaram ao nível máximo de 450 volts.

Quem cresceu ouvindo Pink Floyd reconhece essa engrenagem. No filme *The Wall*, de Alan Parker, feito a partir do álbum de 1979, há uma cena em que martelos marcham em formação, como soldados, esmagando tudo pelo caminho. Ninguém ali tem rosto e ninguém precisa ter ódio. O muro que dá título à obra também não nasce de uma vez: sobe tijolo por tijolo, e cada tijolo, sozinho, parece inofensivo. A lógica é a mesma dos choques de Milgram, em que ninguém se sente dono do muro inteiro.

O mal raramente se apresenta como mal. Chega com nome de dever, de eficiência, de “a regra é essa”, de “eu só repasso o que me mandaram”. Chega dividido em tarefas tão pequenas que ninguém sente-se dono do resultado inteiro. Hoje, ele também pode chegar como curtidura, repasse e comentário de grupo, em que cada um acha que é apenas mais um.

Durante a Ditadura Militar, de 1964 a 1985, o país conviveu com prisões ilegais, tortura e desaparecimentos, fatos documentados pela Comissão Nacional da Verdade. Mas o que mais impressiona, olhando em perspectiva, é o tamanho da engrenagem que fazia aquilo funcionar sem que ninguém precisasse ser um monstro. Havia quem preenchesse o formulário, quem assinasse o laudo, quem emprestasse o carro, quem fechasse a porta da sala ao lado. E havia a vizinhança inteira, que ouvia os boatos e concluía: “Se levaram, é porque devia alguma coisa”. Anos depois, as frases mudaram um pouco, mas continuam com o mesmo sabor de alibi: “eu só cumpria ordens”, “eu não sabia”, “na minha rua nunca aconteceu nada”.

Foi aí isso que Arendt chamou de “ausência de pensamento”. Não é ignorância, porque quase sempre havia indícios. É a decisão discreta de não juntar as peças, porque juntá-las obrigaria a tomar posição.

Nenhuma voltagem sobe de uma vez só. Sobe de 15 em 15 volts, e cada degrau parece pequeno demais para merecer uma pergunta. Nenhum muro cai pronto do céu. Quem aplaude o degrau de hoje, ou assenta o tijolo de hoje, ajuda a construir a escada inteira. É no degrau pequeno que o pensamento precisa estar acordado. Estamos no momento, hoje, no Brasil, que temos que escolher entre ir por caminho contra a democracia a defendê-la. Vivemos um período eleitoral em que estamos sendo chamados a olhar para a história e não banalizar o mal. Devemos escolher seguir pela democracia, pela liberdade de expressão, liberdade religiosa. Não vamos colocar tijolos para construir o muro da banalidade. Viva aqueles que defendem a ciência e a democracia!

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Foto: Divulgação/Secties

Fluxo digital elimina etapas como uso de materiais que podem causar desconfortos

MANGABA

Produção da fruta é destaque na PB

Além de movimentar a economia local, a coleta da espécie é uma importante fonte de renda para muitas famílias

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Conhecida pelo sabor marcante e pela presença em sucos, sorvetes e doces, a mangaba, fruta nativa do Brasil, tem seu nome originado no tupi e quer dizer “coisa boa de comer”. Contudo, ela tem uma importância que vai além da alimentação. A mangabeira permite associar a coleta de frutos à manutenção da vegetação e ao sustento de famílias. Porém, o avanço das construções e da cana-de-açúcar sobre áreas onde a espécie ocorre coloca em discussão a necessidade de conservar esses espaços, mesmo em um estado que lidera a produção extrativa.

Em 2025, a Paraíba registrou um total de 907 toneladas de mangabas colhidas. Os dados são da *Pesquisa da produção da extração vegetal e da silvicultura (Pevs)*, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada no dia 24 de setembro deste ano. O estado lidera a produção nacional, à frente do Rio Grande do Norte (605 toneladas), Minas Gerais (387 toneladas) e Sergipe (301 toneladas). Em 10 anos, a produção estadual de mangaba passou de cerca de 250 toneladas, em 2016, para 907 toneladas, em 2025, representando um aumento de 268,7%. Contudo, em relação a 2024, apresentou uma redução de 0,8%.

A produção extrativa é aquela obtida pela retirada de produtos da vegetação natural, sem que tenham sido originados de plantios. No caso da mangaba, os frutos são coletados das árvores que já existem nesses ambientes. Por isso, os dados da pesqui-

sa não devem ser confundidos com o volume colhido de áreas plantadas por agricultores, como ocorre em parte do município de Pitimbu, no Litoral Sul. Lá, existem plantios tecnificados, enquanto outras regiões possuem muitas mangabas, porém são de geração espontânea.

No Litoral Norte, Rio Tinto, Baía da Traição e Marcação concentram os maiores volumes registrados pela pesquisa, com 300, 283 e 178 toneladas, respectivamente. Juntos, os três municípios respondem por cerca de 84% da produção extrativa estadual.

O engenheiro agrônomo Jailson Oliveira destaca a relação da prática com comunidades indígenas, onde a mangaba integra a comercialização de frutos da região. De acordo com o profissional, a adaptação da espécie ao clima local favorece sua ocorrência no Litoral.

Sua presença em meio à vegetação nativa também permite o aproveitamento dos frutos sem que seja necessário retirar a mata para implantar um pomar. “Como toda espécie frutífera nativa, ela consegue conviver bem dentro da floresta, o que já é um ponto positivo, porque você ganha em questão de equilíbrio ambiental. Você não precisa devastar áreas para fazer a implantação dessas culturas. Então você consegue cobertura de solo e são vários ganhos do ponto de vista ambiental”, detalhou o profissional.

Assim, além de movimentar a economia local, a coleta da mangaba é uma importante fonte de renda para muitas famílias, com forte participação das mulheres coletoras,

sendo a conservação das suas áreas imprescindível para a manutenção da atividade.

Melhoramento de mudas

A Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) gera tecnologias e as difunde para os produtores. Foi o que aconteceu no assentamento rural de Camucim, no município de Pitimbu, no Litoral Sul do estado. Conforme explicou o pesquisador da empresa Edivaldo Galdino, a produção de mangaba é majoritariamente extrativista, isto é, os agricultores não plantam, apenas fazem a colheita de árvores que nascem espontaneamente. “Depois de estudarmos como se planta, como se produz a muda, fomos levar qualificação, por meio de treinamentos para os produtores, para que eles não dependessem apenas do extrativismo”. Assim, na região, há cerca de 100 hectares de mangabeiras plantadas com mudas produzidas pela Empaer. “São plantas de alta qualidade genética”, afirmou Edivaldo.

O atual secretário de Agricultura de Pitimbu, Edivaldo Xavier, era líder comunitário do assentamento na época do projeto, realizado em parceria com a empresa estatal. Ele conta que a plantação aconteceu há mais de 20 anos.



Foto: Leonardo Ariel

Adaptação da espécie ao clima local favorece sua ocorrência no Litoral da Paraíba, aponta especialista

Hoje, mais de duas décadas depois, as árvores de copa ampla e troncos tortuosos continuam produzindo. O secretário explica que os pomares são conduzidos por agricultores familiares e não utilizam irrigação artificial. Os cuidados incluem a limpeza das áreas e, conforme a prática adotada por cada produtor, adubação e poda. “O agricultor só faz limpar mesmo e, em período de colheita, coleta e vende, ou nas feiras livres ou para algumas agroindústrias”, pontuou Edivaldo Xavier.

Contudo, áreas de plantio vêm sendo substituídas por construções e pelo cultivo de cana-de-açúcar. Segundo o secretário, a situação também é observada em localidades próximas, como o município de Conde, onde havia campos nativos da espécie. Segundo o secretário, a mangaba ainda continua sendo muito importante para a região. “O preço é atrativo, cada dia que passa o valor fica melhor, justamente porque aqui há alguns

campos. Muitas famílias sobrevivem dessa produção”. A perda desses espaços reduz as possibilidades de coleta para quem depende das árvores que crescem espontaneamente. Diante desse cenário, percebe-se a importância da manutenção dos plantios, que têm ajudado famílias a continuar comercializando a fruta em meio à redução dos campos nativos.

Estado tem maior banco de germoplasma de mangabeira do país

Em João Pessoa, a Estação Experimental de Jacarapé da Empaer mantém o maior banco de germoplasma de mangabeira do país. Segundo o engenheiro agrônomo Jailson Oliveira, o espaço reúne material da espécie e integra o trabalho de pesquisa desenvolvido no estado.

Bancos de germoplasma são coleções mantidas para conservar recursos genéticos, que podem ser utilizados em estudos e no desenvolvimento de ma-

teriais para o cultivo. Os estudos acerca da espécie realizados pela empresa estatal acontecem desde o início da década de 1990 e vão desde a produção da muda até a fase de pós-colheita. De acordo com Edivaldo Galdino, é de fundamental importância estudar a mangabeira e i-

ra, visto que a cultura da mangaba está sendo extinta, devido à pressão urbana e imobiliária.

Típica do Cerrado, da Caatinga, dos tabuleiros costeiros e de áreas de restinga no Nordeste brasileiro, a árvore adapta-se bem a solos ácidos, pobres em nutrientes e a climas com períodos de seca.

Na estação pessoense, há uma espécie de mangabeira originária do Cerrado. “Essas plantas demoram muito a reagir, ou seja, demoraram a florir e frutificar, mas, até que enfim, elas conseguiram e os frutos são bastante vigorosos, são frutos grandes, de boa palatabilidade”, explicou o pesquisador.

Benefícios

A mangabeira possui funções ecológicas que vão desde a recuperação do solo até o aumento da biodiversidade local, servindo de alimento para diversas espécies. Também atua para atrair polinizadores, como as abelhas. “Ela protege o solo contra a erosão, devido à proteção da sua copa,

ao amortecer as gotas de chuva. E, depois, também por meio de caimento de folhas, que se decompõem e melhoram as características do solo fornecendo matéria orgânica”, detalhou Edivaldo Galdino.

A árvore e o fruto produzem látex. A substância possui propriedades medicinais, como explica o pesquisador. “Ele é utilizado para tratar herpes e alguns problemas gástricos”. Galdino ainda acrescenta que, durante a Segunda Guerra Mundial, o material foi utilizado em substituição ao látex da seringueira em tempos de escassez. “Inclusive, alguns produtos são melhor produzidos com o látex da mangabeira”.

Além disso, a mangaba é uma fruta rica em vitamina C, ferro, fósforo e cálcio, e também é conhecida por seu sabor único, que fica mais doce à medida que ela amadurece. Assim, além da importância ambiental e social, a mangaba contribui para diversificar a alimentação. A nutricionista Germana Carvalho destaca a presença de vitamina C, fibras

e compostos antioxidantes. Segundo ela, a vitamina auxilia no funcionamento do sistema imunológico, na formação de colágeno e na absorção do ferro dos alimentos, enquanto as fibras contribuem para o funcionamento intestinal.

A nutricionista orienta que o consumo da fruta fresca e o preparo do suco próximo ao momento de ingestão ajudam a preservar a vitamina C, sensível ao calor e ao armazenamento prolongado. “A mangaba é uma ótima opção para diversificar a alimentação e aproveitar os benefícios nutricionais das frutas regionais”, afirmou.

Os estudos acerca da espécie realizados pela Empaer acontecem desde o início da década de 1990



Foto: Leonardo Ariel

Funções ecológicas vão desde a recuperação do solo ao aumento da biodiversidade

Foto: Divulgação/Secom-PB



Primeiro grupo embarca hoje, tendo atletas do judô, do taekwondo, do tiro com arco, da natação e do atletismo

JOGOS DA JUVENTUDE

Delegação paraibana terá 228 pessoas

Evento, organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro, acontece de amanhã até o dia 3 de novembro, no Paraná

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Parte da delegação paraibana que disputará os Jogos da Juventude Caixa Foz do Iguaçu 2026 viaja, hoje, para o estado do Paraná. Ao todo, serão 228 pessoas do estado envolvidas com as disputas (atletas, comissões técnicas e chefes de delegação). Na sexta-feira (23), embarca um segundo bloco, enquanto o terceiro e último grupo viaja no dia 27. A competição inicia amanhã e vai até o dia 3 de novembro.

Hoje, embarcam esportistas do judô, do taekwondo, do tiro com arco, da natação e do atletismo. Antes de viajar, o time da Paraíba foi apresentado oficialmente no auditório da Funad, em João Pessoa. O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel), viabilizou as passagens aéreas para todos os atletas, técnicos e dirigentes da delegação.

Realizado pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB), em parceria com a Pre-

feitura de Foz do Iguaçu e o Governo do Estado do Paraná, o evento reunirá cerca de cinco mil atletas de 13 a 17 anos — a edição com mais atletas na história do evento. Acontecerão 215 provas distribuídas por 20 modalidades esportivas, divididas em cinco blocos durante a programação.

Os esportes em disputa são águas abertas, atletismo, *badminton*, basquetebol, ciclismo, esgrima, futsal, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, judô, natação, remo virtual *indoor*, *taekwondo*, tênis de mesa, tiro com arco, triatlo, voleibol, vôlei de praia e *wrestling*. A delegação da Paraíba terá representantes em todas as modalidades. Considerando separadamente as categorias femininas e masculinas, o estado estará representado em 24 esportes.

Das 228 pessoas que compõem o time paraibano, 186 são atletas (97 do masculino e 89 do feminino). Alguns jovens participam de mais de uma modalidade, como triatlo e ciclismo, ou judô e *wrestling*. As outras 42 pessoas são técnicos, funcionários do Estado a serviço e chefes de delegação.

Experiência

O técnico da equipe de natação, Leandro Pereira Gondim, conversou com o jornal **A União** sobre as expectativas para os Jogos da Juventude de 2026. Ele demonstrou grande empolgação: “Temos grandes chances de sair com medalhas de lá”, disse o profissional que conta com 16 jovens (oito meni-

nos e oito meninas) no seu time.

“Temos como grande destaque o nadador Dayalo Xavier, que já foi campeão brasileiro oito vezes da prova de 200 m borboleta. E temos outros atletas também, medalhistas nacionais que têm conquistas nos Jogos Escolares Brasileiros (Jebs). Um exemplo é Bruno Paiva, também na prova de 200 m borboleta. E das meninas, temos Helô Dantas, que foi campeã brasileira neste ano, na sua categoria. Porém, agora, ela vai enfrentar atletas um pouco mais velhos”, destacou o treinador.

Antes dos Jogos da Juventude, os três nadadores citados vão participar da Copa Pacífico de Natação. Conforme Leandro, o torneio internacional dará uma experiência importante para as provas da competição de Foz do Iguaçu.

Edição anterior

Na edição de 2025, em Brasília, a Paraíba alcançou números expressivos. Foram 19 medalhas conquistadas, em diferentes modalidades. Três ouros, três pratas e treze bronzes. Em 2024, numa edição que ocorreu em João Pessoa, foram 16 medalhas ganhas.

Na delegação de 2026, estão, por exemplo, as atuais campeãs do vôlei de praia, Yasmin e Micka. Auzueres Neto, no *wrestling*, Lucas Emanuel, pelo *taekwondo*, que ganharam prata no Distrito Federal, também voltam para as disputas dos jogos deste ano. Ainda há alguns medalhistas de bronze da edição passada que compõem o time do estado na competição de Foz do Iguaçu: triatlo (Ana Claudia), *wrestling* (Julia Torres), *taekwondo* (Ana Letícia).

Integração

Além das competições esportivas, os jovens paraibanos terão a oportunidade de interagir

com colegas de diferentes regiões do Brasil e de outros países. O evento contará com atletas das 27 unidades federativas e de três delegações internacionais. Representantes de Argentina, Japão e Paraguai participarão das disputas no atletismo, triatlo e remo virtual.

“Todo atleta adora esse tipo de competição, devido a esse formato, pela integração. A integração entre os atletas é algo que chama muita atenção deles. Para esses jovens, estarem na Seleção Paraíba, depois de passarem por várias seletivas, é motivo de alegria. Eles estão bem ansiosos, porque a grande maioria dos atletas brasileiros que chegaram no mais alto nível do esporte têm na bagagem a disputa dos Jogos da Juventude”, afirmou Leandro, técnico da equipe de natação.

Organizados anualmente pelo COB desde 2000, os Jogos da Juventude Caixa oferecem suporte ao desenvolvimento das modalidades olímpicas por meio de ações voltadas à formação de jovens atletas.

vens atletas e de profissionais do esporte.

Diversos ídolos do esporte brasileiro já participaram do evento no início de suas carreiras, como as campeãs olímpicas Beatriz Souza e Sarah Menezes, ambas do judô, e Ana Patrícia e Duda Lisboa, do vôlei de praia; os medalhistas olímpicos Alison dos Santos, conhecido como “Piu”, Caio Bonfim e Rosângela Santos, do atletismo; Mayra Aguiar, William Lima e Larissa Pimenta, do judô; Fernando Scheffer, da natação; Ana Cristina Souza, Roberta Ratzke, Rosamaria Montibeller e Carolana, do vôlei; além de Rodrygo, jogador da Seleção Brasileira masculina de futebol e do Real Madrid.



Dayalo Xavier, oito vezes campeão brasileiro nos 200 m borboleta, na natação, é potencial medalhista



Atuais campeãs do vôlei de praia, Yasmin (acima) e Micka (abaixo) fazem parte da delegação paraibana

Foto: Reprodução/Instagram @dayalobateia

Foto: Reprodução/Instagram @yas_chagas

CAMPEONATO BRASILEIRO

Bahia enfrenta a equipe do Flamengo

Partida pela 31ª rodada da competição nacional será realizada às 18h30, na Arena Fonte Nova, em Salvador

Da Redaçãoi

A 31ª rodada do Brasileiro 2026 continua hoje. O Flamengo viaja para encarar o Bahia na Arena Fonte Nova, em partida transmitida pelo Premiere. A programação futebolística do dia reúne outros três jogos para a reta decisiva da competição: às 16h, o Fluminense mede forças contra o Santos no Maracanã (TV Globo); enquanto o Grêmio recebe o Cruzeiro na Arena do Grêmio, em Porto Alegre (Premiere); a última partida será às 19h30, quando o Remo enfrenta o Bragantino no Estádio Mangueirão, em Belém (Premiere).

No Rio de Janeiro, o clássico entre Fluminense e Santos abre a tarde de futebol em um confronto direto de equipes que buscam estabilidade no campeonato. O Tricolor carioca conta com o apoio de sua torcida para pontoar e consolidar sua vaga no G4, enquanto o Peixe tenta emplacar uma sequência positiva para se aproximar do bloco que briga por vagas em torneios sul-americanos.

Simultaneamente, em Porto Alegre, Grêmio e Cruzeiro travam um duelo. O Tricolor gaúcho precisa fazer valer o mando de campo para se reabilitar na competição, en-



Foto: Adriano Fontes/Flamengo

Rubro-Negro carioca terá hoje de lidar com a forte pressão de jogar na casa do adversário pelo Campeonato Brasileiro

frentando uma Raposa que quer conquistar pontos fora de casa para se consolidar dentro do G6.

Mais tarde, às 18h30, os holofotes voltam-se para Salvador. O Flamengo terá de lidar com a forte pressão de jogar na casa do adversário. Já o Bahia entra em campo com o apoio maciço da sua torcida para encarar um dos maiores desafios do torneio e confirmar suas pretensões de carimbar a vaga na Libertadores.

Fechando o domingo, Remo e Red Bull Bragantino enfrentam-se no Pará. O Leão Azul terá de transformar o Mangueirão em um caldeirão para respirar na luta contra o rebaixamento, enquanto a equipe de Bragança Paulista busca os três pontos para continuar incomodando os líderes e se manter no pelotão de frente do campeonato.

A 31ª rodada vai terminar, amanhã, com o confronto entre Corinthians e Vitória na Neo Química Arena, às 20h (Premiere). Para o Alvinegro paulistano, jogar em casa significa fazer valer o peso da torcida para se afastar da zona de perigo. Já para o Vitória, pontoar em São Paulo é dar um passo adiante para se consolidar longe do Z4.

VASCO

Ex-dono da SAF admite a culpa em esquema de fraude

Estadão Conteúdo

O ex-dono da SAF do Vasco, Josh Wander, declarou-se culpado na quinta-feira (15), por fraude eletrônica e fraude de valores mobiliários em um esquema que prejudicou credores e investidores da 777 Partners em mais de US\$ 500 milhões (cerca de R\$ 2,5 bilhões). A informação foi divulgada pela Procuradoria do Distrito Sul de Nova York, nos Estados Unidos.

O empresário admitiu ter usado informações financeiras falsas para obter empréstimos e captar investimentos. Segundo a Procuradoria, ele ofereceu como garantia ativos de acordos de indenização estruturada que a 777 Partners não havia adquirido ou que já haviam sido comprometidos com outros credores. Para encobrir as irregularidades, também orientou funcionários a adulterar extratos bancários e simular saldos milionários que a companhia não possuía.

A investigação aponta que os recursos obtidos de credores deveriam ser destinados ao financiamento de acordos de indenização estruturada, principal atividade da 777 Partners. A empresa, porém, ampliou os investimentos para outros setores, como aviação e futebol, sem dispor de dinheiro suficiente para custear as aquisições. Wander direcionou parte dos valores para despesas não autorizadas, incluindo o financiamento de clubes esportivos. A empresa assumiu o controle da SAF do Vasco em 2022

Em 2021 e 2022, Wander

também captou mais de 200 milhões de dólares com investidores por meio da venda de participações na 777 Partners e em uma empresa afiliada, apresentando informações falsas sobre a situação financeira dos negócios. Em março de 2022, conseguiu ainda um empréstimo de US\$ 20 milhões após entregar dezenas de extratos bancários adulterados. Segundo a investigação, milhões de dólares foram usados em operações com opções financeiras.

O esquema começou a ruir em março de 2023, quando um dos credores questionou a duplicidade das garantias apresentadas. Na ocasião, Wander atribuiu o problema a uma falha no sistema de computadores da empresa e afirmou que a irregularidade teria sido acidental. Em 2024, deixou o cargo de diretor-presidente da 777 Partners.

Como parte do acordo judicial, o empresário concordou com o confisco de pelo menos US\$ 500 milhões provenientes do esquema. As acusações pelas quais declarou-se culpado preveem pena máxima de 20 anos de prisão cada uma, mas a sentença será definida pelo juiz responsável pelo caso. A audiência está marcada para 1º de março de 2027, em Nova York.

Josh Wander e Steven Pasco, sócios-fundadores da 777 Partners, deixaram seus cargos na empresa em maio de 2024. No mesmo mês, a Justiça do Rio de Janeiro afastou a companhia do controle da SAF do Vasco.

ELEIÇÕES EM NOVEMBRO

Corinthians define candidatos para presidente

Rodrigo Sampaio
Agência Estado

Sob grave crise financeira e administrativa, o Corinthians vive período eleitoral e definiu, na quinta-feira (15), as chapas que vão disputar as eleições presidenciais no clube. Cerca de quatro mil associados vão às urnas no dia 28 de novembro para decidir quem será o próximo mandatário e a renovação de 200 cadeiras do Conselho Deliberativo para o triênio 2027-2029.

O pleito deste ano é considerado um dos mais importantes da história do clube. Quem assumir terá de lidar com uma dívida de R\$ 2,8 bilhões, a quitação da Neo Química Arena junto à Caixa Econômica Federal, a reforma estatutária e a falta de confiança do torcedor. Paralelamente à eleição, o Ministério Público de São Paulo (MP-SP) está em fase final de uma investigação que pode levar a uma intervenção judicial no clube. Saiba quem são os candidatos.

André Castro

André Castro é gestor de investimentos e cumpre mandato como conselheiro trienal do clube. Ficou conhecido pela alcunha de “André do Bilhão” após afirmar publicamente que tinha um acordo com um investidor para uma injeção de US\$ 1 bilhão. Os vices da chapa são Everton Roberto Dumbrowsky e Luiz Soares do Santos.

Sua plataforma propõe a renegociação estruturada do endividamento com o uso de ferramentas do mercado de capitais e atração de novos investidores. Castro enfatiza a necessidade de implementar

governança e *compliance* rígidos em todas as transações de futebol e contratos comerciais.

No plano esportivo, defende a integração da análise de dados à base e ao futebol profissional, além do fortalecimento da marca do clube em mercados internacionais para alavancar novas receitas de *marketing*.

Ilmar Schiavenato

Ilmar Schiavenato é conselheiro vitalício e ex-atleta de remo do Corinthians, com mais de 40 anos de vivência no Parque São Jorge. Com passagem pela diretoria social, apresenta-se como uma candidatura de oposição experiente e conhecedora do cotidiano do clube. Foi diretor social do Timão de 2012 a 2014, na gestão do ex-presidente Mário Gobbi, e tem como vices Susy Miranda e Ernesto Teixeira.

Sua plataforma prioriza a modernização do clube social e a valorização dos esportes associativos. O candidato propõe melhorias na infraestrutura para os sócios e o fortalecimento de modalidades como basquete e vôlei no Parque São Jorge.

Propõe ainda integrar a Neo Química Arena à torcida, transferindo o memorial do clube para o estádio para transformá-lo em ponto turístico.

José Augusto Mendes

Conselheiro vitalício do Corinthians, José Augusto Mendes traz na sua bagagem a experiência profissional no setor industrial e em consultorias executivas — tem MBA pela McKinsey & Company. Seus vices são Marcelo Kahan Mandel e Mirella Havir e sua can-

didatura apresenta-se como uma alternativa de reestruturação pautada na transparência e no planejamento financeiro por etapas.

Sua proposta estabelece um plano trienal objetivo: um primeiro ano focado no corte rígido de despesas, estancamento de desperdícios e renegociação de dívidas de curto prazo; seguido por anos de consolidação e crescimento com a chegada de novos aportes. Mendes também defende a contratação de um CEO para gerir o cotidiano do clube em conjunto com a presidência.

Para os patrimônios, propõe criar uma diretoria específica e profissionalizada para a Neo Química Arena e estudar a transformação da Fazendinha em uma arena multiuso para gerar novas receitas ao Parque São Jorge. Apoiar ainda a revisão da política de ingressos e a ampliação da captação de talentos nas categorias de base.

Rozallah Santoro

Rozallah Santoro ganhou destaque na política corintiana ao atuar no setor financeiro do clube, ocupando o cargo de diretor no início da gestão Augusto Melo. Tem trajetória profissional no mercado executivo e sustenta um discurso pautado pela disciplina orçamentária, auditoria de contas e eficiência operacional. Seus vices são Joaquim Arruda e Zezinho Mansur.

Suas propostas prioritárias concentram-se na redução expressiva de custos e no saneamento da dívida do clube. Rozallah defende a profissionalização de todos os departamentos administrativos, a revisão minuciosa de contra-

tos operacionais e de patrocínio e a implementação de práticas rigorosas de governança corporativa.

No futebol, propõe uma gestão focada no uso otimizado de dados e captação estratégica de atletas. Além disso, apoia o debate em torno de novas fontes de receita para o clube social e para a Neo Química Arena, visando rentabilizar melhor os ativos do Corinthians.

Sérgio Janikian

Sérgio Janikian é um nome tradicional na política do clube, com passagens por diretorias em gestões anteriores, e apoia-se no conhecimento interno dos bastidores do Parque São Jorge e na necessidade de estabilidade política.

Janikian foi diretor de futebol do Corinthians por três meses, em 2015, na gestão de Roberto de Andrade. Ficou marcado por chamar o confronto contra o Guarani-PAR, pelas oitavas de final da Libertadores, de “presente de Deus”. O time acabou eliminado pela equipe paraguaia.

Ele defende reformas estatutárias e a ampliação dos debates sobre a modernização do clube. Em suas propostas, posiciona-se a favor de discutir o direito de voto para o Fiel Torcedor.

Na gestão do futebol e dos desportos associativos, quer alinhar a responsabilidade fiscal com a montagem de elencos competitivos. Defende também uma aproximação responsável com os associados e conselheiros para evitar crises políticas prolongadas. Tem como vices Antonio Jorge Rachid Junior e Simone Martins dos Anjos.

CAMPEONATO PARAIBANO

2ª Divisão inicia jogos decisivos

Primeiro confronto acontece hoje, entre Cruzeiro e Auto Esporte, e amanhã o Spartax pega o Atlético Santa Rita

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A Segunda Divisão do Campeonato Paraibano de Futebol começa a definir, hoje, em Itaporanga, e amanhã, em João Pessoa, as duas vagas de acesso para a elite do futebol profissional do estado em 2027. Após a conclusão da primeira fase da competição e a realização da repescagem da disputa, os quatro semifinalistas do campeonato estão definidos: Auto Esporte, Cruzeiro de Itaporanga, Atlético Santa Rita e Spartax. Desse quarteto, dois avançarão para a decisão do campeonato e obterão as vagas na Primeira Divisão estadual do próximo ano.

O primeiro confronto das semifinais da Segundona acontece em Itaporanga, onde Cruzeiro e Auto Esporte enfrentam-se, hoje, às 16h, no Estádio Zezão. Já amanhã, às 19h30, o Spartax recebe o Atlético Santa Rita no Estádio Almeidaão, em João Pessoa, completando a rodada de ida das semifinais.

Os confrontos da volta estão marcados para a próxima quinta-feira (22). No Estádio Ribeirão, em Itapororoca, o Atlético Santa Rita definirá o acesso diante do Spartax, às 19h, enquanto o Auto Esporte receberá o Cruzeiro de Itaporanga às 19h30, no Estádio Almeidaão, na capital paraibana.

Os semifinalistas

O quadro de semifinalistas só foi completado na noite da última quinta-feira (15), com as vitórias de Cruzeiro e Spartax sobre Serrano e Desportiva Guarabira, respectivamente, na repescagem da competição. Entre os quatro sobreviventes,

um carrega um status que nenhum rival conseguiu igualar: o Macaco Autino é o único invicto da Segundona nesta temporada e ficou com a liderança geral, condição que deu ao clube o direito de definir o jogo de volta das semifinais jogando em seus domínios, no Estádio Almeidaão, em João Pessoa. Indiscutivelmente, o Auto Esporte é o time mais tradicional na disputa da Segunda Divisão, nesta temporada. Com seis títulos estaduais da Primeira Divisão e outras três conquistas na própria Segundona (1968, 2006 e 2024), o Macaco Autino chega às semifinais com moral, mas terá um adversário complicado e que chega embalado.

A trajetória do Cruzeiro, por sua vez, é um verdadeiro caso de superação. A Raposa do Vale transformou um início complicado em uma campanha de recuperação na competição: depois de passar cinco jogos sem vencer, reagiu ao longo da disputa, período em que o elenco passou por alterações, entre elas a saída do atacante Walter. Embalado na reta final da primeira fase, o time confirmou a classificação para a fase decisiva após golear a Picuiense por 9 a 0, conquistando, para o clube, a quarta colocação, com 16 pontos somados no certame estadual.

O bom momento foi coroado com mais um capítulo memorável na noite da última quinta-feira, quando, no Estádio Marizão, em Sousa, o Cruzeiro venceu o Serrano por 3 a 2, pela repescagem, garantindo a vaga na semifinal em uma partida marcada por reviravoltas e muita emoção.

O Cruzeiro saiu à frente no



Foto: R2 Creative/Auto Esporte

Auto Esporte é o único clube invicto do Paraibano da Segunda Divisão, tendo ficado com a liderança geral da competição

placar no começo da partida, com gol de Gianotti, mas, a partir daí, só deu Serrano, que, com uma chuva de gols perdidos no primeiro tempo, conseguiu a virada no começo da segunda etapa, com o gol de empate sendo marcado aos oito minutos, por Thales, e a virada vindo aos 11 minutos, pelos pés de Rato. No entanto, mostrando superação, o time de Itaporanga conseguiu a remontada, voltando a empatar o jogo aos 28 minutos do segundo tempo, com Rodriguinho balançando as redes e, já nos acréscimos, virando o jogo, com Samuel Pará anotando o gol da virada e da classificação às semifinais da Segundona.

Do outro lado do chaveamento, o Spartax vive a oportunidade mais significativa de sua história. De atuação instável na primeira fase, a equipe conseguiu uma grande vitória por 3 a 0 diante da Desportiva Guarabira, na repescagem, para carimbar a classificação, resultado construído em uma partida marcada por confusão e três cartões vermelhos. O meio-campista Matheus Guará, da Desportiva Guarabira, foi expulso no fim do primeiro tempo, e os gols dos Guerreiros Valentes foram marcados por Gêmeo de Acaú, duas vezes, e Joãozinho BH.

O Spartax está, agora, a dois jogos de conquistar o

acesso à elite do futebol paraibano pela primeira vez em sua história. Fundado em 2011, o clube nunca havia chegado às semifinais da Segundona: em todas as suas participações anteriores na competição, a equipe da capital paraibana acabou eliminada antes dessa fase da disputa e não chegou a, efetivamente, disputar uma vaga de acesso à Primeira Divisão. O time terá, portanto, a chance de mudar esse cenário e brigar diretamente pelo acesso à elite estadual de 2027, pela primeira vez.

Fechando o grupo dos semifinalistas, está o Atlético Santa Rita, clube mais jovem da disputa, fundado em 2017, e que disputa pela pri-

meira vez a Segunda Divisão estadual, já com chances reais e certo favoritismo pelo acesso, pois chega à fase decisiva embalado pela boa campanha até o momento. Vice-líder da Segunda Divisão do Paraibano deste ano, o Tigre vem de uma sequência de sete vitórias e possui o melhor ataque do torneio, com 25 gols marcados. A equipe está fazendo a sua estreia na competição e, logo na primeira temporada, tem grandes chances de conquistar o acesso inédito.

Com o cenário desenhado, a bola rola a partir das 16h de hoje, em Itaporanga, para começar a definir os dois clubes que estarão na elite do futebol paraibano em 2027.

BODAS DE OURO

Pelada mais antiga da Paraíba completa 50 anos na capital

Emerson da Cunha
emerson.auriao@gmail.com

O ano era 1976 quando o Esporte Clube Cabo Branco abriu uma turma de ginástica com pouco mais de 20 vagas voltadas para homens. De início, o grupo, intitulado “Ginástica para Executivos do Clube Cabo Branco” (Gecab), era conduzido por dois professores de Educação Física, José Hugo e Adenilson Maia, vulgo Professor União, que ofereciam cerca de meia hora de aula. A faixa etária reunia homens com mais de 40 anos, em geral advogados, médicos, professores. Embora satisfeitos com as aulas, havia

uma ânsia: por que não terminar os encontros com uma peladinha de leve? A vontade foi maior; à ginástica foi dedicado menos tempo e deu-se origem à pelada mais antiga da Paraíba, que completou 50 anos na quinta-feira (15), comemorados em um jantar especial no Esporte Clube Cabo Branco, no Miramar. Justamente na noite foram homenageados os professores fundadores e facilitadores do grupo, além do atual diretor do clube, Gilberto Ruy.

“Na época, quem era o presidente [do clube] era Damásio França. O diretor de esporte era Marcos Souto Maior, um desembargador. Em reunião

dele comigo e União, ele achou necessário a gente fazer uma atividade física com o pessoal associado”, conta José Hugo. “Começamos de manhã aqui, na quadra. Com o passar do tempo, uns dois, três meses, aumentou o grupo e eles acharam por bem não ser de manhã e ser a partir da noite. De 23 atletas que começaram, foi aumentando gradativamente. As aulas eram sempre nas terças e nas quintas, duravam 40 minutos e depois tinha a peladinha. Só que, como a tava de todo mundo é a peladinha, aí disseram assim: ‘Professor, depois de fazer 40 minutos, dá para fazer 30?’. Aí a gente começou a au-

mentar mais a pelada. Porque, como era muita gente, o tempo da pelada era uma hora e 30 minutos”, conta.

Professor União explica que, como havia participantes com mais idade, alguns já fazendo parte da terceira idade, os exercícios precisavam ser comedidos, não dava para serem tão puxados. “A gente às vezes dava três, quatro voltas conversando, eu botava em grupos de dois, de três, a gente ia conversando, rodeando o campo. Nos primeiros dias, foi terrível. Porque os caras não queriam fazer exercício puxado. ‘Não vim aqui cansar’. Eu tive que usar muita imaginação, ‘Vamos dar cinco voltas no campo correndo’, ‘Não, vamos conversando’, Uma volta, duas voltas. ‘Vamos tentar uma correndo’. ‘Rapaz, não aguento não’, diziam”.

Hoje em dia, não há mais a ginástica que deu nome ao grupo, especialmente depois que os professores fundadores foram se aposentando e se dedicando a outros fins. Assim, o grupo continuou com a determinação de seus próprios participantes, que hoje se somam em mais de 50 homens. Atualmente, são determinados por regimento e a cada ano se estabelece uma comissão organizadora. Os encontros mantêm-se às terças e quintas, às

20h. Os membros também se autofinanciam para pagar os custos da pelada, como camisas e bolas. “A pelada se perpetua exatamente porque tem um regimento. Tem uma comissão que são cinco: Todo ano ela se renova pelo voto dos próprios participantes, que mantêm exatamente essa mínima organização. O cumprimento do regulamento passa eventualmente por transformações, porque o clube muda, os critérios mudam. O primeiro critério é ser sócio do clube. Tem que ter uma idade mínima, porque alguns têm uma idade mais avançada. E a gente estabeleceu um mínimo de 45 anos. Porque, se a gente não renova, a pelada se acaba. É natural que, ao longo de 50 anos, a grande maioria tenha pendurado as chuteiras”, conta Arlan Rodrigues, um dos membros da comissão organizadora da pelada.

Ao longo de 50 anos, muitas histórias aconteceram entre os membros do grupo, ficando no caminho alguns causos. Uma das histórias é contada por Arlan. Sempre após as peladas, os homens costumam tomar banho e se assear, até porque, depois das partidas, há uma espécie de confraternização. “Tinha um peladeiro que trazia um perfume dele. Porque, depois da pelada, todo mundo toma

banho, troca de roupa, até porque às vezes a gente fica aqui pra confraternizar, pra tomar uma birita. E tinha um peladeiro aqui que trazia um perfume desses bem fuleira, de mulher. E, quando acabava, todo mundo acabava de trocar de roupa, ele saía jogando o perfume em todo mundo. E todo mundo chegava em casa com esse perfume que a mulher não acreditava nunca que o cara estava na pelada. Então isso é uma coisa que me lembro bem. E desfez muito casamento”, conta o peladeiro, rindo.

Professor União opina que apenas o esporte consegue fazer coisas como a relação que se construiu entre esses homens ao longo desses 50 anos. Para ele, trata-se menos de um grupo de pelada e, de fato, de uma grande família. “Todos eles se protegem um ao outro. Eles têm a pelada duas vezes por semana; depois da pelada, tem a confraternização, tem um jantar. Aqui nós temos empresários, médicos, advogados. Virou praticamente uma irmandade. Outra coisa bacana que eles trouxeram para dentro aqui é a família. Quando eles tão jogando no campo, aí às vezes está a mãe, os filhos, assistindo, vendo eles. Aí transformou-se como uma família. É, tornou-se uma grande família”.



Foto: Carlos Rodrigo

Comemorações do grupo de “peladeiros” aconteceram no Esporte Clube Cabo Branco



FUTEBOL FEMININO

Do futsal à Seleção Brasileira

Aos sete anos, Laura começou a jogar futsal em Realeza, no interior do Paraná, onde nasceu

Laura Dupont encontrou no pai sua maior inspiração e agora se prepara para disputar a Copa do Mundo Sub-17

Assessoria CBF

Se hoje Laura Dupont veste a camisa da Seleção Brasileira Sub-17, parte dessa história tem origem dentro de casa. Sua maior inspiração no futebol é o pai, Darci Dupont, que jogou profissionalmente no futebol de Mato Grosso e teve passagem pelo Atlético Mineiro.

Durante a entrevista à CBF TV, Laura contou que começou a gostar de futebol observando o pai e acompanhando os irmãos.

“Foi por causa do meu pai, que jogava futebol profissionalmente. Meus irmãos também começaram

a jogar. Tenho um irmão mais velho que já jogava, e meu pai o colocou em uma escolinha de futebol. Eu comecei a gostar também, e ele me colocou para treinar junto com meu outro irmão”, conta.

Aos sete anos, Laura começou a jogar futsal em Realeza, no interior do Paraná, onde nasceu. Na escolinha, era a única menina entre os meninos. Anos depois, o caminho percorrido por diferentes cidades a levaria à base do Internacional e, agora, à Seleção Brasileira.

“Eu jogava mais com os meninos, porque não tinha muitas meninas jogando.

Na verdade, eu jogava com eles em todos os lugares, tanto no colégio quanto na rua”, lembra.

Início do sonho

Em sua cidade natal, as oportunidades para o futebol feminino eram poucas. Para continuar competindo, precisou buscar alternativas fora de Realeza. Primeiro, foi jogar em Dois Vizinhos, município próximo. Depois foi vista por uma professora de Guaraciaba, em Santa Catarina, e convidada para jogar na equipe da cidade. Após ser indicada para uma avaliação no Internacional, fez o teste e foi aprovada aos 13

anos. Desde então, é atleta do clube gaúcho.

A chegada ao Inter marcou uma virada na trajetória. Depois de anos jogando futsal e buscando competições em cidades vizinhas, Laura teve que se adaptar ao campo, a uma nova rotina e à distância da família.

Os familiares de Laura permaneceram no Paraná, enquanto ela passou a morar em Porto Alegre. São cerca de 14 horas de ônibus ou 10 de carro entre as duas cidades. Mesmo assim, a família tenta acompanhar as partidas.

“Minha família sempre me apoiou. É longe para eles irem assistir aos jogos,

mas, quando tem uma partida mais importante, eles sempre tentam ir”, diz.

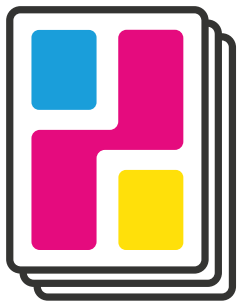
Seleção Brasileira

A primeira convocação veio aos 14 anos, para um período de treinamentos em Sorocaba, com a Seleção Brasileira Feminina Sub-15. Mas o período de preparação da Seleção Brasileira Sub-17 na Granja Comary, em Teresópolis (RJ), foi um divisor de águas em sua trajetória. Foram dias de dedicação para estar na lista final da treinadora Rilany Silva para sua primeira Copa do Mundo.

“Eu estava ansiosa. Se for olhar desde meu começo, ja-

mais imaginaria que estaria numa Copa do Mundo. Mas tinha dado o máximo que era possível. Liguei para os meus pais por chamada de vídeo e disse: ‘Falei que ia dar certo’, relembra.

Laura e suas companheiras seguem se preparando para dar mais um passo nessa trajetória. A Seleção Brasileira Feminina Sub-17 estreia na Copa do Mundo da categoria hoje, diante do Canadá, às 12h (8h no horário de Brasília), no Women’s Football Complex, em Salé, no Marrocos. A partida abre a campanha do Brasil no Grupo C, que também tem Gana e Noruega.



Gráfica A UNIÃO

Excelência além da primeira impressão.

Com um moderno parque gráfico, a Gráfica A União garante a qualidade de impressos nos mais diversos formatos.

Solicite seu orçamento!

Contato

Telefone: (83) 3218-6525

E-mail: daf.auniaograficapb@gmail.com



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



RELATOS

Muito prazer, José Américo de Almeida

Aproximando-se dos 140 anos de nascimento do escritor e político paraibano, colhemos alguns depoimentos de pessoas que tiveram a honra de conhecer “o homem de Areia”

Fátima Farias
Especial para A União

Um dos recantos mais aprazíveis da residência do escritor e ministro José Américo de Almeida (1887–1980) é o seu famoso terraço. Com localização privilegiada, recebendo a brisa e olhando a Praia de Cabo Branco, em João Pessoa, o paraibano cumpria seu rotineiro ritual: sentar-se numa das cadeiras, quer para receber visitas, quer para meditar, e receber inspiração para seus escritos. Muitas pessoas tiveram acesso a tal regalia.

Em geral, eram políticos (em busca de conselhos), jornalistas, artistas e até mesmo pessoas comuns da comunidade que tiveram tamanho privilégio. Aproximando-se dos 140 anos de nascimento do “homem de Areia” — que acontecerá em 10 de janeiro —, o jornal **A União** conversou com alguns desses visitantes, que me revelaram como se sentiram com a oportunidade de “um dedo de prosa” com o anfitrião.

A maioria o considerava muito hospitaleiro. Um dos seus hábitos era acompanhar o visitante até o portão, que agora é a sede da Fundação Casa de José Américo (FCJA).

O que disseram essas pessoas sobre José Américo? Vamos conferir a seguir.

Glauce Burity
(historiadora e viúva do governador Tarcísio Burity, ela o acompanhava nas visitas a Zé Américo)

“Dr. José Américo sempre falava em temas literários, sobre suas publicações e ouvia os comentários de Tarcísio acerca das políticas nacional e local, porque eram assuntos que interessavam a ambos. Era uma pessoa de fino trato e deveras observador”.

José Raimundo de Lima
(aposentado, procurador de Justiça do Ministério Público da Paraíba e professor da UFPB)

“José Américo foi para o jardim ver o mar e ele se aproximou: ‘Ministro, sou um jovem de Areia, que queria lhe conhecer’. Sem cerimônia, mas com muita seriedade, ao olhar para [a secretária] Lourdinha, ela acenou com a cabeça e ele me estendeu a mão. Eu falei, em resumo, o que a emoção deixou que eu falasse: ‘Ministro, sei o retrato falado da sua personalidade, mas lhe perguntaria o que senhor aconselharia hoje a um jovem advogado?’. Ele respondeu: ‘Quando você ajudar alguém, não espere reconhecimento. Estude e se prepare para fazer um concurso de carreira jurídica’. Foi um encontro que me deixou feliz”.

Gilson Renato
(jornalista)

“Por volta dos meus 12 anos, fui selecionado com outro colega, pela professora de História, para fazer uma entrevista com José Américo e transformar num trabalho de escola. Fomos de ônibus e lá fomos recebidos por sua secretária, Lourdinha Luna. José Américo foi muito solícito, conversou muito. Era bem paternal e até carinhoso com a gente. Ele conversava muito, perguntou sobre a escola e a literatura também. Mostrou alguns livros e falou sobre a importância deles. Foi uma conversa bem demorada. Foi servido um delicioso suco de cajá com os biscoitos *waffer*”.

Edificada no início dos anos 1950, a casa projetada pelo próprio José Américo era seu local de reflexão e criação literária, além de ser um espaço para receber as visitas

Gonzaga Rodrigues
(jornalista, escritor, membro da Academia Paraibana de Letras e amigo pessoal)

Gonzaga conheceu Américo, no exercício do jornalismo, visitando-o regularmente, e a relação tornou-se amizade, com Gonzaga passando, assim, a visitá-lo assiduamente, aos sábados pela manhã, integrando um grupo de convidados.

“José Américo era, sobretudo, um humanista. Humanista como político, humanista como escritor. Ele era mais do que escritor, era um homem culto, mas simples. Preparadíssimo, mas não mudou a linguagem do merino do Brejo, nem os hábitos naturais, estivesse em casa ou no Rio de Janeiro, fazendo discurso como candidato a presidente da República”.

Francisco Sales Gaudêncio
(historiador, professor, membro da APL e ex-presidente da FCJA)

“As impressões foram a de que eu estava diante do maior monumento humano da época. É inimaginável o meu contentamento de estar diante dele. Era receptivo, um homem imponente, austero. Não era de muita conversa, mas gostava de escutar. Olha, era anestesiante você estar diante daquela grande figura humana. Considerei-me premiado por conhecê-lo. Imagina um jovem do Sertão da Paraíba, naqueles rincões, ter esse privilégio”.

Abelardo Jurema Filho
(jornalista, escritor e membro da APL)

Conheceu José Américo por meio de trabalho escolares, no Rio de Janeiro. Quando veio morar em João Pessoa, surgiu a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente e repetir as visitas, acompanhando seu tio Fernando Milanez.

“Quase desmaiei de emoção, principalmente ao se referir ao meu pai Abelardo Jurema. José Américo de Almeida, um dos líderes mais lúcidos da história da Paraíba, deixou um legado de coragem, honradez e dignidade para todos os seus conterrâneos”.

Ítalo Kumamoto
(médico)

“Fui convocado por dr. José Américo, quando cheguei a João Pessoa, recém-formado. Muito mais que privilégio foi uma honra, por me entregar a responsabilidade para cuidar de sua saúde. A relação teve início na década de 1970 e seguiu até março de 1980, no leito de morte. A visita durava cerca de 30 a 40 minutos e iniciava por volta das 15h”.

Além da assistência médica, o tempo era preenchido por conversas informais, sobretudo sobre o aspecto político, principalmente ao sentir que o médico gostava do assunto. No início, o tema preferido era o episódio da Revolução de 30 *versus* A Revolta de Princesa, cidade onde Ítalo Kumamoto nasceu e seus pais (migrantes japoneses) se fixaram. “Dr. José Américo queria sempre saber as novidades, como estava a política naquela região”.

Nessa convivência, algo lhe chamou atenção: “Nunca vi dr. José Américo falar mal de A ou B, nem sobre sua família. Era muito discreto”, frisa o médico. “Era um homem muito culto e um paraibano com projeção nacional, muito respeitado pelo *status quo* da época e, assim, antenado com os problemas da Paraíba, tinha grande poder de articulação. Ainda hoje é referência”.

Zezita Matos
(atriz e professora)

Aluna do Liceu Paraibano, a atriz fala com o autor sobre uma das suas obras em particular, *Coiteiros*, que viria a ser tema de um espetáculo em que ela atuaria.

“Fomos recebidos por dona Lourdinha, sua secretária. A figura do escritor parecia um ser sobrenatural, calando o grupo que o visitava. Vestido de paletó, era um homem de muito sucesso, sempre sentado numa cadeira especial e falando baixo, dando sempre lições de vida e da política da qual detinha bastante conhecimento”.

O próprio José Américo foi assistir ao espetáculo *Coiteiros*, montado pelo Grupo do Theatro Santa Roza, adaptado por Altimar Pimentel, Elpidio Navarro e Pedro Santos, com direção de Fernando Teixeira, em 1977.

“É muito difícil falar sobre como ele reagiu, além dos aplausos e conversas que ele teve com Elpidio Navarro e Altimar Pimentel, presentes naquela noite e que afirmavam que ele gostou. Para nós, atores, é muito bom quando o autor vai assistir”.

Oliveira de Panelas
(poeta e cantor)

O artista pernambucano radicado na Paraíba teve três encontros com José Américo, na década de 1970. O primeiro aconteceu em 1976, no antigo Pavilhão do Chá, em João Pessoa, no lançamento de um livro. O outro foi em setembro de 1977, quando participou de um festival no Theatro Santa Roza. Na plateia, Américo o convidou para ir cantar na sua residência e disponibilizou um carro para buscá-lo, com Pedro Bandeira e Otacílio Batista. Por fim, no último encontro, o escritor fez uma ligação para o filho, que morava no Rio de Janeiro, para ele ouvir a cantoria pelo telefone.

“Foi a grande percepção dele, a sapiência sobre o conhecimento das coisas e, sobretudo, da valorização da arte. José Américo não era apenas um grande paraibano, mas um grande brasileiro e, sobretudo, um grande humanista”.

Ângela Bezerra de Castro
(escritora, professora e membro da APL)

Ângela Bezerra admira José Américo desde criança, influenciada pelo entusiasmo da avó. Sabendo da sua dedicação ao escritor, recebeu convite do professor Juarez da Gama Batista para conhecê-lo.

“O ministro nos recebeu no terraço. Após apresentados, começaram a conversar, enquanto eu escutava, com a maior emoção. De repente, professor Juarez me ordena: ‘Vamos, fale, diga alguma coisa!’ Falei, sem escutar o som de minha própria voz: ‘Ministro, não consigo ler *A bagaceira*, conforme o entendimento da crítica. Acho que seu livro se diminui, visto como um romance da seca’. Ele se aproximou mais de mim, no gesto de se mover mais à frente da cadeira. Surpreso e atencioso respondeu: ‘É? Pois confie na sua intuição’”.

“Ali nascia a ideia da *Releitura de A bagaceira*. Primeiro, ministrei um curso de aperfeiçoamento. Depois, escrevi minhas aulas para concorrer ao prêmio. Foi a única vez em que estive com o grande paraibano e um prenúncio de me debruçar sobre sua obra, um dia, e ser premiada num concurso literário”.

“Era um estadista, defendia o bem comum, de reputação ilibada, como se comprova pela simplicidade em que viveu. Um perfil de que o Brasil se ressentia, sobretudo pela integridade, pela cultura e pela inteligência”.



TECNOLOGIA

Vendas de smartphones apontam queda de 20%

Registro é o nível mais baixo em 14 anos, motivado pela crise de memória

Agência Estado
Europa Press

As remessas de *smartphones* diminuíram 20% globalmente durante o terceiro trimestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano anterior, atingindo, assim, o nível mais baixo de vendas dos últimos 14 anos, motivado pela crise da memória RAM, pela falta de oferta e por mudanças no comportamento dos usuários.

O setor de tecnologia vem enfrentando uma situação complexa em relação à memória RAM há vários meses, uma vez que se criou um cenário de escassez global que disparou os preços desses componentes, em parte, pelo *boom* da inteligência artificial (IA), que está levando à priorização da fabricação de memórias de alto desempenho para centros de dados.

Como resultado, os fabricantes de equipamentos originais (OEM) ligados a produtos de consumo — tanto *smartphones* quanto consoles de *videogame* e computadores, entre outros setores — estão sendo obrigados a aumentar os preços de seus produtos para lidar com a falta de oferta de componentes.

As consequências dessa situação já estão se fazendo sentir e, de acordo com um estudo realizado pela Counterpoint Research, as remessas globais de *smartphones* atingiram um novo mínimo, com uma queda de 20% em relação ao mesmo período do ano anterior no terceiro trimestre deste ano.

Essa queda representa o nível mais baixo de vendas

globais para esse período desde 2012, conforme detalhado pela empresa em um comunicado, no qual também foi esclarecido que, devido ao aumento dos preços das memórias Dram e Nand durante este trimestre, os fabricantes de equipamentos originais (OEMs) “repassaram o aumento dos custos dos componentes aos consumidores”, elevando os preços de venda ao público dos *smartphones* em até 20%.

No entanto, a Counterpoint também atribuiu essa notável queda nas remessas a uma série de mudanças no comportamento dos consumidores, que agora mantêm seus aparelhos por mais tempo, além de optarem cada vez mais por aparelhos recondicionados e priorizarem aqueles de maior valor.

“Isso gera uma pressão maior no mercado de massa, enquanto a demanda pela linha de ponta permanece relativamente estável, ampliando a diferença entre os segmentos *premium* e os sensíveis ao preço”, afirmou a empresa de análise e pesquisa.

Lideranças

Levando tudo isso em consideração, de acordo com os dados coletados pela Counterpoint, neste trimestre, a Samsung manteve sua posição de liderança no terceiro trimestre de 2026. Isso se deve ao fato de ter registrado apenas uma queda de 3% em relação ao mesmo período do ano anterior, enquanto sua participação de mercado aumentou para 23%, sendo o maior crescimento entre os principais

Colapso

Fabricantes estão sendo obrigados a aumentar os preços de seus produtos para lidar com a falta de oferta de componentes

fabricantes OEM.

Por sua vez, a Apple também registrou bons resultados durante esse período de 2026, já que ultrapassou 20% de participação de mercado pela primeira vez em um terceiro trimestre — especificamente, atingiu 22% de participação, apesar da queda nas remessas.

Ambas as empresas de *smartphones* optaram por se concentrar em seus modelos mais avançados de dispositivos móveis, como a série Galaxy Z Fold8 ou o novo iPhone 18 Pro, e em aumentar os

preços, apostando no segmento *premium* em detrimento da gama média.

A Xiaomi, por sua vez, registrou uma forte queda nas remessas de mais de 30% em relação ao mesmo período do ano anterior durante o terceiro trimestre, o que levou a uma redução de 10% em sua participação de mercado. Quanto a outras marcas, como a Oppo e a Vivo, também registraram quedas nas remessas de dispositivos. Nesse caso, com uma queda de 20% em relação ao mesmo período do ano anterior, resultando em uma redução da participação de mercado para 9% e 8%, respectivamente.

Levando tudo isso em consideração, a Counterpoint destacou que as empresas de tecnologia estão priorizando a lucratividade em detrimento do volume de remessas, principalmente devido ao aumento no custo dos componentes. Assim, espera-se que continuem passando por cortes na produção e redução na oferta de produtos, com foco na linha de ponta.

Charada

Resposta da semana anterior: Leito simples (2) = catre + “bage” (2) = vagem. Solução: bugigangas (4) = catrevagem.

Charada de hoje: Misturando terra (1) com terra (2), só pode dar terra (3).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: reprodução/IMDB

Eita!!!!

Conheça outros astros de Hollywood que também eram inventores geniais

Na edição dominical do dia 4 de outubro, conhecemos celebridades consagradas de Hollywood que também transitaram na seara dos inventos. Era o que tinham em comum nomes como Marlo Brando, Hedy Lamarr, Steven Spielberg, Florence Lawrence e Walt Disney. A seguir, listamos outros famosos detentores de patentes em áreas pouco ou nada relacionadas com o cinema.

Zeppo Marx

Engenheiro mecânico e dono de uma fábrica de engrenagens e correias hidráulicas, o ator e caçula da família de comediantes *Os quatro batutas* teve participação ativa durante a Segunda Guerra Mundial. Foi de sua cabeça que saiu o projeto para o suporte da bomba atômica no avião Enola Gay, que a despejou em Hiroshima, no Japão. Marx também ficou conhecido por criar motores de motocicleta de alta eficiência e baixa potência e, em 1969, patenteou um alarme de pulso para monitorar batimentos cardíacos.

Julie Newmar

A primeira intérprete da Mulher-Gato na série de TV *Batman* (1966–1968) desenvolveu a meia-calça, patenteada em 1970. Em entrevistas que deu na época, Julie Newmar (foto acima) revelou que sempre achou seu figurino pouco sedutor e, por isso, teve a ideia de costurar meias de náilon escuras a uma calcinha preta. A tendência de moda se espalhou e as mulheres norte-americanas passaram a usar as meias “nudemar”.

Harry Houdini

Além de ilusionista, Houdini também atuou como dublê e ator de suspense e ficção científica, como *O mestre do mistério* (1919) e *Ilha do terror* (1920). Ele criou, em 1921, a primeira roupa de mergulho de metal e borracha usada em operações de resgate submarino. A peça original, porém, foi destruída durante um incêndio, em 1995.

Bill Nye

Apresentador da série científica *Eureka* (1993–1998), Nye também é engenheiro aeroespacial e cientista da Nasa. Em 2006, ele até participou do comitê da União Astronômica Internacional, que rebaixou Plutão da categoria de planeta para planetóide. No entanto, o seu feito mais emblemático ocorreu no anonimato: em 1969, quando era um mecânico de aeronaves de grande porte, ele desenvolveu o sistema de ajuste de pressão das válvulas do Boeing 747.

Paul Winchell

O dublador do Dick Vigarista, vilão do desenho animado *Corrida maluca* (1968–1986), era fã do cirurgião Henry Heimlich e, num evento, brincou com ele sobre a possibilidade de se criar um coração artificial. Heimlich achou a ideia interessante e pediu a Winchell que a materializasse no papel. O resultado foi um protótipo que, depois de pronto, foi patenteado pelo ator e doado para a Universidade de Utah, em 1963.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – cruz; 2 – cauda do pássaro; 3 – faca; 4 – toco; 5 – folhas no chão; 6 – caju; 7 – pintas no cachorro; 8 – enxada; 9 – costeira.